



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA – PPGEF
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

MÁRIO RIBEIRO CANTARINO FILHO:
O poeta revolucionário do esporte

Lucas Scaravelli da Silva

Brasília, agosto de 2021.

LUCAS SCARAVELLI DA SILVA

MÁRIO RIBEIRO CANTARINO FILHO:
O poeta revolucionário do esporte

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília sob a orientação do prof. Dr. Edson Marcelo Húngaro.

MÁRIO RIBEIRO CANTARINO FILHO: O POETA REVOLUCIONÁRIO DO ESPORTE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF) da Faculdade de Educação Física (FEF) da Universidade de Brasília (UnB) como requisito integral para a defesa, a ser avaliada pela Comissão Julgadora composta pelos membros:

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. Edson Marcelo Húngaro PPGEF/Universidade de Brasília (Presidente)

Prof. Dr. Pedro Fernando Avalone Athayde PPGEF/Universidade de Brasília (Membro Interno)

Prof. Dr. Roberto Liao Junior SEEDF (Membro Externo)

Defesa em: 20 de agosto de 2021

Local: Sala do Avante, FEF, Campus Darcy Ribeiro

Universidade de Brasília-DF

Dedico esse trabalho aos meus avós e meus pais, que pavimentaram e iluminaram a via na qual eu venho trilhando, essa maravilhosa oportunidade de viver com a riqueza dos estudos que como disse Mestre Pernambuco: “És tudo!”.

AGRADECIMENTOS

Eu não sei como abri os olhos, mas houve um dia em que eu os abri. E invadiu a minha retina uma força de luz que na mesma medida fez com que meu corpo todo naquele momento fosse ativado pelo mecanismo tão complexo chamado Vida, por essa força e por isso sou grato. Existindo e compreendendo os símbolos e as formas de comunicação repetidamente formuladas pelos meus pares, e que por isso cresci os respeitando e aprendendo que quando me alegrava por eles, neste sistema de comunicação denominava-se amor, e assim ainda o é. Aos meus pares ao qual chamo de pai e mãe agradeço a mediação dessa força sem sentido lógico, mas de existência, ao amor em todos os momentos da minha vida e inclusive agora por me permitirem ser livre nas minhas escolhas, por pagar o preço delas em conjunto e resolverem que também podíamos estar juntos inclusive se essas escolhas não fossem tão prósperas na maturidade material, mas que nos amaríamos e seguiríamos juntos de mãos dadas com firmeza nas palavras e nos sentimentos, aos meus pais que ainda existem e resistem em mim, ao meu irmão que aos 45 minutos do segundo tempo e sem prorrogação, viu que poderia haver a possibilidade de eu não fazer mais parte desse jogo por opção minha, segurou a bola e jogou pra escanteio, pediu tempo para o juiz e correu para perto de mim e disse suavemente ao meu ouvido: Eu te amo!

Oh! Bendito seja o inventor dos laços familiares, sejam de quais formas existirem e resistem novamente, os meus me deram a orientação intelectual, a firmeza ideal e a vocação social. Sandra, Paulo e Thalmus, irremediavelmente os amo, e essa é nossa jornada de “explica-ação” no e sobre o mundo, é tudo nosso, juntos!

Aos dois pequenos agora, porque ainda virão grandes não na altura que vemos, mas na altura que realmente são, digo-lhes que são maiores que imaginam, aos meus Cosme e Damião, a dupla fiel e batuta das ideias, pois conversam sobre quaisquer assuntos sem limitação de anacronismo mental, ao Lorenzo Mozart e Enrico Amadeo eu dedico e agradeço. Dedico a eles a possibilidade de cursar um *strictu sensu* na rede pública de ensino, tendo a devolução do Estado em forma de acolhimento intelectual e aperfeiçoamento profissional, sendo inclusive financiado (CAPES) para produzir um material que possa dar retorno para a sociedade, que sem esse auxílio essa pesquisa não seria possível. Agradeço por virem nessa força de vida como meus filhos, por perceberem minhas variações emocionais derivadas da ânsia por uma estabilidade material que lhes

proporcione uma vida digna de propulsão de seus dons, e ainda assim me acalmarem diante de suas alturas que os outros não enxergam, sorriem e repetem o amor declarado.

Agradeço e dedico a mãe dos meus filhos, Caroline Augusta, pelos bons momentos proporcionados enquanto estivemos juntos e pela força geracional desses seres maravilhosos e por ter condições de estar presente, enquanto eu neste momento ainda não posso, compreenderemos isto ainda!

Agradeço, reverencio e dedico às mulheres negras, nordestinas e matriarcas de minha família as quais ensinaram (ainda que eu esteja vencendo o machismo) “como o sino toca” num lar onde elas se fizeram a palavra central de todos, saíram de suas terras natais, criaram perspectivas e com os braços sujos do pó da lida construíram uma família e honraram todos os ancestrais possíveis, meu respeito e amor por Hercília Gomes, Antônia Gomes, Maria das Dores e Isaura de Araújo. Aos homens de minha família, agradeço pelo juízo e pelo respeito a essas mulheres, gratidão Amadeo Scaravelli e Adelino Jerônimo.

Agradeço aos poucos e fortes amigos de ontem, hoje e sempre que me foram o abraço na hora exata e ouvido sem julgamentos, os reverencio por resistirem à minha hiperatividade e continuarem comigo neste front me elevando a saúde mental, Bartolomeu Lins (Bau), Patrícia Silva Souza (Patty), Eldernan Dias (Ruivo), Antônio Carlos (Toninho), Erlando Rêses e Edileuza Fernandes pelo acolhimento e humildade, Renato Sebastião, Vicente Calheiros, Bruno Assis e Diogo Póvoa.

Agradeço a Karlla Emanuelle, Jaqueline Farias, Iris Soares, Aleksandra Pluta, Ana Paula Lima e Tállyta Abrantes que num curto espaço de tempo me ensinaram como ser mais suave e direto, focado e objetivo, respeitando o que é breve, eu lhes sou grato.

Agradeço à Mayra Capelossi Luiz, que me ensinou e ensina que há tempo, há sim e em todo instante, para ser feliz. Gratidão pelo seu sorriso maravilhoso que abre caminhos e mundos.

Agradeço ao meu orientador Edson Marcelo Húngaro, pela presença, simplicidade e humanidade, jamais me esquecerei da sua generosidade, um verdadeiro amigo, gratidão mano!

Agradeço ao Distrito Federal, Sobradinho que me acolheu desde o início, onde me formei como um dos dois melhores atletas do país enquanto servi ao time CASO (Centro de Atletismo de Sobradinho) na prova de marcha atlética, e ao treinador Valtinho Pereira por ter me tratado como um filho.

A professora Ingrid Wiggers, também fico grato por indicar leituras necessárias e importantes para contextualizar esta escrita.

Agradeço ao Prof. Dr. Lino Castellani Filho, pois foi na leitura de sua obra e a participação em suas palestras, além da convivência social, foram fundamentais para a percepção de qual caminho seguir, quando falastes a seguinte frase: “Na vida temos que tomar posição e partido!”, despertei para o sentido da minha pesquisa e meu posicionamento diante dos paradigmas da vida.

Sou feliz e grato por ter a leitura atenta e fiel a ciência da banca de defesa, que deixam o registro do afeto e da firmeza em comunhão no dever de apuração do conhecimento reto e orientador, Pedro Athayde e Roberto Liao lhes direciono gratidão.

Agradeço ao esporte de forma geral, que evitou que eu tivesse que tomar ritalina, que evitou que fosse mais um da zona leste nos centros reformatórios, que me desviou da pichação, do desacato a inúmeras regras comuns de convivência, e que dentro do dragão chamado hiperatividade me orientou para a meditação e a respiração profunda, ao atletismo eu gostaria de gritar: EU TE AMO!

Aos amigos do atletismo que mesmo com as contradições que é ser esportista e treinador na cultura da prática marginalizada, resistem, Marciano Barros, Natanael Barros, Edilberto Barros, Diego Lima, Antônio Ferreira (Ferreirinha), Edson Amaro, Rafael dos Anjos (in memoriam), Valtinho Pereira, João Sena, Caio Sena, Justino Pedro, Cristiano Siqueira, Silvio Ribeiro, Jamir Silva, Otaviano Caetano, Cristiano Siqueira, Aauto Domingues, Gilvan Ferreira e muitos mais. Isabela Ramos, sua história me motiva diariamente, negra, periférica e hoje doutora, quanta honra em lhe conhecer. Aos amigos do podcast Corredores do Fundão, que compartilharam análises críticas e com embasamento teórico sobre esporte e em específico o atletismo.

Agradeço que através do atletismo, e de muitos colegas pude conhecer esse ser humano de prática fiel e justa e um ótimo orientador vocacional, que numa beira de pista, me indicou da marcha para a corrida, por aí e daí em diante minha vida guinou na prática, gratidão mestre: Velho, Mariozinho, Marioto, Canta, valeu Cantarino, faremos suas cinzas no C.O frutificarem, grato pela sua existência!

A Hermenegildo Bastos que me ensinou em seus escritos sobre teoria crítica literária e foi embora fora do combinado, a Wagner Barbosa Matias, companheiro do AVANTE que partiu vítima da política genocida do Governo Federal no não-combate ao Covid-19, sua humildade, simplicidade e talento ficaram impressos em nós!

À Natália Guirado pela revisão e pelas conversas que amainaram a ansiedade e a sede de vida!

À família Cantarino Pessoa, pela confiança, arquivos, conversas e esperança, lhes sou grato!

Ao Sultão das matas e todo povo da floresta, Okê Arô! Ao guardião do conhecimento Mestre José Gabriel da Costa, Luz, Paz e Amor! Ao porteiro dos limites e orientador das fronteiras, Laroyê!

*Vai, Poesia: Toma os meus braços para abraçares o Mundo,
dá-me os teus braços para que abrace a Vida.
A minha Poesia sou eu. (Amílcar Cabral)*

Os homens fazem sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem circunstâncias sob as quais elas são feitas, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram. (Karl Marx)

RESUMO

Pretendemos investigar neste trabalho o percurso histórico de Mário Cantarino, compreendendo sua vida e sua produção profissional e intelectual, examinando de que maneira ela incide com importância para a história da Educação Física em Brasília e no Brasil. Há um movimento considerado renovador que desde meados da década de 80 instiga uma perspectiva crítica da Educação Física, deixando ecoar análises que intencionam uma ruptura sobre o projeto pedagógico do modelo educacional comum, que construiu uma característica de educação enraizada no produtivismo e na disciplina desde os inícios da educação e esporte no Brasil, higienista, militar e adestradora. Para tanto, repetimos essa questão central: como a história de vida e produção intelectual de Cantarino pode determiná-lo como participe de um projeto renovador com intenção de ruptura para uma Educação Física crítica? Organizamos um caminho para responder tal questionamento e reconhecemos que é preciso retomar o processo da forma de se analisar, escrever e contar História. Como objetivo geral pretende-se reacender o debate sobre os sentidos da Educação Física e a sua efetividade crítica. O método utilizado neste estudo se constitui qualitativo a partir da aproximação ao método do Materialismo Histórico-dialético. Para tanto desenvolveremos um roteiro bibliográfico além de entrevistas com personagens participes da história de Cantarino. A fundamentação teórica está baseada em pesquisadores com uma concepção crítica acerca da história e historiografia da Educação Física. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Palavras-Chave: Educação, Educação Física, História, Atletismo, Brasília, Distrito Federal, Movimento Renovador.

ABSTRACT

We intend to investigate in this work, the historical path of Mário Cantarino, understanding his life and his professional and intellectual production, examining how he has an important bearing on the history of Physical Education in Brasília and in Brazil. There is a movement considered renovating that since the 1980s has instigated a critical perspective of Physical Education, echoing analyzes that intend a rupture on the pedagogical project of the common educational model, which built an educational characteristic rooted in productivism and discipline from the beginning of education and sport in Brazil, hygienist, military and trainer. Therefore, we repeat this central question: How can Cantarino's life history and intellectual production determine how to participate in a renovating project with the intention of breaking away from a critical Physical Education? We organized a path to answer this question and we recognize that it is necessary to resume the process of analyzing, writing and telling history. As a general objective, it is intended to reactivate the debate on the meanings of Physical Education and its critical effectiveness. The method used in this study is qualitative based on the approach to the Historical-dialectical Materialism method. In order to develop a bibliographic script in addition to altering it with characters participating in the Cantarino story. The theoretical foundation is based on researchers with a critical conception of the history and historiography of Physical Education. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

Keywords: Education, Physical Education, History, Athletics, Brasilia, Renovator Movement

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Reportagem de atletas estrangeiros visitando Cantarino Filho a fim de treinarem.....	129
Figura 1 - Reportagem sobre Cantarino Filho em Cochabamba	130
Figura 2 - Reportagem sobre Cantarino - A Gazeta	131
Figura 3 - Reportagem de Cantarino Filho no Correio Brasiliense	132
Figura 4 - Reportagem de Cantarino	133
Figura 5 - Reportagem de Cantarino Filho.....	134
Figura 6 - Reportagem sobre acervo pessoal de Cantarino Filho	135
Figura 7 - Cantarino Filho em sua Biblioteca particular.....	136
Figura 8 - Pista de Atletismo do Centro Olímpico da UnB	137
Figura 9 - Homenagem recebido do Deputado Distrital Wasny (PT)	138
Figura 10 - Em Competição de atletismo no CIEF - Centro Interescolar de Educação Física.....	139
Figura 11 - Cantarino Filho e professores da FEF/UNB	139
Figura 12 - Homenagem recebida na UFES em 2014	140
Figura 13 - Homenagem recebida em congresso do CBCE das mãos do diretor Elenor Kunz ...	140
Figura 14 - Homenagem recebida no 1º Congresso internacional sobre Gestão do Esporte.....	140
Figura 15 - Cantarino Filho e Márcio Wandré. Parceria que deu certo.....	141
Figura 16 - Ipê Rosa que floriu com as cinzas de Cantarino Filho que foram depositadas em 2012, no Centro Olímpico da UnB	142

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
DAAD	Deutscher Akademischer Austauschdienst
DEF	Divisão de Educação Física
DED	Departamento de Educação Física e Desportos
DF	Distrito Federal
EsEFEX	Escola de Educação Física do Exército
FEEDF	Fundação Educacional do Distrito Federal
FS	Faculdade de Saúde
INDESP	Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto
JK	Juscelino Kubitschek
SEED	Secretaria de Educação Física e Desportos
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UNB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1. FOI ASSIM.....	15
1.1 Introdução	15
1.2 Metodologia	23
2. ACERCA DA HISTÓRIA	31
2.1 História e suas concepções	31
2.2 A História Antiga, Clássica ou Pré-Moderna	34
2.3 O Historicismo, o Positivismo, A Escola Metódica e o rigor do método... 36	
2.4 A História em Marx e o Materialismo Histórico-Dialético.....	37
2.5 A Escola dos Annales e outras Historiografias.....	44
2.6 O Pós-modernismo, o Revisionismo e a Pós-verdade	46
3. OS CAMINHOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA	49
3.1 O que é Educação Física	49
3.2 Educação Física no Brasil, raízes... ..	54
3.3 Movimento Renovador	61
3.4 Brasília, habemus data!	67
4. O VELHO, HISTÓRIAS PARA CONTAR	73
4.1 Um homem e suas histórias peregrinas.....	73
4.2 Minha Peregrinação sob a Terra.....	76
4.3 O Poeta Aprendiz	80
4.4 E agora? Quer dizer o que é que eu sou?.....	90
4.5 Mário, o que dizem de ti?	100
5. CONSIDERANDO	119
6. REFERÊNCIAS BIBLIGRÁFICAS	124

1. FOI ASSIM...

*... uma cidade de homens felizes, homens que sintam a vida em toda a sua plenitude, em toda a sua fragilidade; homens que compreendam o valor das coisas puras...
- E que fosse como a imagem do Cruzeiro
No coração da pátria derramada.
(Oscar Niemeyer)*

1.1 Introdução

Estamos partindo da estação, alguns trens estão parados em outras plataformas, muitos destinos lhe são direcionados como meta, é assim que se trabalha na companhia férrea da História. Alguns maquinistas com seus múltiplos vagões avançam ou retornam nos trilhos, porém sempre presenciando fatos, ações e memórias que devem a todo momento além de serem lembradas, discutidas, revisitadas, merecem uma nova maneira de compreender o passado. E a partida está próxima, o fiscal desse nosso trem é pontual, o maquinista não gosta de dizer o destino assim logo de cara, porém é receptivo com novatos na viagem, vamos conosco conhecer novos horizontes?

O cenário é a nova capital, saindo do Rio de Janeiro, Juscelino Kubitschek de Oliveira, então Presidente da República, numa proposta ousada e entrecruzada de sonhos, de visões e projetos políticos audaciosos, faz Brasília se realizar justamente devido a uma teia de relações complexas entre movimentos políticos, questões econômicas, anseio social, e determinantes históricos favoráveis. O conhecido slogan "50 anos em 5" pretendia lançar o Brasil desenvolvimentista, herança dos anos Vargas¹, a um país modernista, potencialmente renovado, abrindo mais espaço para as indústrias e com um centro de poder destacado das grandes capitais, entrelaçando como na poesia de Niemeyer na epígrafe, o espaço urbano com o homem moderno, e além de sua poesia os seus traços mediam a utopia socialista da convivência harmoniosa que romperia as classes sociais, e como dito o tempo mostrará o tamanho dessa utopia.

¹ Período histórico e político do Brasil que se dividiu em dois momentos, sob os comandos do advogado e militar Getúlio Vargas, que presidiu de 1930 a 1945 na chamada "Era Vargas", e num segundo momento que presidiu de 1951 a 1954 terminando com seu suicídio em decorrência de uma crise governamental. Uma leitura precisa e profunda desses períodos, nos é recomendada em Fausto (2003) pela Cia. das Letras e que nos serviu de amparo.

A transferência da capital do Brasil, do Rio de Janeiro para Brasília, reacendeu a esperança da criação de valores ímpares em diversas áreas. A proposta ousada de Juscelino Kubitschek reuniu os intelectuais mais qualificados para uma projeção de significância desse intento, sendo para cada tema prioritário numa proposta governamental, e com a educação não poderia ser diferente (SCHWARCZ; STARLING, 2015). Como preocupação de construir uma capital que fosse referência de modernidade em todas as áreas, o Governo JK também pensou na criação de uma educação modelo e formadora, que impulsionasse o país na reparação das demandas sociais de desigualdade e acesso.

Com esse intuito de fazer da “Nova Capital” um exemplo de progresso e ordem, para definir as metas educacionais e reescrever a história da educação no Brasil, JK trouxe consigo o intelectual e educador Anísio Teixeira e o antropólogo Darcy Ribeiro. Anísio Teixeira, educador baiano de vanguarda, foi o principal mentor da educação do Distrito Federal, além de ter sido o organizador das Escolas Parque², ficou responsável pelo plano de formatação escolar para Brasília, com o propósito de abrir oportunidade para a Capital Federal e oferecer à Nação um conjunto de escolas que pudessem constituir exemplo e modelo para todo o sistema educacional do País. Junto nessa demanda educacional, Darcy Ribeiro, antropólogo mineiro que criou uma estrutura inédita para a época – início dos anos 1960 – na nova universidade idealizada por ele, os estudantes teriam acesso ao conhecimento fundamental em institutos e, nas faculdades, além da oportunidade de aperfeiçoar habilidades práticas. Tudo isso em meio a edifícios projetados pelo arquiteto Oscar Niemeyer, esse grupo de intelectuais modernistas desenvolveu um modelo de cidade utópica³ onde se pretendia eliminar as diferenças entre as classes sociais.

A transferência dos organismos do Poder Executivo para Brasília trouxe, em seu bojo, a Divisão de Educação Física (DEF), que surgiu em 1937, setor do Departamento Nacional de Educação, do Ministério da Educação e Cultura. A Divisão de Educação Física transformou-se em Departamento de Educação Física e Desportos (DED) em julho de 1970, e este resultou na Secretaria de Educação Física e Desportos (SEED) em 1979. Posteriormente, surgiu a Secretaria de Desportos, vinculada à Presidência da República

² Considerado um projeto paradigmático, o conceito renovador da arquitetura brasileira marcou história não só na estrutura física, mas também na proposta educacional com a possibilidade de integração das classes, que por si só era revolucionário para a época. O programa escola-parque ainda é uma resistência no Distrito Federal e Salvador.

³ Cidades utópicas são modelos que não possuem o existente como referencial, mas vem da compreensão fina das ideias que pretendem ser vanguardistas e na maioria das vezes progressistas nos seus intentos, contrapondo o existente e projetando a vida melhor.

e, em seguida, criou-se a Secretaria de Desportos do Ministério da Educação e do Desporto. As reformas prosseguiram com o surgimento do gabinete do Ministério de Estado Extraordinário dos Esportes – em 1995 na gestão presidencial do sociólogo Fernando Henrique Cardoso – e o Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto (INDESP) e, mais recentemente, em 2003 na gestão presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva criou-se o Ministério do Esporte. Foram três décadas de alterações políticas e administrativas, na esfera nacional, para a Educação Física e os Desportos, tendo como palco a Capital Republicana, em Brasília (CANTARINO FILHO; MIURA, 2010).

Em abril de 1941, pelo Decreto-Lei 3.199, instituiu-se o Conselho Nacional de Desportos, no Ministério da Educação e Saúde e estabeleceram-se “as bases de organização dos desportos” no Brasil. Esse órgão transferiu-se muitos anos depois da Capital ser instalada no Planalto e, em virtude de diversas reformas legais, transformou-se em Conselho Superior de Desportos (1993), em Conselho de Desenvolvimento do Desporto Brasileiro (1998), e depois em Conselho Nacional de Esporte (2001-2002). A Fundação Educacional⁴ foi criada em setembro de 1960 e, em 1962, criou-se o Conselho de Educação do Distrito Federal. O plano geral de ensino do Distrito Federal, nas décadas de 1960 e parte de 1970, apresentava estrutura diferenciada entre as escolas situadas na zona rural, nas cidades satélites e entre as escolas do Plano Piloto, com jardim de infância, para crianças de 4 a 6 anos de idade; escola-classe para as idades de 7 a 11 anos, e escola-parque, com a finalidade de completar a educação básica com atividades artísticas, físicas e recreativas. Era então o sistema adotado, alterando-se posteriormente, por força dos novos princípios e fundamentos da educação brasileira, moldava-se e ia se estruturando com o tempo a educação na capital.

O órgão competente de direção da Educação Física Escolar, na década de 1990 e no ano de 2000, elaborou e divulgou documentos que denotam as características políticas e os pensamentos dos dirigentes, no que concerne à prática pedagógica das atividades físicas, desportivas e recreativas no sistema de ensino da região. Foram elaborados documentos, com substituição de conceitos, tais como: Subsídios para reflexão de uma nova práxis em Educação Física (1991); Currículo de Educação Básica das escolas públicas do Distrito Federal (1993); Educação Física: tratamento metodológico (1994); Núcleos de Educação com o movimento em escolas com alunos pertencentes às fases

⁴ Em decreto nº 21.396 de 31 de julho de 2000, extinguiu-se a Fundação Educacional do Distrito Federal que serviu desde 1960 como estrutura organizacional da educação no Distrito Federal, cedendo espaço burocrático e estrutural para a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.

iniciais da Escola Candanga (1997); Currículo da Educação Básica das Escolas Públicas do Distrito Federal: Ensino Fundamental (2000).

Com a construção curricular e temática sobre o profissional de Educação Física e a prática desportiva, houve a necessidade de inserir no quadro da Universidade Nacional um professor que tivesse a vivência do magistério, porém também a experiência da ciência prática do treinamento desportivo, já que predominantemente o exercício específico da docência na Educação Física tivesse “reservada” aos militares que complementaram sua formação na Escola de Educação Física do Exército (EsEFEX), mostrando assim qual era a “filosofia” e didática dessa área naquele momento. Assim, em 1974, foi requisitado a realocação do professor Mário Ribeiro Cantarino Filho – um profissional de vivência rica e ampla nos requisitos solicitados – da UFES (Universidade Federal do Espírito Santo) para Brasília.

No segundo semestre de 1973, a Universidade de Brasília efetuou um concurso nacional para preenchimento de vagas no quadro e professores de Educação Física, o que não era habitual na instituição, pois os docentes eram selecionados através da apresentação do “curriculum vitae”. As provas foram realizadas no mês de novembro e o resultado final foi homologado pelo Reitor, em dezembro do mesmo ano. Entre os muitos candidatos presentes, tive eu a aprovação. Em razão do meu vínculo com a UFES e havendo interesse da UnB em contar com a minha colaboração como Docente, foi então solicitada a minha disposição, sem ônus para a instituição de origem e, a partir de 22 de março de 1974 foi concedida tal solicitação. Naquele momento era eu professor assistente tornando-me, na UnB, professor visitante. (CANTARINO FILHO, 2010)

Mário Ribeiro Cantarino Filho, professor de Educação Física, conhecido por muitos como Professor Cantarino, nasceu em Niterói no dia 5 de setembro de 1930. Formou-se pela Universidade do Brasil do Rio de Janeiro, localizada na Praia Vermelha, e iniciou sua carreira profissional em Vitória – Espírito Santo, em 1962. Em 1974 transferiu-se para Brasília, por obter êxito em um concurso de Educação Física em nível nacional para docentes, passando a ministrar aulas na UnB (Universidade de Brasília), no primeiro curso de Educação Física da Capital Federal. Foi também professor no primeiro curso de Educação Física privado do Distrito Federal – a Faculdade Dom Bosco de Educação Física. Como a UnB exigia dedicação exclusiva, foi obrigado a abandonar essa faculdade. Sua presença marcante tanto na EF quanto no esporte é uma constante, tornando-se treinador de atletismo desde aptidões escolares até atletas renomados no chamado alto rendimento, como Joaquim Cruz e outros.

Diante desse contexto apresentado, temos o objetivo de compreender como os traçados do percurso histórico de Mário Ribeiro Cantarino Filho refletiram na construção da EF como campo historiográfico, desde a construção da “Nova Capital” até os dias atuais, buscando identificar seus reflexos nas realidades locais. Para tanto, será necessário descrever, comparar e analisar as produções intelectuais e os relatos de vida sobre Cantarino Filho durante sua trajetória como professor universitário de EF, e treinador de atletismo.

A história e o percurso profissional do professor, se (con)fundem com a história do esporte e da EF do Distrito Federal na sua íntima evolução, e disputa por espaço em todos os perímetros sociais e políticos da região. Com o reconhecimento profissional e acadêmico da Educação Física desde a chegada desse mestre, os escritos avaliativos do professor que eram redigidos anualmente e enviados para os órgãos responsáveis do Estado a título de consultoria e aconselhamento, e os anos de gestão como Presidente de diversas federações esportivas do DF, incentivou a concretização de políticas públicas de esporte e lazer para a cidade, tendo diretamente participado Cantarino para que as mesmas fossem sancionadas e rigorosamente executadas. Por exemplo, três programas esportivos do DF que por lei ainda vigoram: Geração Campeã, Compete Brasília e Bolsa Atleta (além de outros) que buscam mesclar o fomento ao desporto escolar e o incentivo para o alto rendimento.

A proposta é demarcar a ligação entre a historiografia da EF no Brasil e as categorias de historicidade, mediação, contradição e totalidade em Cantarino, o que poderá ser articulado devido ao que o campo de estudos sócio-históricos relacionados ao esporte permite. As análises sócio-históricas da EF terão como referencial teórico o materialismo histórico-dialético, pensado a partir das obras de Marx e Engels, inscrevendo-se no assim chamado paradigma da teoria social, buscando neles compreender o conceito de história para que possamos contar a história do homem e sua sociedade:

Como em geral em toda ciência histórica e social, no curso das categorias econômicas é preciso ter presente que o sujeito, aqui a moderna sociedade burguesa, é dado tanto na realidade como na cabeça, e que, por conseguinte, as categorias expressam formas de ser, determinações de existência, com frequência somente aspectos singulares, dessa sociedade determinada, desse sujeito, e que, por isso, a sociedade, também do ponto de vista científico, de modo algum só começa ali onde o discurso é sobre ela enquanto tal. (MARX, 2011, p. 59)

Na mesma medida buscamos examinar o percurso de um indivíduo que pode carregar em si a chave de compreensão de um dado período histórico, a singularidade do ser e sua mediação com o vir a ser, trazendo o sentido de humanidade em suas ações que podem determinar os significados das ações futuras de outros homens. Por isso podemos questionar, que coisa é o homem? Na busca da resposta, começemos pelo entendimento comum e corrente que reporta o homem ao indivíduo, para observar que na verdade, não nos interessa saber o que cada indivíduo, cada homem singular é, em cada momento singular. Quando pensamos na questão “o que é o homem?”, de fato estamos interessados em saber em que o homem pode tornar-se, o que o homem pode vir a ser. Em suma, queremos saber se o homem pode dominar seu destino, fazer-se a si mesmo, criar sua própria vida da forma que quiser, porque o homem é apenas o instrumento da Providência e os seus atos acabam sempre por ir ao encontro das intenções desta (SCHAFF, 1987).

Com relação a esse fio filosófico sobre a existência humana, questionaremos pesquisando quem é Cantarino? Que parte da história ele pode representar importância com suas ações? E como essas ações podem refletir no tempo histórico?

A memória do esporte, inicialmente em Brasília e posteriormente nas demais cidades do Distrito Federal, ainda está por ser escrita. Gustavo Mariani deu o primeiro passo, historicizando cada modalidade esportiva de seu início até o final da década de 1970, quando escreve “História do esporte em Brasília”; Adirson Vasconcelos em seu livro “Brasília, 40 anos” apresenta alguns dados referentes à década de 1960; e Luiz Roberto Magalhães, em uma série de seis artigos, “Pioneiros do Esporte”, publicados no Correio Braziliense, em abril de 2006, aborda o futebol, o Vôlei, o Basquete, o Atletismo, o Automobilismo e a Vela. Uma fonte de informação, aqui e ali, é possível ser encontrada, porém uma obra mais profunda sobre o esporte candango ainda não foi achada (CANTARINO FILHO; MIURA, 2010).

Como disciplina curricular no sistema de ensino da Secretaria de Educação do Distrito Federal, a Educação Física tem passado por diversas propostas pedagógicas. Seminários, debates, cursos de atualização e a elaboração de documentos oficiais demonstram as diferentes visões e fases em que a programação da EF Escolar se transformou, no decorrer dos anos, no Distrito Federal.

A EF também reproduz esses interesses, contribuindo para a conservação desse modelo configurado, alienando os indivíduos, preparando-os tão somente para o mercado de trabalho a fim de reproduzir a lógica do capital. O chão da quadra constitui-se então

nas escolas de práticas hegemônicas conservadoras e se não bastasse, constitui-se muitas vezes como uma disciplina menosprezada que não está legitimada de fato na escola, sendo caracterizada como uma prática inferior. A dificuldade de legitimação da Educação Física está inserida na história da educação, e compreender sua história permite examinar melhor as razões pelas quais há uma desvalorização da disciplina, porque se confunde a função do professor e de que forma a educação contribui para a manutenção do modelo de sociedade atual (CASTELLANI FILHO, 2013).

Sendo uma (re)construção histórica, é dever dedicar aos sem nome, aos oprimidos, ao levante das massas, e a tradição dos oprimidos nos ensina que “o estado de exceção” em que vivemos é, na verdade, a regra geral (BENJAMIN, 1985). Existem condicionantes estruturais que levam o indivíduo, os grupos e as classes para determinados caminhos; mas todos têm capacidade de reagir a esses condicionamentos e até mesmo de transformá-los, pois a história é um processo, ela possui um movimento contínuo, e é possível devido a interação do homem com a natureza e disso o resultado de transformação do homem pelo trabalho, e do trabalho do homem na natureza.

Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram. (MARX, 2011, p. 25)

A possibilidade de fazer uma continuidade dos estudos acadêmicos e seguir veredas na pós-graduação *strictu sensu*, sempre foi luz de candeeiro em minha mente, venho de uma família de gerações de professores e isso esteve presente na construção das minhas brincadeiras de infância, das conversas entre amigos na adolescência e do valor que a profissão tinha e têm no imaginário da minha família. Tal qual famílias que seguem na tradição geracional, avós, pais e filhos médicos ou advogados, a minha exclusivamente me concedeu essa facilidade real de me tornar professor, aceitei e aceito esse galardão e me dediquei ao ingresso neste programa de pós-graduação ao qual pertenço. A Educação Física veio pela prática do esporte como rendimento, foi a única forma de considerar uma convivência harmoniosa em casa, na escola e com os amigos, diante de um diagnóstico de hiperatividade intensa, meus pais e principalmente minha mãe com suas tendências “naturalistas” nos cuidados médicos, preferiu me conduzir no esporte ao invés da ingestão do famoso remédio controlador de ânimos chamado ritalina.

E foi assim que meu pai me levou a praticar atletismo, com crianças em situação de risco social, no seu trabalho como educador social, me serviu de duplo remédio, para a hiperatividade e para o trabalho crítico sobre a condição social de crianças da mesma idade que eu e em situação mais difícil que a minha. Levei esse “remédio” para a vida adulta, ingressando em equipes de alto rendimento, desde São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul até chegar em Brasília. E foi nessa ancoragem em Brasília no início desse século, que pude ter contato com o que muitos treinadores e atletas consideravam como “fino da bossa”, convivendo com personagens importantes tanto na prática de alto rendimento como outros considerados verdadeiros intelectuais do meio, e assim pude conhecer Mário Ribeiro Cantarino Filho e que agora queremos homenagear.

Neste primeiro capítulo pretendemos falar um pouco do contexto em que está inserido nomeadamente o professor Mário Cantarino e a construção educacional e esportiva no DF, dentro dessa realidade poderemos compreender uma figura que possivelmente será compreendida na história, pois se posiciona no que buscaremos averiguar “entre períodos” do percurso histórico da EF⁵ no Brasil, e para isso explicitaremos o percurso metodológico para esse intento.

O segundo capítulo será onde buscaremos alcançar a compreensão sobre o que é história, como o homem produz história e sua própria história, e para isso entendemos que é necessário compreender as diversas escolas metodológicas existentes na historiografia, para analisar o que o materialismo histórico cunhou como “a ciência” - a história em si. Ato contínuo, poderemos entender como contar uma história, de um determinado sujeito que com suas singularidades pode ser partícipe da história de uma profissão e de um movimento singular no posicionamento político de uma categoria profissional.

Sentimos a necessidade de no terceiro capítulo explicitar sobre como poderemos entender o que é essa área científica, a EF, e como ela foi construída e pensada no sistema educacional de nosso país, ao ponto de ir permeando os diferentes contextos históricos, construindo caminhos diversos e diante disso surgindo nessa área, um importante movimento para a construção crítica nas metodologias de ensino e ruptura como passado positivista, inserido na compreensão do processo de democratização da nação, denominado como renovador.

⁵ A abreviação de Educação Física não diminuirá e nem reduzirá a uma compreensão generalizada do conceito histórico e educacional que a área possui, mas denotará a facilidade de compreender a quantidade de vezes que se repetirá no texto, por necessidade.

E no capítulo quarto precisamos falar da centralidade do percurso histórico na EF por Mário Cantarino, quem é esse homem? Onde inicia a sua história? Por que falar dele? E quais implicações a sua história teria para a compreensão crítica de uma Educação Física renovadora progressista no Brasil?

No capítulo quinto, o que regularmente e por tradição científica há que se chamar de conclusão, porém viemos concentrando na construção argumentativa desse item, e entendemos que podemos considerar alguns aspectos que integram uma possível realidade, mas concluir uma vida e várias histórias nos têm se mostrado difícil, e como diria o poeta pernambucano Écio Rafael e nós coadunamos: “*Certeza não há, mas desconfiamos de muita coisa!*”.

1.2 Metodologia

Como procedimentos técnicos serão utilizados: a pesquisa bibliográfica buscando informações e fundamentações a partir de livros e artigos científicos, a pesquisa de arquivos e memoriais em documentação pessoal e familiar do objeto, com a intenção de realizar uma observação investigativa da realidade envolvida no momento central relativo ao percurso histórico profissional de Mário Cantarino, com a hipótese de ter sido liga fundamental para o processo de (re)organização da Educação Física, no então Movimento Renovador em meados da década de 80, em ajuste aos problemas e os objetivos já estabelecidos.

O método de compreensão da realidade a ser utilizado, será o Materialismo Histórico e Dialético, de inspiração dos modelos de estudo de Marx e Engels. Esses autores não se debruçaram sobre uma epistemologia, uma teoria de como conhecer, e sim (mesmo que esse não fosse o foco de sua pesquisa) em uma ontologia: o que são os seres humanos no modo burguês de organização social. Entretanto, nessa caminhada pela busca do desvelar da realidade no conhecer do objeto “*A Ordem burguesa*”, Marx e Engels acabam nos deixando riquíssimos registros metodológicos do fazer em pesquisa.

Na busca por conhecer esse modo de produção humana, deixaram pressupostos teórico-metodológicos e apontamentos na busca pela realidade. Afirmaram que para se conhecer um objeto é necessário um movimento de idas e vindas, em que se parte da aparência do objeto, superficial e imprecisa, seguindo para uma compreensão mais madura, buscando assim a saturação de determinações em sucessivas aproximações. Essa saturação representa um acúmulo de conhecimento sobre o objeto, o contexto em que está inserido e seu tempo histórico:

Investigar, para Marx, é buscar essas determinações do objeto. O conhecimento do objeto e tanto maior quanto maiores forem as determinações encontradas, ou seja, quanto mais se satura o objeto com determinações maior é o conhecimento a respeito dele. (HÚNGARO, 2014, p.72)

Entendemos à luz dos textos de Marx, que a sociedade é um todo articulado, onde cada objeto é rico em determinações. Determinações essas interligadas, articuladas e em movimento formando um complexo, e a sociedade é formada por “complexo composto de complexos” (LESSA, 2012). Assim, o momento ontológico determinante é o da produção material da vida social.

Cabe, ao pesquisador apreender os determinantes fundamentais do complexo em foco. Em acordo com os autores, os complexos apenas podem ser entendidos na sua conexão com outros complexos. Tendo em mente que todos esses complexos estão em processo, em movimento, e são movidos por uma definição exata e fundamental dessa totalidade: a categoria da contradição (HÚNGARO, 2008).

A pesquisa desse material será feita a partir de acervos documentais das organizações, entidades e personalidades ligadas ao Cantarino Filho, além de mídia eletrônica. Para a realização das entrevistas pretende-se utilizar roteiro de questões abertas e semi-estruturadas, com gravação e transcrição de áudio.

Como o ser é ser social, a sua essência não é imutável, ou seja, ser é vir a ser. Esse é um princípio fundamental para se pensar revolucionariamente, o homem é um ser social, mas que está em constante transformação porque ele muda o mundo e muda a si próprio. Paulo Freire (1996) dizia que o homem é um ser inacabado e inacabável: não há separação entre natureza e cultura: sem oxigênio nenhum de nós vai existir, sem nutrientes não vamos existir, então nós somos seres naturais, como uma série de seres, a vaca, o bode, a rosa.

Assim, o homem existe e por isso ele pensa. O materialismo na filosofia é sempre considerar o existir anterior ao pensar, e o agir é construir história, sendo a história produto das ações humanas e não o contrário, define a vida como determinante da consciência, levando a história como plano consciente, modificado pela vida ativa do homem – essa atividade plena e total que ele define através da interação homem com a natureza, trazendo a categoria fundante de compreensão material – o trabalho.

Não têm história, não têm desenvolvimento, são os homens que desenvolvem a sua produção material e o seu intercâmbio material que, ao mudarem essa sua realidade, mudam também o seu pensamento e os produtos do seu pensamento. (MARX, 2009, p. 32)

O que há, em primeiro lugar, a ser destacado na contribuição teórica de Karl Marx é a sua concepção dialética da história, pela qual há a contradição, o conflito, a luta de classes enfim, promovendo o choque entre posições de classe e visões de mundo antagônicas, é o que movimenta na direção das mudanças sociais, políticas e culturais.

Marx privilegia o estudo dos conflitos no processo histórico evidenciando o papel ativo do sujeito na construção das relações humanas e das mudanças sociais. Faz-se necessário discriminar a prática, no caso, o esporte, da instituição, a estrutura material, como, a título de exemplo, um clube de esportes, o local da prática. Entretanto, há a possibilidade de a prática igualmente ser considerada como espaço em que acontece a elaboração, difusão e disputa de visões de mundo. Embora as fronteiras sejam bastante tênues na realidade concreta, costuma-se decompor, no plano abstrato, o esporte em esporte de alta performance, profissionalizado, ou de rendimento, e esporte amador, ligado ao "lazer", ao "tempo livre", ou "tempo de não-trabalho".⁶

São as relações materiais, concretas, que os homens estabelecem entre si que explicam as ideias e as instituições que eles criam. Por isso mesmo, para se ter uma compreensão adequada da realidade, não se pode nem partir nem permanecer no mundo das ideias. É preciso buscar a conexão do que elas têm com a realidade objetiva. Só essa conexão permitirá entender o que os homens pensam, porque pensam desse modo e as ideias errôneas que eles criam a seu respeito.

Todo grupo social, nascendo sobre o terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria junto a si, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função não apenas no campo econômico, mas também no campo social e político”. E exemplifica com o “empreendedor capitalista que cria consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura, de um novo direito etc. Acrescenta, ainda, que o próprio empreendedor capitalista também revela capacidade dirigente e técnica que, por sua vez, já representa uma função intelectual (GRAMSCI, 2002).

⁶ Não pretendemos estender o debate para o significado real de esporte, lazer e trabalho. Mas nos referenciamos e buscamos essa dinâmica sobre as relações entre trabalho e lazer, como também a compreensão do tempo livre na forma de avanço social e força histórica dos trabalhadores em Mascarenhas (2005).

As condições de existência de homens reais na sociedade são o ponto central da análise de Marx nas relações estabelecidas em determinada classe e entre as diversas classes que compõem a sociedade, relações estas que precisam ser reais na mesma medida que as existências. Para ele, só é possível entender as relações dos indivíduos com base nos antagonismos, nas contradições e na complementaridade entre as classes sociais.

Marx cria a perspectiva de que a chave para compreender a vida social contemporânea está na luta de classes, que se desenvolve à medida que homens e mulheres procuram satisfazer suas necessidades, “oriundas do estômago ou da fantasia” (MARX, 1996), da carência de recursos básicos para a sobrevivência, lança-se o homem ao conflito baseado no resistir para existir. Enquanto houver a sobreposição de homens que se abastam de recursos materiais sob outros homens que carecem dos mesmos recursos, e que constroem as condições e formas materiais para os abastados, haverá então a necessidade de luta de classes.

Somos forçados a começar constatando que o primeiro pressuposto de toda a existência humana e, portanto, de toda a história, é que os homens devem estar em condições de viver para poder “fazer história” (MARX & ENGELS, 2011). Por isso, os homens são radicalmente históricos e radicalmente sociais, isto é, são eles que se criam inteiramente a si mesmos e a toda a realidade social, através da atividade coletiva, sempre com as condições que possuem no tempo em que se situam.

É exatamente esta concepção de história que orienta todo o trabalho teórico e prático de Marx e Engels até o fim de suas vidas e que estabelece um patamar radicalmente novo de produção do conhecimento científico e filosófico, daquela época até os dias atuais.

Ainda neste método de disposição do conhecimento, não há como separar o desenvolvimento teórico do sujeito, que possibilitará melhor compreensão do objeto estudado:

[...] parece certo que o método só se encontra na própria investigação e que está só pode ser válida e frutífera na medida em que toma consciência, progressivamente, da natureza de seu próprio avanço e das condições que lhe permitem avançar. (NETTO, 2011, p. 26)

É importante entender que o enriquecimento de determinações através do estudo teórico, é o essencial para a aproximação entre o sujeito (pesquisador) e o objeto que

estuda. Entendemos mais uma vez, que assim o caminho metodológico se construirá conforme o processo de idas e vindas e as sucessivas aproximações (HÚNGARO, 2008), que o materialismo histórico-dialético identifica como sendo o movimento da realidade histórica, ir e vir, e vir a ser, é a medida do caminho percorrido pela verdade subjetiva que representa a totalidade de todos os fatos históricos. Assim, será realizado o percurso cognitivo do complexo aparente – determinações mais simples – complexo. Investigar é buscar o máximo de determinações do objeto, saturá-lo a fim de compreendê-lo.

Essas determinações também podem ser denominadas categorias, e de acordo com a tradição marxista, as categorias não devem ser colocadas de forma a priori pois elas vão sendo construídas, partindo do conhecimento que é apresentado na mediação das sucessivas aproximações ao objeto, buscando assim a máxima fidelidade ao que representa o objeto de pesquisa. E como entender o que representa verdadeiramente o objeto? Dentro dessa proposta, visando ainda reconhecer a essência do objeto, preenchendo-o cada vez mais de determinações, em busca da representação ideal do movimento real, faz-se necessária uma busca orientada e mais detalhada em teses e dissertações científicas, sites de grupos de pesquisa engajados na temática proposta, seleção e leitura de livros e de autores clássicos originados na tradição do pensamento clássico, e revisão bibliográfica norteada por análise de fontes documentais. Nesse sentido, trazendo como técnicas de pesquisa, Netto (2011) apresenta os seguintes esclarecimentos:

[...] os instrumentos e as técnicas de pesquisa são as mais variadas, desde a análise documental até as formas mais diversas de observação, recolha de dados, quantificação etc. Esses instrumentos e técnicas são meios de que se vale o pesquisador para “apoderar-se da matéria”, mas não devem ser identificados com o método. (NETTO, 2011, p. 29)

O método não pode ser considerado tão somente os instrumentos e técnicas de pesquisa, podemos recorrer ao uso que se fará dos resultados obtidos através dessas técnicas e possibilidades instrumentais, considerando e identificando a análise contextual do objeto e sua totalidade, como o caminho percorrido até ele, de propriamente o método.

Enfrentando as teorias que focalizam exclusivamente os movimentos sociais e seu potencial impacto sobre a esfera societária, especialmente em dimensões culturais (valores, ideologias e os costumes), com forte enraizamento histórico, todas essas teorias centradas na historiografia marxista, que tem no processo social o fio condutor da

explicação para a forma pela qual os movimentos sociais aparecem, se relacionam com esferas partidárias e estatais, se institucionalizam e até desaparecem, de modo geral a literatura sobre o Movimento Renovador da EF no Brasil esteve quase que confinada ao campo das metodologias de ensino.

Por outro lado, os estudiosos sobre movimentos sociais negligenciaram esse movimento, assim como aqueles cujas singularidades não eram classistas. Conhecimento é poder, e esse lugar-comum se aplica à História tanto quanto a qualquer outro campo do conhecimento. Porém lugares-comuns geralmente encobrem verdades não tão comuns. Os breves esboços de alguns dos contextos nos quais usos históricos do Tempo se desenvolveram, têm o objetivo principal de recontar uma história cuja conclusão está em aberto, e é aberta e contraditória (FABIAN, 2013).

Sob pena de incorrer em algum exagero, pode-se dizer que o interesse na relação entre a história de um dado tempo e suas perspectivas sociais possui duas vertentes: os estudos sobre singularidades e as investigações acerca do impacto da variável movimentos no comportamento político-social.

A preservação dessas singularidades citadas anteriormente é papel fundamental do historiador. Dessa forma, Walter Benjamin (1985) esclarece sobre a função em que o historiador (não somente historiador, mas historiador com referencial teórico marxista) é obrigado a explicar de uma ou de outra maneira os episódios com que lida, e não pode se contentar em representá-los como modelos da história:

O materialista histórico não pode renunciar ao conceito de um presente que não é transição, mas para no tempo e se imobiliza. Porque esse conceito define exatamente aquele presente em que ele mesmo escreve a história. O historicista apresenta a imagem “eterna” do passado, o materialista histórico faz desse passado uma experiência única. Ele deixa a outros a tarefa de se esgotar no bordel do historicismo, com a meretriz “era uma vez”. Ele fica senhor das suas forças, suficientemente viril para fazer saltar pelos ares o continuum da história. (BENJAMIN, 1985, p. 230)

Para o processo de análise documental, a palavra dita após passar pelo estágio de gravação e conversão em escrita, representa um avanço no conceito de documento e na possibilidade de análise social, um processo universal, amplo e abarcando toda a humanidade, como existência. Em Cellard (2008) percebemos uma advertência para que antes de proceder à análise dos documentos, precisamos realizar um preparo do material, examina-lo independente das condições e qualidade, sendo que o documento não pode e

não deve ser modificado, aceitando em sua forma para que extraíamos a análise que no leve a compreensão e a interpretação.

As capacidades da memória são limitadas e ninguém conseguiria pretender memorizar tudo. A memória pode também alterar lembranças, esquecer fatos importantes. ou deformar acontecimentos. Por possibilitar realizar alguns tipos de reconstrução, o documento escrito constitui, portanto, uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito freqüentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente. (CELLARD, 2008, p. 295)

Tal exame preparatório consiste em buscar qual é o contexto social global no qual o documento é inserido, quem são seus autores ou autor, quem está falando e/ou em nome de quem se fala; qual seria a autenticidade da informação obtida e sua parcialidade, bem como a procedência do documento; a natureza do texto, se oficial ou íntima, por exemplo, e em vista disto conduzir a análise. Além da natureza deste documento, sendo arquivos, textos, livros e até mesmo relatos orais em fontes de gravação ou entrevistas.

Buscando e desejando o resgate de uma história dos vencidos, em contraposição à história tradicional (uma história dos “vitoriosos”), Thompson (1998) sinaliza em uma mensagem clara, de que os indivíduos desempenham uma função fundamental no processo de transformação da sociedade - o ser e o vir à ser - voltam como parte dessa função em conjunto com o trabalho, afirma também que o trabalho do historiador consiste num diálogo com evidências, sendo uma dialética entre o conhecimento adquirido do pesquisador e os registros do passado, pois a consciência histórica deve auxiliar-nos a entender as possibilidades de transformação que são possibilidades quando podemos contar com as pessoas nesse processo, o ser social.

Num primeiro momento, em consonância com o método, será realizada uma revisão sistemática na literatura marxista, marxiana e no campo da História, a fim de buscar as primeiras aproximações ao objeto, discordâncias e possíveis consensos já produzidos na área de conhecimento, o que entenderemos melhor nas reflexões que faremos sobre as concepções de historiografia. Caminharemos ao aprendizado da gênese do objeto pesquisado, investigando o delimitar do movimento histórico de Cantarino no contexto de uma Educação Física e as suas possíveis mediações internas e externas.

Buscar no plano das ideias, após a experiência com a materialidade, o que o objeto foi, o que é e o que pode vir a ser.

Num segundo momento além da confrontação com a realidade na pesquisa de campo tendo assim a prática como critério da verdade, entender quais são os passos a serem dados acerca do exame dos dados colhidos para transformar numa possível discussão biográfica.

Escrever a vida é um horizonte inacessível, que, no entanto, sempre estimula o desejo de narrar e compreender. Todas as gerações aceitaram a aposta biográfica. Cada qual mobilizou o conjunto de instrumentos que tinha à disposição. Todavia, escrevem-se sem cessar as mesmas vidas, realçam-se as mesmas figuras, pois lacunas documentais, novas perguntas e esclarecimentos novos surgem a todo instante. A biografia, como a história, escreve-se primeiro no presente, numa relação de implicação ainda mais forte quando há empatia por parte do autor. (DOSSE, 2009, p. 11)

E novamente o retorno à sistematização das determinações apreendidas no, agora possível, concreto pensado. E sendo o real um movimento contínuo na história, vamos nos acomodar em nosso trem ultra histórico, porque já é dada a hora exata de compreendermos como o homem organizou as formas de se contar/narrar a sua própria História.

2. ACERCA DA HISTÓRIA

Ah, quem escreverá a história do que poderia ter sido? Será essa, se alguém a escrever, a verdadeira história da humanidade. O que há é só o mundo verdadeiro, não é nós, só o mundo; O que não há somos nós, e a verdade está aí.
(Álvaro de Campos)

2.1 História e suas concepções

Um renomado compositor brasileiro comungou conosco em sua contribuição intensa para a arte: “Não se afobe não, que nada é pra já”⁷, e assim como o amor, a História e a história não têm pressa, nossa locomotiva apita em mais uma estação, aquela que agora visa nos esmiuçar as intensidades, variações e contradições do modo de fazer e narrar, entendidas pela ciência e por nós como historiografia. E baseados na teoria da história, iremos refletir nessa viagem sobre o tempo histórico de cada corrente teórica da História.

O poeta lusitano Fernando Pessoa, através de seu heterônimo Álvaro de Campos deixa a pena questionar, sobre a autenticidade da escrita da história, nossa história enquanto humanidade, é o homem ou são homens nesse sentido de espécie e gênero que a escrevem? Como é o ato e a motivação para essa escrita? Dentro dessas perguntas tão profundas resta-nos buscar compreender antes delas, o que é essa história que a humanidade constrói e narra como História⁸.

Quando perguntamos comumente “o que é história?”, é lugar comum ter como resposta que se trata da maneira de estudar o passado, ou ainda equivocadamente é definida como a forma de estudar os erros do passado para não voltar a repeti-los no presente. É tão leviana quanto injusta essa abordagem sobre o que seja história, se assim fosse verdade não haveria ainda guerras, disputas políticas equivocadas e milhares de outras ações humanas que vão se repetindo ao longo dos anos.

Explicar sobre si próprio, sobre sua origem e seu cotidiano é uma necessidade humana desde sempre. Desde os períodos históricos iniciais da humanidade, quando os homens ainda se organizavam como caçadores e coletores apenas, havia a maneira de se

⁷ Francisco Buarque de Holanda, conhecido como Chico Buarque, na letra “Futuros Amantes”, fala do tempo do amor e dos amantes, não há pressa justamente porque o amor acontece no tempo de nossas distrações. E assim comungamos a compreensão para o fenômeno da História, ela acontece no tempo maior de nossas distrações sobre ela. Por isso é necessário paciência e o retorno a ela, para melhor compreendê-la, e isso faremos a todo instante como poderá perceber.

⁸ O minúsculo em história nos induz a compreender ela como as narrativas individuais que não são a força motriz de toda a humanidade, então quando a colocamos com a inicial em maiúsculo, História, entendemos que se trata de uma narrativa ampla com status científico, portanto, uma categoria da ciência que se responsabiliza por narrar e compreender as ações humanas.

expressar e comunicar através de pinturas nas paredes das cavernas, conhecida como pinturas rupestres, porém invariavelmente essa forma de contar de si vai se aperfeiçoando no decorrer do tempo.

Mesmo havendo diversas formas de explicar a existência humana e sua ação na história, é preciso compreender que somos parte da história, e não há negociação sobre esse fato, pois somos motor ativo nela, com uma concretude em desempenhos. É a História e, portanto, a história dos homens, entendido como um ser social que se organiza em sociedade, diante de suas transformações e, portanto, humanas. Sendo a função da História, sempre, discorrer para a humanidade, uma explicação sobre ela mesma.

Analisar as transformações que ocorrem nas sociedades humanas é a essência da História, tendo que o homem muda num processo contínuo, seja de forma individual ou coletiva, e esse movimento não permite que as coisas e pessoas sejam iguais. A forma de perceber essas mudanças na História é através da ferramenta de quantificação chamada, tempo. O tempo é propriamente uma dimensão de análise da própria história:

O tempo histórico através do qual se analisam os acontecimentos não corresponde ao tempo cronológico que vivemos e que é definido pelos relógios e calendários. No tempo histórico podemos perceber mudanças que parecem rápidas, como os acontecimentos cotidianos; por exemplo num golpe de Estado[...] (BORGES, 2003, p. 51).

A História não é um ente superior que existe externamente aos homens, ela é diferente em específico porque é feita pelos homens que atuam e atuarão nela mesma e que nem sempre com consciência do fato. Sendo a história construída por e pelos homens, é evidente que quem examina e retrata sua história são os próprios homens, surgindo daí uma figura importante com determinações de cuidado e zelo para descrever os fatos, o historiador.

O historiador nem sempre precisou ser uma pessoa habilitada para o ofício, em diversas situações da história esse personagem era apenas um partícipe do fato e que tomou consciência da possibilidade de relatar os acontecimentos, em outras situações se encontrava numa condição privilegiada socialmente pois nem sempre a educação foi legada para a maioria da população, mas para determinados extratos sociais, identificando assim a educação como uma relação de poder, e a possibilidade de narrar os fatos uma questão social.

Sendo na análise, interpretação dos fatos existentes, ou seja, na pesquisa empírica com consulta às fontes, que o historiador deve buscar o fundamento do seu trabalho.

Ficaria como “dever” ao historiador a compreensão de ouvir as vozes do passado, na exata forma ocorrida, com a distinção de permitir que os personagens do passado falem por si mesmos, e se dermos ouvidos, as fontes falarão por si, e de outra forma estará incluído o momento histórico que o próprio historiador está inserido ao analisar os fatos, seu comprometimento político, seus valores pessoais e como ele está inserido na sociedade, efetuando juízos de valor sobre as ocorrências resgatadas do pretérito para que elas sejam significadas para o presente.

[...] aquilo que os historiadores investigam é real. O ponto do qual os historiadores devem partir, por mais longe dele que possam chegar, é a distinção fundamental e, para eles, absolutamente central, entre fato comprovável e ficção, entre declarações históricas baseadas em evidências e sujeitas a evidenciação e aquelas que não o são. (HOBSBAWM, 2017, p. 08)

Precisamos compreender que a história não é a reunião de acontecimentos sucessivos e lineares, sem conflitos. Posicionar-se assim é negar as várias formas de acontecer a história e suas interrupções e conexões, aliando-se a uma construção histórica ideologicamente construída pelas classes dominantes traz a sensação do mito do progresso, como se o avanço cronológico da história só traz em seu bojo a melhora.

O senso comum se acerca desse discurso do progresso com suas interjeições abismadas com as mazelas humanas em seu tempo: “como assim ainda em pleno século XXI, exista quem defenda a ditadura?”, ou seja, essa noção de coletivo humano que progride no todo com o tempo e a natureza, é equivocada.

Analisar a história à contrapelo⁹ é perceber as possibilidades derrotadas de uma história, a história dos vencidos, dos explorados e oprimidos (BENJAMIN, 1985). O momento que aconteceu não é algo parado, onde o historiador pode recolher os fatos como tal qual aconteceu. Então precisamos entender que a subjetividade é a própria História, sendo que os ideais que o indivíduo forma quando socializados influenciam na maneira com que ele a examina.

É uma relação dialética contraditória na busca do passado de “como foi”, com o conhecimento simbólico do pesquisador e sua subjetividade e as conclusões no presente. A decisão sobre qual documento ou monumento será construído ou examinado é

⁹ Walter Benjamin cunha essa expressão como se através do materialismo pudéssemos achar em movimento contrário, aos métodos exercidos até então, uma varredura que irá expor o contexto de determinado momento pela história dos que são derrotados. Assim possibilitando entender os interesses de poder e dominação das épocas.

evidentemente uma relação de poder político para uma construção de registros singulares¹⁰. Nesse sentido, é premissa de toda indagação comum entender particularmente “como”, “onde” e “qual” (?) o início da narrativa humana, que afeioa *ipsis litteris*¹¹ com a dúvida sobre o início do fazer e contar história que buscaremos na sequência compreender, examinando os primeiros passos das formas do homem organizar sua própria história, através da ferramenta científica ao qual denominamos de historiografia, e os períodos em que cada forma de narrar história se diferencia por conta do contexto histórico daquele dado momento ou das correntes ideológicas que permeiam aquele momento, denominamos de escolas teóricas.

2.2 A História Antiga, Clássica ou Pré-Moderna.

A idade antiga é considerada no período que compreende da formação das civilizações mesopotâmicas, o Egito e os seus reinados até a queda do Império Romano em decorrência das invasões bárbaras. Tornando-se história clássica quando na existência da Grécia e seu império, denominado de Magna Grécia ou Grécia Clássica, e Pré-Moderna no auge do Império Romano, se afeioando na criação de um conceito rebuscado de contar história: o cristianismo. A religião neste dado momento histórico, é uma ferramenta poderosa de construção ideológica e de dominação, e como veremos se estenderá por muitos anos, portanto a junção de conceitos religiosos no período do Império Romano – e por determinados motivos – foi uma narrativa importante na delimitação de espaços e diálogos sobre aquele momento, tanto que a história fica dividida antes da existência de Jesus Cristo (a.C.) ou depois de sua existência (d.C.).

Na região da mesopotâmia onde se desenvolveram vários povos, é onde atualmente se situam geograficamente o Iraque e a Síria, deixou como herança mais importante para humanidade o que se pode considerar o início das escrituras de um código de conduta, ou seja, ordenamento jurídico ou pré-ordenamento, mais conhecido como código de Hamurabi - baseado na lei de talião - duro regimento de punição criminal, demonstrando então através da escrita, a história de um período com seus conflitos e contradições.

¹⁰ Aqui buscamos fugir do conceito de memória, onde há uma disputa epistemológica sobre o sentido de registro individual ou coletivo eivado por signos particulares do momento histórico, entendemos que ainda precisamos amadurecer a construção de registros históricos das subjetividades humanas no seu devido contexto. Por isso queremos conotar com o significado biográfico, mas que amplia a busca das sucessivas aproximações ao biografado (objeto ou sujeito).

¹¹ Expressão em latim que significa estritamente “da mesma forma/maneira” no sentido do será dito sequencialmente.

O Egito com suas técnicas avançadas de agricultura e de organização política, deu à humanidade uma nova forma de construir um pensamento refinado, exaltando seus líderes – os faraós – e os ligando a representações divinas, assim a história era contada sobre as ações, mas também nas construções monumentais.

E a primeira forma mais elaborada de explicar o “todo” da existência, nas sociedades primeiras, pode ser considerado o mito, sendo ele transmitido de forma oral tradicionalmente entre gerações:

O mito é sempre uma história com personagens sobrenaturais, deuses. Nos mitos os homens são objetos passivos da ação dos deuses, que são responsáveis pela criação do mundo (cosmos), da natureza, pelo aparecimento dos homens e pelo seu destino. (BORGES, 2003, p. 12)

Essa forma de compreender o mundo ao redor, e todas suas determinações, teve força na Magna Grécia, mas não pode se sustentar quando começam a surgir formas de reflexão através da racionalidade. Considerado um período de verdadeira transformação, o período pré-socrático é tido como o berço da filosofia, embora não se possa dizer que o ato reflexivo sobre a existência tenha se originado ali, podemos afirmar que a forma de organizar o saber ficou mais sofisticada com os chamados filósofos cosmológicos. E ao longo do tempo trouxeram valiosos relatos históricos sobre as guerras, civilizações e organizações sociais, como Heródoto, Tucídides, Aristóteles, entre outros.

Se a Grécia se tornou o início da construção elaborada de narrar os fatos, o Império Romano, como vimos, se fortaleceu dessa ciência e inscreveu formas de narrativas inspiradas pela fé, usando personagens históricos para promover a expansão e consolidação de seu império, mas também do aperfeiçoamento do estruturamento jurídico, não mais como na mesopotâmia onde a lei era baseada apenas na punição, os romanos trazem a oralidade retórica, a força do discurso e do conhecimento histórico para criar o potencial Direito Romano que inspirará diversas gerações históricas.

Ato contínuo, precisamos nos orientar com o movimento que a história proporciona tanto a quem busca ler seus passos, não necessariamente linearmente como acostumados estamos às proposições positivas que persistem na tradição escolar, mas nos permitamos ir e voltar no tempo – outra forma distante da nossa compreensão cartesiana – para ainda assim continuarmos em busca de uma análise que atenda nossas compreensões, por isso seguiremos dentro dessa narrativa sobre historiografias, e as que como dito, resvalaram e pigmentaram o processo histórico moderno, que é subsequente.

2.3 O Historicismo, o Positivismo, a Escola Metódica e o rigor do método.

As narrativas vão ficando mais elaboradas, sofisticadas, já que as sociedades ao longo dos tempos, vão percebendo que escrever é inscrever as ações humanas, ou seja, perdurar para as gerações futuras. Ficando tudo aquilo que é registrado, como o discurso oficial de uma época, e agora queremos conhecer e questionar, a quem interessavam e quem era responsável por decidir o que se tornaria história para a História desse período?

Nesse momento, os materiais de formação educacional dividiam ou pretendiam dividir, os períodos históricos entre os anos de gestão de cada presidente, como se a história de todos os indivíduos se resumisse aos fatos acontecidos ao redor de uma posição social entificada e oficiosa, em uma linearidade fria e racionalizada. A história dos “grandes homens”, ou a história dos atos “oficiais”, dos presidentes, generais etc.

Da mesma forma são colocados personagens “oficiais” como expressão de um tempo, esta maneira de fazer história deixa explícito o real interesse de classe em constituir formas de consciência, que expressam esse interesse em sua totalidade.

Além dessa construção de figuras centrais como fio condutor do processo histórico e baseadas nos interesses de dominação, o Positivismo cria o método estrito e frio da análise documental, como se houvesse a possibilidade de toda história estar já dada e referenciada somente nos documentos dispostos, e não houvesse outras formas de conversar com a história senão com as ditas e consideradas oficiais, caindo assim na mesma rígida e limitada intenção de escolha de personagens históricos, essa forma interessa a quem? E é escrita e observada por quem? Quem pode considerar os personagens efetivamente históricos naquele determinado momento? Quem é o vencedor ou derrotado e sobre a perspectiva de quem? As respostas já podemos prever.

O Historicismo nasce depois da revolução francesa como possibilidade de arregimentação dos estados nacionais, a Europa pós-revolução passava por um processo de reconstrução social, e o advento da formação das burguesias, influenciadas pelo movimento iluminista, precisavam criar identidades que constituíssem e alicerçassem a autonomia e o gerenciamento da ideia de nação pela burguesia. Assim como correntes advindas do Historicismo, o Positivismo e a Escola Metódica foram importantes para delimitação dessa construção identitária.

Sendo o Positivismo o percurso de observação documental e a construção e escolha de personagens oficiosos da história, de acordo com o historiador ou a que ideologia o historiador estava à serviço, a escola metódica não se difere desse intuito de

engrandecimento de “heróis” em um determinado momento histórico, vem alicerçada sobre a influência da historiografia alemã, sendo que pós vitória alemã na guerra franco-prussiana desperta o interesse dos historiadores franceses à fim de compreenderem as teorias sistemáticas e fundamentos científicos e militares germânicos, para que pudessem desenvolver uma exegese específica da tradição francesa.

Ao traduzir o entendimento da história a partir de uma narrativa neutra e objetiva traz para a mesma a perspectiva de um estatuto de cientificidade, com padrão de avaliação e medida, métodos de análises e fontes de análise que conferissem autoridade de visão de mundo a uma historicidade distinta, e grau de cânone ao historiador. E quem segue corretamente o procedimento de análise historiográfica, segue a padronização ferramentaria para construção de discurso, e construção histórica.

O documento se torna uma ferramenta fundamental para a pesquisa histórica, o embasamento em provas materiais torna a crítica documental uma base para a história com o status de ciência. Mesmo tendencialmente influenciando futuras gerações no processo analítico do pensar e fazer história, ou seja, a historiografia de fato, alhures haverá rompimentos ou ao menos tentativas do mesmo com essa construção “plana” do olhar histórico, e o materialismo é uma dessas premissas intencionadas.

Premissa essa que intenciona dar o status de “ciência” e possivelmente a mais capaz de compreender as contradições humanas, de se aproximar da totalidade dos fatos, a História. Assim que o materialismo dialético se propõe quando da sua gênese, e isso que iremos compreender melhor, inclusive porque é o referencial ao qual nos baseamos para exercer como ferramenta de análise de nossa pesquisa.

2.4 A História em Marx e o Materialismo Histórico-Dialético.

Antes de partirmos para a compreensão histórica do que é o materialismo histórico-dialético, precisamos entender o que é dialética. Dialética é um conceito antigo no pensamento humano, partindo do conceito que as coisas estão em constante movimento, e estão em movimento ou transformação porque tudo é intrinsecamente contraditório, ou seja, a existência contém em si a sua própria negação, chamado de princípio de contradição.

E podemos entender esse princípio em três momentos: tese, que é o momento de afirmação; antítese, que é o momento da negação; síntese, sendo o momento da negação da negação. Em termos tudo reunido é uma tese, e ao mesmo tempo todas as coisas

possuem sua negação ou sua contradição e, portanto, sua antítese, o encontro entre essas realidades distintas geram a síntese, que não é uma coisa e nem outra.

Karl Marx apropriou-se dessa ideia da dialética, eterno movimento entre contrários e aplica a materialidade da história humana, sendo toda teoria marxiana uma busca por explicar como os seres humanos viveram ao longo da história e nessa concepção a resposta para entender esse processo está na vida material humana, ou seja, nas coisas em que podemos ter contato físico. Assim como vivendo e utilizando da vida material nós chegamos onde chegamos, mas para isso é necessário seguir alguns passos: os homens devem estar em condições de viver e fazer história, já que a primeira realidade histórica é a produção da vida material; tão logo a primeira necessidade é satisfeita, a ação de satisfazê-la e o instrumento já adquirido para essa satisfação criam-se novas necessidades, e essa produção de necessidades é o primeiro ato histórico; os homens renovando suas vidas criam outros seres humanos, ou seja, se reproduzem constituindo a família; as forças produtivas, sendo os instrumentos e a organização social em que nos encontramos determinantes do estado social, uma maneira de viver em sociedade; somente após esses passos é que o homem tem consciência da sua existência social, sendo ela fruto da necessidade e da existência de intercâmbio com outros seres humanos, a consciência é desde o seu início um produto social.

Compreendemos o movimento do ser e vir a ser humano, que está intimamente ligado com sua produção, sua capacidade de confeccionar instrumentos para a produção, interação e organização social, e a consciência de todo esse processo e seu papel neste processo que formam o movimento dialético da história e suas realidades, mas qual o papel da história nesse sentido? E por que a historiografia marxista se torna importante a ponto de que a sigamos como referencial desta pesquisa?

Foi nos fins do século XVIII e durante o século XIX que o homem buscou explicações formais que pudessem levar às possíveis leis que regessem as sociedades humanas, buscaremos compreender as concepções que Marx e Engels possuem da história, bem como as relações entre ambas. Assim, a história ao surgir como ciência representa a tomada de consciência que o homem realiza de sua capacidade de mudar o futuro.

Os primeiros pensadores que se lançaram a esta tarefa (como vimos anteriormente) compreendiam a história como uma continuidade possível de ser constatada através da linha do tempo, num movimento de progresso ininterrupto da barbárie à civilização. Após esta concepção fortemente baseada nos princípios do

cristianismo, desenvolveu-se o racionalismo realista que via a história como positiva, sendo o racionalismo francês mais interpretativo em relação ao racionalismo alemão que, por sua vez, era mais descritivo.

Na filosofia de Hegel, importante filósofo alemão que influenciou o pensamento e a construção ideológica do século XVIII e XIX não só na Alemanha, mas em grande parte da Europa, a preocupação em valorizar o acontecimento histórico cede lugar ao entendimento das leis de organização de uma sociedade com a finalidade de transformá-la.

Karl Marx, ao debruçar-se sobre o pensamento de Hegel, desenvolveu e valorizou a ideia da revolução como a capacidade do homem de transformar a história, entendendo que as leis por si só não eram capazes de agir contra a estrutura social estabelecida, a consciência dessas leis deveria vir em conjunto com uma ação revolucionária. Marx (2009) distingue essa premissa essencial do materialismo histórico quando entende que não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência, devendo o homem agir para compreender as demandas de sua sociabilidade.

A concepção idealista da História é verdadeira no sentido de que há nela uma parte de verdade. Sim, há verdade. A opinião tem grande influência sobre os homens. Temos, pois o direito de dizer que governa o mundo. Mas, não temos o direito de perguntar se esta opinião que governa o mundo não é governada por sua vez? Em outros termos, podemos e devemos perguntar as opiniões e os sentimentos dos homens são algo submetido ao acaso. Formular essa pergunta é resolvê-la imediatamente em sentido negativo. Não, as opiniões e os sentimentos dos homens não estão sujeitos ao acaso. Sua origem e evolução estão subordinados a leis que devemos estudar. (PLEKHANOV, 2000, p. 28)

Buscando fazer a devida contraposição ao idealismo alemão que reinava naquela época nas estruturas discursivas dos filósofos, literatos e historiadores – idealismo tal que compreendia que uma contemplação das ideias objetivas era um engajamento revolucionário – e para Marx (2009) não bastava, precisávamos como em sua 11ª tese, das onze que escreveu contrapondo um dos materialistas antecessores¹² e tido como vulgar, deixa bem claro que não mais precisávamos interpretar o mundo de diversas maneiras como teriam feito os filósofos e sobretudo alemães, mas agora precisamos efetivamente transformá-lo.

¹² Ludwig Andreas Feuerbach foi um filósofo alemão, discípulo de Hegel, que também acreditava na força contemplativa do idealismo alemão como formação humana disruptiva. Considerado uma materialista vulgar, porque conseguia conceber somente o ideal como antecessor e influente do material.

O homem torna-se o sujeito real de sua própria história, isto é, o homem vai se formando na história. Ainda em Hegel, entendemos que pensamos o homem coletivo enquanto povos, e não como indivíduo isolado que não têm a capacidade de inferir no devir histórico, utiliza-se aqui de categorias teológicas para chegar-se à questão filosófica do objetivo da história de atingir o princípio criador dentro de cada homem que se torna, logo, agente de sua própria história.

À concepção teleológica da história de Hegel se junta, em Marx, um projeto político de libertação da humanidade, no qual o processo histórico se dá fora do mundo das ideias. Em Marx há uma orientação da ação política a partir das ideias. Em Marx há uma orientação da ação política a partir da história. Se o trabalho, que antes libertava o homem e possibilitava a sua realização/afirmação no mundo se tornou a fonte de opressão desse por seus iguais, a indagação que se coloca é quais são as causas dessa opressão. Da leitura de sua obra se pode depreender que são: a divisão social do trabalho, a propriedade privada dos meios de produção e a divisão da sociedade em classes. (FUNARI, 2008, p. 47)

Assim um déspota não é realmente livre, verdadeiro homem, pois não interage com a consciência de liberdade do outro, não tendo, pois, como sair de si numa relação dialética de mediação que lhe permita voltar a si. É na categoria da totalidade que um indivíduo ou sociedade faz-se livre na sua relação com o outro e não na dependência do outro. A liberdade de um seria capricho e a liberdade de poucos é imperfeita. É preciso atingir a liberdade universal na qual todo homem é livre, chegando-se ao fim da história quando a sociedade civil permite que os conflitos sejam expressos e encaminhados para as instituições que permitam a mediação destas expressões.

Logo, o fim da história não seria estagnação, mas a possibilidade da emergência dos conflitos na sociedade civil. As etapas para a construção do espírito de um determinado povo seriam: a produção, a reflexão e a formação de um novo povo. Esta é uma relação entre o dever ser, e o vir a ser.

Há, contudo, um novo tipo de atuação do indivíduo que se dá contra as leis de seu tempo, num rompimento com o passado, colocando-se acima da universalidade de seu povo, rumo a uma nova universalidade ainda não percebida. Seriam tais homens que apontariam para um povo, qual é o novo ideal de conteúdo universal

Buscamos o conceito de história em Marx, em livro escrito por Karl Marx e Friedrich Engels, em *A Ideologia Alemã*, tida como rascunho inicial para o desenvolvimento posterior de sua matriz teórica – teoria do valor econômico - e espinha dorsal para compreender os dilemas e paradigmas ainda presentes hoje, num contexto de

análise social. Compreender o que é, como é e para que a História, é um exercício fundamental para qualificar nossos conhecimentos em busca de sermos capazes de examinar qualquer tempo histórico, diante de suas contradições e movimentos sem indevidamente engessar nossas análises em “verdades absolutas”.

Caminhar possivelmente foi o primeiro movimento completo que o homem desde sua origem deva ter executado. Levantar e se equilibrar sob dois pontos fixos, que ao longo de sua estrutura física controla a permanência de todo o corpo em solo, chamamos anatomicamente de pés. A execução de um movimento que permita o deslocamento em solo, levando ou projetando o corpo à frente ou qualquer direção desejada e impulsionada pelos comandos neurais, é o que se estabelece e entendemos como caminhar, nutrir essa execução – que se equilibra e desequilibra de acordo com a ascensão e pouso – com velocidade e direcionamento, é o que determinará a qualidade técnica da existência humana.

Como seria possível mensurar essa existência, de fato, pela qualidade? Qual a melhor maneira? Para que essa maneira? A partir do momento que o homem começa desenvolver maneiras de interagir com a natureza, visando atender suas próprias necessidades, que são geradas pela própria natureza, e atender sua sobrevivência, começa então a surgir o processo histórico humano:

[...] o primeiro pressuposto de toda a existência humana e, portanto, de toda a história, é que os homens devem estar em condições de viver para “fazer história”. [...] O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitem a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e de fato esta é um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, como foi há milhares de anos deve ser cumprido todos os dias e todas as horas, simplesmente para manter os homens vivos. (MARX, 2009, p. 24)

Em Marx a dialética vai ter sentido mais pela categoria da totalidade (que é também elaborada inicialmente com Hegel), mas em Marx ela vai ganhar outra noção quando consideramos a práxis. O materialismo em Marx e Engels passa também pelo entendimento de práxis. Lembrando que estamos fundamentalmente falando de práxis a partir da categoria ontológica trabalho.

Marx se apropria se apropria dessa ideia da dialética, esse eterno movimento entre contrários e aplica a materialidade da história humana, sendo que toda teoria marxiana busca explicar como os seres humanos viveram ao longo da história e nessa concepção a resposta para entender esse processo, está na vida material humana, ou seja, nas coisas

em que podemos ter contato físico. Assim como vivendo e utilizando da vida material nós chegamos aonde chegamos, e segue alguns passos: os homens devem estar em condições de viver e fazer história, já que a primeira realidade histórica é a produção da vida material; tão logo a primeira necessidade é satisfeita, a ação de satisfazê-la e o instrumento já adquirido para essa satisfação, criam-se novas necessidades, e essa produção de necessidades é o primeiro ato histórico.

Criando ferramentas, pois sobretudo não precisa mais modificar sua fisiologia, ele (Homem) cria ferramentas para interagir com a natureza produzindo/transformando a matéria de acordo com sua necessidade, e então ao invés de transformar sua pele por conta das diversas condições climáticas, ele produz vestimenta para atender a temperatura ou forma de clima, produz cada vez mais ferramentas que interfiram na produção e tragam a condição necessária de seu consumo:

O primeiro ato histórico desses indivíduos pelo qual se distinguem dos animais não é o de pensarem, mas o de começarem a produzir os seus meios de subsistência. (Idem)

A dominação no campo das ideias leva a universalização das ideias da classe dominante, legitimando a dominação e mascarando a propriedade dos meios de produção com a propriedade dos produtos. O meio para obter-se este domínio das ideias é a posse, por parte das classes dominantes, além dos meios de produção material, dos meios de produção espiritual que regulam a produção e a distribuição das ideias.

Entende-se a autonomização das ideias como real, bem como a possibilidade da construção de uma história das ideias separada dos produtores originais delas, isto é, a classe dominante que intenta estabelecer o particular como universal.

Assim, seria o próprio conceito de sujeito da história, não as classes ou os indivíduos em si, num processo que pressupõe a separação das ideias dominantes, a introdução de uma ordem nesta dominação das ideias e a transformação do conceito numa pessoa.

Já que compreendemos que é a produção material humana que determina sua existência, e por ordem informa que sua história é essa produção, entende-se que o trabalho e o local onde ele é realizado também é importante para compreender a história, sendo a maior divisão entre o trabalho material e o trabalho intelectual a separação entre cidade e o campo. Vê-se a cidade definida como concentração de capital e forças produtivas com o surgimento das corporações de ofício e das novas classes sociais no fim

da Idade Média, essa concentração afeta as organizações no campo e na cidade. Surge, então, a manufatura distinta das corporações e separam-se produção e comércio, o processo de industrialização transforma as relações de trabalho, modificando também os meios de produção e conseqüentemente as relações sociais, surgindo a definição por classes sociais.

A classe social define-se pela participação dos indivíduos numa realidade comum de oposição a outra classe existente, sendo que as frações de classe resultam da divisão do trabalho dentro desta mesma identidade dialética que se resgata e constitui-se a partir das diferenças. Contudo, a classe autonomiza-se e passa a determinar o desenvolvimento dos indivíduos a ela subsumidos.

Em sua obra mais madura – O Capital – Marx aproveita-se desta leitura da dialética do trabalho para entender a dialética do capital, elaborando, então uma dialética materialista oposta a uma dialética idealista. Faz uma análise crítica sobre a história da propriedade a partir da propriedade tribal, depois mobiliar privada, para pôr último constituir-se em propriedade privada imobiliária. A propriedade privada pura só surgiria com a grande indústria, despojando-se do controle da comunidade, desaparecendo seu uso público quando há uma grande ameaça para a constituição desta mesma propriedade.

Elaborando uma crítica a Hegel por não ter contextualizado historicamente a relação do homem com o trabalho, pois entende que a definição do relacionamento do homem com a natureza é esta própria relação que precede a relação do homem com o homem. Assim, não se pode identificar o trabalhador com o produto de seu trabalho, pois ele não possui a propriedade dos meios de produção deste produto, isto é, está alienado dos meios de produção, num momento que não lhe permite a autoconsciência.

Marx critica o modo como Hegel via a sociedade civil, ou seja, uma sociedade de iguais embora com diferenças. Desta forma, Marx entende a sociedade como dividida em classes sociais desiguais. A luta de classes reflete a prioridade da relação do homem com a natureza em conexão a relação do homem com o homem. A relação do homem com a natureza é chamada de forças produtivas e a relação do homem com o homem é chamada de forças produtoras.

O materialismo tem como chave central a análise histórica das lutas de classes, e através dela é possível compreender que a história não é a reunião de acontecimentos sucessivos e lineares, sem conflitos. Pensar assim é negar as várias formas de acontecer a história e suas disrupções e conexões, aliando-se a uma construção histórica

ideologicamente construída pelas classes dominantes, trazendo a sensação do mito do progresso como se o avançar cronológico da história só trouxesse em seu bojo a melhora.

O senso comum se acerca desse discurso do progresso com suas interjeições abismadas com as mazelas humanas em seu tempo: “Como assim ainda em pleno século XXI, existe quem defenda a ditadura?”, ou seja, essa noção de coletivo humano progride no todo com o tempo e a natureza, é equivocada. Por isso a necessidade de estudar a história “à contrapelo”¹³, perceber as possibilidades denotadas e removidas da história, buscando a história dos vencidos, dos explorados e oprimidos.

Houveram outras buscas que intentaram construir um processo filosófico acerca da história, que se aproximaram do materialismo histórico dialético, mas não foram capazes de superar as contradições de suas épocas, ora porque se sustentavam em um discurso sem estrutura diante da necessidade palpável das narrativas e contextos, e ora porque assim como Hegel, tendiam a crer que o processo de superação das forças dominantes se davam apenas no mundo das ideias, e a essas forças vacilantes chamamos de materialismo vulgar¹⁴. De tal sorte, veremos o surgimento de correntes que pretendiam como Marx e Engels uma análise materialista dialética, com suas devidas apropriações e contradições reais.

Assim, encontramos um problema, o grande problema das causas do movimento histórico e do progresso do gênero humano é o que constitui o objeto do que se denominava no passado de Filosofia da História e que, nos parece, seria melhor designado pelo nome de concepção da História. Isto é, da História considerada como ciência que não se contenta em aprender como se passaram as coisas, mas que quer saber por que se passaram de tal maneira e não de outra qualquer, assim define Plehkanov (2000).

2.5 A Escola dos Annales e outras Historiografias

Fundada pelos historiadores franceses, Marc Bloch e Lucien Febvre, em uma tradução direta a “escola dos anais”, referenciando aos anais editoriais que publicam uma avaliação sobre a produção escrita de cada ano, buscaram produzir a análise histórica

¹³ Voltamos a expressão fornecida por Walter Benjamin (1985) ao qual na introdução dessa pesquisa situamos como nossa maior intenção nessa referenciação biográfica, inverter a ordem positivista, e entender que analisamos o trabalhador como a maior importância da análise histórica, sua história sendo motor de reflexão para seus partícipes.

¹⁴ Podemos compreender o materialismo vulgar, como a manifestação mais concreta da perspectiva das ciências naturais, assentando sua prática fundamental justamente no pensamento positivista, se aproximando de perto dos chamados materialistas que se formam na França e na Inglaterra no final do séc. XIX.

através dos regimes de tempo. Marcando especificamente a passagem dos estudos da histórica política para a história dos domínios econômicos e sociais:

Em um plano global, o grupo se distinguia dos historiadores anteriores por algumas características centrais: percepção do social em detrimento do individual; inserção em novos e diferentes campos – além do político, o econômico, o social e o cultural; pressuposto e uma história problema, em substituição à tradicional história narrativa, dos acontecimentos. (FURNARI, 2008, p. 58)

Esse conceito do Annales irá abrir um largo espaço historiográfico que presa atenção, nas paisagens e permanências afastando assim o historiador das bulas e do ritual arquivístico que povoou outrora a determinação de método do Positivismo.

A preocupação maior desta escola historiográfica é examinar o tempo de longa duração na história, aquele que estuda a estrutura, uma abrangência maior temporal e a aceitação de variadas formas de fonte, dialogando assim com outras ciências para a delimitação da narrativa histórica. Buscando assim a história de toda humanidade, dando voz ao personagem comum ou ao espaço e ambiente como interlocutores de uma possível história, extinguindo a importância dos interlocutores heroicos, escutando os acontecimentos e dinâmicas gerais e habituais. A história do Mediterrâneo, ficou sendo o trabalho de maior elaboração teórico-metodológica da escola.

Há outro pólo impulsionador de vitalidade particular nesse começo de século, provém de uma disciplina tradicionalmente próxima, na França, dos historiadores: a geografia. Paul Vidal de La Blache, no início historiador, volta-se a partir de 1872, depois da derrota francesa, para a geografia, a fim de responder ao desafio da Alemanha, mais voltada do que a França para o estudo do mundo contemporâneo. Sua sistematização do objeto geográfico vai servir de modelo à futura escola dos Annales. [...] Os Annales vão abrir o território dos historiadores para as paisagens, para as permanências e vão permitir ao especialista da história sair dos arquivos, das tabelas de preço dos gêneros alimentícios, dos cartulários, para se libertarem. (DOSSE, 2003, p. 49)

Embora dialogue muito próximo com o materialismo histórico-dialético, com a intenção de analisar o sujeito comum na história numa perspectiva socioeconômica, em suas variações e renovações de pesquisadores, abrem um precedente para influenciar o pós-estruturalismo quando intencionam examinar acontecimentos particulares como se fossem a estrutura geral de análise na dinâmica histórica, sendo um diálogo auxiliar ao discurso da ordem social estabelecida.

Em suas várias fases, ou gerações, traz a possibilidade dos estudos culturais através da chamada Nova História ou História Cultural, tencionando o debate sobre representação e representatividade. Foram inúmeras as antinomias cometidas pelos Annales e a dita Nova História, deixando assim fermento substancial para a construção argumentativa de uma etapa intelectual historiográfica que se pretende apartar do tempo presente, construindo epistemologicamente um novo momento social, econômico e político da humanidade, sem necessariamente termos chegado lá. Perceberemos também o quanto essa ansiedade científica foi capaz de dar incentivo as revisões processuais da história e a criação de um mundo *à parte*¹⁵, sem sentido exato e sem irmandade com a realidade.

2.6 O Pós-modernismo, o Revisionismo e a Pós-Verdade.

O pós-modernismo ou pós-estruturalismo pode ser examinado como a história dos discursos e regimes de verdade, pois entende a história como um mero discurso de poder, onde há disputas e conflitos que determinam o que será objeto da pesquisa histórica, e como ocorrerá essa pesquisa e na formação da memória histórica. Pretendem iniciar um debate além da modernidade, sem ela ter se encerrado, chamando de pós-modernidade.

Para essa corrente, a história em si não existe, o que existe são os regimes de verdade e os discursos de poder que se constroem em cima do que supostamente é a História. Portanto, politizando a História se aproxima do materialismo histórico ao compreender as relações de poder e os interesses de dominação, que estão construindo a produção da memória e da verdade histórica, mas se afastando do marxismo ao negar a objetividade em si e reduzir a história a um mero discurso de poder. Que de fato a história seja um discurso de poder, mas ela é mais do que isso.

Se torna útil na crítica ao positivismo contra sua história dos “grandes homens” e sua enfraquecida intenção de estudar o passado tal qual ele foi. Uma pretensão ingênua, mas que representa os interesses de dominação pois faz questão de destacar os regimes de verdade, como a verdade é construída historicamente, ela não é para eles inequívoca.

Uma leitura do passado é uma construção, com a existência de dispositivos que constroem como importantes determinados fatos e outros não, e constituem o próprio fato histórico em si. Assim fica impossível fazer a distinção entre o elemento constitutivo da

¹⁵ Tanto na dramaturgia como nos torvelinhos do cotidiano, seja na grafia mais comum “à parte”, queremos significar algo que se distancia da realidade, do momento presente e suas determinações.

pesquisa histórica e o revisionismo. Acreditando que toda história é um discurso de poder e de regime de verdade, relativizando a isenção científica prezada pelo materialismo.

O revisionismo é a intenção de reanalisar os fatos históricos, à fim de modificar conceitos ou contextos que sejam desconfortáveis a ordem social estabelecida, assim gerando o negacionismo. Um planejamento de deslealdade científica, que busca desconstruir as determinações de qualidade e verificação da ciência, construindo com a negação, argumentos que sejam favoráveis ao fim de dominar o discurso, mesmo que esteja errado e inconsistente.

A isso os filósofos estão chamando desreferencialização do real e dessubstancialização do sujeito, ou seja, o referente (a realidade) se degrada em fantasmagoria e o sujeito (o indivíduo) perde a substância interior, sente-se vazio. (SANTOS, 1986, p. 16)

Por exemplo para negar o racismo, conduzir o discurso a uma negação do regime de escravidão no passado histórico colonial, buscando acender e ascender o ainda existente mito da democracia racial¹⁶.

E é exatamente essa vontade de dominar o discurso a qualquer custo e acima de qualquer valor científico e histórico, que as ideologias conservadoras e ultraliberais, soerguem a construção de “verdades”, com o mero intuito de destruir os argumentos históricos construídos pela análise científica através uma realidade paralela e sem comprovação, estabelecer uma verdade “à força”. Assim também denominamos de discursos de pós-verdade, ou *fake news*¹⁷, que querem modelar a opinião pública deixando a objetividade dos fatos sem importância, e fortalecendo o senso comum, as crenças pessoais e a fé como discurso de relevância.

O que aconteceu não é algo pensado, onde o historiador pode recolher como tal qual aconteceu, então precisamos entender que a subjetividade é a própria história, sendo que as ideias que o indivíduo forma quando socializados influenciam na maneira em que ele achará a história. É uma relação dialética contraditória na busca do passado em “como

¹⁶ Para se inteirar desse debate acerca do mito da democracia racial, indicamos a leitura da produção intelectual de Florestan Fernandes sobre raça e classe no Brasil, se opondo a um dos principais pensadores da construção desse mito, o luso-tropicalista Gilberto Freyre.

¹⁷ Para uma compreensão do conceito de Pós-verdade e Fake News, entendemos que uma análise mais apurada sobre o contexto histórico das “jornadas de julho de 2013” e sua relação com o Golpe de 2016, possam trazer uma conexão factual e indicamos - *O ódio como política: A reinvenção das direitas no Brasil*. (org) Esther Solano Gallego, Editora Boitempo; 2018. E – *Os Engenheiros do Caos*. Giuliano Da Empoli. Ed. Vestígio, 2019.

foi”, com o conhecimento simbólico do pesquisador e sua subjetividade e as conclusões no presente.

A decisão sobre qual documento ou monumento vá ser construído ou examinado, é evidentemente uma relação de poder político para uma construção de memória, assim conhecemos o “caminhar” humano com suas “formas” de narrar/fazer história, é possível verificar congruência dessas construções historiográficas com a máxima marxiana de que o homem precisa estar em condições fisiológicas, emocionais e sociais para fazer história, e todas essas formas candentes e graus de lentes que vimos que foi posto pelo homem (no seu sentido mais exato de humanidade), nos moldamos aqui nessa pesquisa presente com a narrativa materialista dialética, justamente porque cremos que nos permite acessar o espaço-história de um determinado contexto sem efetivamente proclamarmos com ele a verdade absoluta diante do que iremos expor adiante. Portanto sentimos também a necessidade de compreender a Educação Física com uma história própria, diante dos contextos do homem, é possível compreendê-lo apartado da função social de uma classe profissional, que declara sua relação com a categoria fundante da existência, o trabalho?

Veremos... o trem parte e sobe por serras nebulosas, todo cuidado é necessário nesse momento da viagem, porque se prestarmos atenção com concentração, além da névoa poderemos ver que com suas contradições, a história da EF no Brasil traz uma peculiaridade intrigante, e nosso tutor intra-histórico é o sujeito que pode nos dizer o quanto essas determinantes podem esclarecer ou apontar caminhos para que compreendamos a quantas anda, movimenta e arregimenta essa parte da ciência que nos interessa, a História e a EF, partimos!

3. OS CAMINHOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

*E ansiava o futuro
Ressuscita-me
Lutando contra as misérias
Do cotidiano
Ressuscita-me por isso
(Vladimir Maiakovski)*

3.1 O que é a Educação Física?¹⁸

O condutor do trem nessa nova estação é um tanto rude, ranzinza e têm algumas ideias bem diferentes da nossa acredita? Ele crê muito mais na diferença como fator importante do que a busca pela igualdade plena, diferentemente de nós, que no fundo do trem estamos gritando uníssonos a frase que vimos no início da viagem: “A história é um trem, a locomotiva de toda humanidade, em todos os tempos”, prestemos atenção em quem como nós. divergem do condutor. Ainda assim esse condutor é uma referência ao que se pretendia formar como uma História da EF no Brasil e a base e o básico de compreensão e compilação de dados sobre um determinado momento histórico, ainda que fortemente arraigado sob as alças vacilantes do positivismo, sua produção intelectual foi importante para algumas premissas iniciais do estudo sobre essa categoria científica da EF, falaremos dele mais à frente.

Se o russo Vladimir Maiakovski, tido como “poeta da revolução”, em seu poema chamado *O Amor* pretendeu denunciar as misérias do cotidiano que afligiam nossas percepções para as sensações mais finas e nobres da capacidade humana, ao mesmo tempo entendeu que sobretudo poderíamos resguardar a esperança, olhando para o futuro e lutando por uma nova vida através do mistério da ressuscitação imbicada na renovação. E dentro dessa esfera e desejo de renovação e ação crítica ao cotidiano pretendemos explicitar nesse capítulo nossa compreensão sobre o que pode vir a ser a EF e como ela se estrutura(ou) sobretudo como um projeto na educação brasileira ao longo dos anos, e pode ser referenciada com acontecimentos dos diversos contextos políticos e sociais da história desse país ao qual mantém constante processo de diálogo e construção.

¹⁸ Precisamos recordar que a busca por essa definição em relação a EF não é recente, inclusive Marinho (1983) é um dos primeiros da geração crítica, ou movimento renovador, a desenhar essa busca do sentido prático através da episteme. Porém têm um interessante debate que ocorreu em 1994 em torno disso, na revista Movimento da Escola de Educação Física da UFRGS e se prolonga em outras edições, O que é EF? (ASSIS, 2001, p. 09).

Pensar o que pode ser ou vir a ser a EF, é sobremaneira refletir que em toda trajetória humana foi preciso usar o movimento¹⁹, que é a forma que o homem – no sentido de humanidade - possui para se deslocar, ajeitar, comunicar e interagir com seu corpo físico, características essa de movimentar que justamente a maioria dos seres vivos possuem. Portanto precisamos diferenciar o homem de uma ameiba, de um macaco (que é capaz de erguer uma pedra e arremessar, gerando movimento, de se locomover também), e qualquer ser que se movimenta. É o movimento, dinâmico ou não, que lhe permite ser, estar e agir no mundo, individual ou coletivamente, somado a capacidade racional e de interação com a natureza provocando-lhe transformação, que é a característica fundante e ontológica de diferenciação do ser humano para todas as outras espécies. É justamente nessa capacidade de transformar a natureza através da interação, que surge a categoria trabalho, que molda o ser humano, ou seja, ao modificar ele também é modificado, por isso esse processo é ontológico pois lhe justifica tanto a existência como a diferença de outras existências²⁰.

Se concordarmos que a diferença básica entre os seres humanos e os outros seres vivos conhecidos se prende às possibilidades de suas consciências, fica claro que toda atividade será mais ou menos humana na medida em que vincula ou desvincula a ação à reflexão. Só ao humano é permitida a percepção de si mesmo, dos outros, dos seus próprios atos, do mundo e de toda uma realidade que o caracteriza, ao mesmo tempo em que pode ser modificada artificial e intencionalmente por ele. (MEDINA, 2013, p. 69)

As valências corporais lhe permitiam a sobrevivência, a velocidade, a resistência e a força, davam-lhe a capacidade de caçar e colher para manterem-se vivos. Dessa forma lhe foi possível, desenvolver a comunicação, e suas variáveis na sua evolução espaço-temporal como já vimos anteriormente, também pelo movimento conseguiu estabelecer formas de prolongar sua existência criando mecanismos de qualidade de vida, ao domesticar animais e aprender técnicas de plantio, o homem se sedentariza. Mas a

¹⁹ Há um certo incômodo com a palavra movimento em alguns teóricos da EF crítica, como se fosse estritamente necessário estar em movimento literal para que o progredir fosse realidade concreta para a humanidade, e não houvesse o tempo do ócio, o parar para refletir e medir as próximas ações. Porém nós entendemos que o movimento a que nos referimos seria/é inevitável a toda humanidade para o seu ser e o devir, dialoga diretamente com o movimento da história que dentro de si carrega o real, o movimento do próprio real é o agir, acontecimento, assim queremos ser compreendidos.

²⁰ Para uma compreensão mais elaborada da ontologia do homem enquanto ser social, na plenitude de suas interações e transformações, indicamos uma das mais completas obras sobre essa determinação “Para uma ontologia do ser social” de Gyorgy Lukacs (2019).

sedentarização permitiu-lhe ocupar os espaços geográficos, reunindo seus iguais em conjunto, progredindo e dando sentido a sua existência pela forma de subsistir.

As habilidades se aprimoraram e a concepção corpórea também, assim tudo que se exercia em forma de movimento corporal estava atrelada aos significados correspondentes a noção de prática esportiva que temos hoje: o salto em altura, simbolizava o crescimento das raízes, a corrida lembrava o ondear das espigas e a velocidade era valorizada como a essência da juventude (MARINHO, 1983).

O movimento, como vimos preliminarmente permear a história do homem e suas relações com a natureza, e cada técnica que foi e é necessária para sua sobrevivência e subsistência, o movimento também vai se aperfeiçoando em consonante ao progresso intelectual do homem. Há também um contorno de significados que simbolizam a relação cultural²¹ que cada civilização impõe ou foi imposta, onde o movimento corporal pode trazer aspectos religiosos e espirituais, morais, fisiológicos e militar no desenvolvimento das lutas e de um desempenho voltado para as guerras.

Todas as atividades humanas durante o período que se convencionou denominar pré-histórico dependiam do movimento, do ato físico. Ao analisar a cultura primitiva em qualquer das suas dimensões (econômica, política ou social), vemos, desde logo, a importância das atividades físicas para os nossos irmãos das cavernas. (MARINHO, 1983, p. 63)

Como por exemplo na China antiga, há mais de 3.000 anos a.C., o movimento ganhava o significado terapêutico e médico, com hábitos higiênicos a fim de preparar a população para um perfil guerreiro. Havia a preocupação com a postura correta, com uma ginástica de perfil curativo e de zelo com o corpo, para que os soldados fossem mais fortes e aptos a conquista de novos territórios e outros povos.

Os hindus na Índia antiga, possuíam alguns ordenamentos tidos como códigos sociais, as chamadas “leis de manu”, com forte motivação religiosa e política para controle e punição, atribuía aos exercícios como sendo um caminho de energia física e equilíbrio espiritual rumo ao Nirvana²². Dentro dessa condição de códigos e ordenamentos, surge a prática da yoga, com exercícios vigorosos que combinam

²¹ Quando falamos em questão cultural, queremos expor o significado que cultura têm para o materialismo histórico, de que é uma condição ou construção permeada pela ideologia de uma classe dominante, como mecanismo de formação de identidade para dominação. Entendemos também o cuidado que a interpretação da semântica exige, pois há o debate dessa palavra ainda em disputa nas cercanias intelectuais.

²² Na tradição budista significa a libertação do sofrimento, e no hinduísmo é o rompimento de ciclos de renascimento e morte e atingindo a iluminação espiritual.

flexibilidade, respiração e meditação aliados a uma doutrina que prega a purificação do corpo, relacionada a identificação da essência do ser humano.

Os samurais no Japão antigo, caracterizam essa essência de preparo físico para a guerra aliado ao equilíbrio espiritual e conduta moral, onde um bom samurai teria que dominar as técnicas de luta com bastante resistência e agilidade, ter uma conduta moral ilibada segundo os códigos sociais da região e da época, além de uma reverência espiritual búdica.

As pinturas em paredes e tumbas, retratam a importância da prática vigorosa das atividades físicas no Egito antigo, sendo considerado espelho para algumas práticas que na modernidade incorporarão o conceito de esporte²³ no devir histórico humano, como o remo, atletismo e ginástica, uma rotina que privilegiava fatores biodinâmicos, não muito distante dos objetivos de outras civilizações citadas, pretendia dar preparo e vigor aos soldados e aos escravos – esses trabalhadores importantes na construção material e simbólica do que representou esse período.

Um marco para o pensamento ocidental foi a civilização grega, aliás chamar a Grécia antiga de ocidental pode parecer um desalinho geográfico, visto que a chamada Magna Grécia constitui hoje parte do que conhecemos como Ásia (ou seja, Oriente). Foi lá que a maneira de examinar os dilemas humanos diante da existência ganharam uma combinação e organização peculiares, e a prática de exercícios físicos aliada uma rotina de estudos filosóficos, era a combinação perfeita para o homem tido como ideal. Inclusive importantes filósofos deste período, destacaram o valor da atividade física e o pensamento, Platão se destaca por trazer a noção de corpo, mente e espírito.

Estimando que a primeira edição dos Jogos Olímpicos tenha sido em 776 a.C., momento em que cessavam as guerras, aproveitavam o cuidado com o corpo para exercer um combinado de práticas que contemplavam as valências físicas necessárias para os guerreiros. Enquanto os gregos estavam preocupados em aliar as ações físicas com a arte e o pensamento, os romanos estavam estritamente preocupados em preparar o corpo para batalhas e dominação, exatamente por isso formaram um império que atravessou eras históricas importantes.

E esse culto ao corpo herdado dos gregos veio com uma oposição da nudez que a Grécia valorizava, assim os romanos incentivavam as lutas de arena, as corridas de biga,

²³ As primeiras civilizações, e aqui citamos a egípcia, serão as inspirações históricas para que se crie um conceito de esporte na modernidade, principalmente a grega que é na qual Coubertin diz reavivar ao trazer os jogos olímpicos da era moderna (1896).

duelo de gladiadores e lutas de homens com animais. A sátira escrita pelo poeta romano Juvenal²⁴ expõe os princípios fundamentais desse culto ao corpo: “*Mens sana in corpore sano*”²⁵, versos em latim que desaguam e reforçam a profundidade do entendimento da época que para ter a perfeição corpórea, era preciso ter uma mente sã em um corpo sã.

Já na Idade Média, com a queda do império romano e com uma dominação ideológica do cristianismo imposto pelo surgimento do Catolicismo, as práticas que privilegiavam o corpo não eram bem-vistas, era desejado que se cuidasse dos interesses do espírito, onde a educação intelectual passou ter uma consideração maior em detrimento do corpo. O medievalismo é um período histórico em que o físico não tem a mesma importância de outrora, mas isso não quer dizer que não se dá atenção ao corpo, também não sendo possível prever porque foi denominada de “era das trevas”²⁶.

Adiante sobre o período chamado de Renascimento, onde houve novamente um retorno da valorização do cuidado com corpo, muito semelhante aos gregos, desejavam aliar com a busca pelo conhecimento nas artes, literatura, música e ciência, as ditas expressões intelectuais. Assim a renascença marca um forte desejo de (re)encontrar esse caminho de equilíbrio entre disposição física e vigor intelectual.

Alguns intelectuais deste período buscavam realizar experimentos com dissecação de cadáver, a fim de explorar o conhecimento diante do corpo humano, como explorar o potencial desse conhecimento no trato medicinal e terapêutico com valências físicas, Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni (1475-1564) ao esculpir “Davi” deixa o formato dos músculos com tamanha perfeição que traz a impressão de movimento, assim como Andrea Vesalius (1514-1564) com a análise de cadáver deu origem a anatomia humana, e Vittorino da Feltre (1378-1446) fundador da “La Casa Giocosa” uma escola que incluía no conteúdo programático a rotina de exercícios físicos.

²⁴ Décimo Júnio Juvenal poeta satírico italiano nascido em 55 D.C, tornou-se um importante cronista do império romano.

²⁵ Aqui convergimos com Castellani (2013) quando buscando se distanciar de um discurso elogioso feito por Rui Barbosa a esta máxima de Décimo Júnio Juvenal, por entender que ela naquele contexto do início do século passado, privilegia a EF a qual queremos nos afastar, numa proposta reprodutivista dos ideais de competição, rendimento, regras estabelecidas e nutridas pelo próprio sistema que opera o “jogo” social e econômico deste tempo, o capital. A mente tem que estar sã para um corpo saudável que reproduz, que se disciplina, que não questiona e produz. Bom será quando essa mente se mantém sã com sua própria criticidade, apropriando as demandas necessárias para a emancipação humana.

²⁶ Várias correntes históricas buscam numa disputa epistemológica sobre a real compreensão desse período como uma fase obscura da humanidade, nada definido. Em linhas gerais a preocupação histórica é com as deteriorações demográficas, culturais e econômicas no Ocidente, em decorrência do declínio do Império Romano.

O Iluminismo, conhecido também como século das luzes justamente porque buscava trazer luz sob diversos aspectos filosóficos para a ascensão do homem à condição de razão, centrando seu poder nos ideais de liberdade, fraternidade, tolerância, progresso e com governo constituído pelo Estado, separando-se assim da influência religiosa.

Destacam-se como pensadores da congruência da atividade física como proposta pedagógica, principalmente na educação infantil, Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) que segundo ele pensar dependia de extrair energia do corpo em movimento, e Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827) defendendo uma educação primária escolar e a execução correta dos exercícios como benefício para a educação global.

Vimos então um panorama breve sobre como o homem e naturalmente seu movimentar e agir diante da natureza pode se constituir e ainda vem se constituindo, como prática física, que diante de uma análise materialista podemos compreender que foi fundamental para o movimento da realidade humana, e se encaixa na compreensão do que podemos entender como necessidade vital, ou seja, parte constituinte fundamental da existência do homem, mas como a podemos perceber seu desenrolar histórico no Brasil?

3.2 Educação Física no Brasil, raízes.

O trem passa rápido pelas estações e se não mirarmos o horizonte e a paisagem com firmeza acabamos perdendo o destino, e como dizem por aqui “o trem passa por cima”, se atente ao nosso movimento. O maquinista que destacamos como o nosso condutor têm uma razão clara de estar nessa posição por hora, sua produção intelectual o conduziu a frente da máquina, e assim nesse movimento de condução ele fez com a maioria dos intelectuais que pensaram a EF depois dele.

Inezil Penna Marinho foi essencial para os primórdios da intelectualização e cientificização da EF no Brasil, tendo convivido e interagido com personagens centrais das teorias higienistas e os discursos patrióticos que determinavam a prática como progresso da nação, tais como Fernando de Azevedo e Rui Barbosa especificamente. Com extensa produção que versou desde os valores bio-psico-social da EF até a disposição histórica dos fatos que a envolviam, uma vez que seu posicionamento teórico era positivista e havia a crença que os documentos históricos por si só explicitavam sobre o que de fato era importante, não havia uma análise crítica dos determinados períodos históricos referidos.

[...] a concepção de História da Educação Física, dominante nos seus bancos acadêmicos, gerada no início da década de 1940. O professor Inezil, autor de vasta obra na área da Educação Física, incursionou pela primeira vez pelos caminhos de sua história, no ano de 1943, quando publicou sua *Contribuição para a história da educação física no Brasil*. (CASTELLANI, 2013, p. 15)

Não só como intelectual deu-se sua contribuição a história e a História²⁷, chegou a incorporar as forças policiais da ditadura varguista, já que era um capoeirista experiente, segundo nos conta Vieira (1992). Ao decorrer de nossas análises entenderemos mais o significado e contribuição desse nosso maquinista.

Fizemos anteriormente uma movimentação histórica para compreender o movimento humano, como parte constitutiva e inerente a própria existência humana. Seja como forma de sobrevivência crucial, já que movimentar lhe permite buscar e criar meio para tal intento, ou seja na descoberta de si através desse movimento, aprende e apreende a se relacionar com a natureza e todo o meio que lhe permitirá se desenvolver nessa relação como sobrevivência. Mas esse movimentar que estamos tanto buscando justificativa na existência humana, pode ser atrelado com uma construção de consciência, despertar humano? Buscaremos ao menos refletir sobre como a educação²⁸ se transformou em um meio de transformar o físico do corpo, numa física científica de legitimações ideológicas, a educação como construção de consciências vai incidir justamente na construção da educação física como parte importante dos vários projetos de educação, inclusive no Brasil.

A educação no Brasil é também um projeto de dominação e legitimação dessa dominação, que se justifica e incorpora ao longo da jornada histórica desse país, principalmente no discurso de uma determinada classe, a dominante. Já nas incursões coloniais, em que se buscava através da retórica do colonizador, definir à priori e unicamente quem determinaria ideologicamente os jogos de poder e como essas formas dominantes aconteceriam.

Queremos pensar a educação no Brasil desde os Jesuítas como um processo de catequização dos gentios (que demonstrava a intenção religiosa de formalizar os

²⁷ Aqui diferenciamos em minúsculo e maiúsculo a mesma palavra para deixarmos explícito a história enquanto acontecimento geral, da humanidade e a História como construção intelectual da EF.

²⁸ Aqui queremos referenciar a educação como um conjunto de propostas que tendem a construir os modos, maneiras e meios do homem refletir e se construir através dessa reflexão. Entendemos como Saviani 2013, a educação sendo um ato de produzir direta e intencionalmente em cada indivíduo singular, a humanidade que produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens, e que essa construção através da reflexão terá uma proposta específica em cada momento histórico que indica a forma de pensar dominante de uma determinada classe dominante.

colonizadores como “escolhidos e enviados” de Deus), até a modernidade e uma adequação ao novo ordenamento social num país neorrepblicano, com as academias universitárias instigando pensamentos e comportamentos para uma nova era, para um novo homem, será possível notar nesse devir histórico e ainda vamos refletir sobre a educação, se construindo através de diferentes demandas.

O primeiro governador geral do Brasil chegou em 1549 trazendo consigo os primeiros jesuítas, cujo grupo era constituído por quatro padres e dois irmãos chefiados por Manuel da Nóbrega. Eles vieram com a missão conferida pelo rei de converter os gentios [...]para atender a esse mandato, os jesuítas criaram escolas e instituíram colegios e seminários que foram espalhando-se pelas diversas regiões do território. Por essa razão considera-se que a história da educação brasileira se inicia em 1549 com a chegada desse primeiro grupo de jesuítas, A inserção do Brasil no chamado mundo ocidental deu-se, assim, por meio de um processo envolvendo três aspectos intimamente articulados entre si: a colonização, a educação e a catequese. (SAVIANI, 2013, p. 26)

A colonização para ser continuada sobre os auspícios portugueses dado a formação em cada século e cada momento histórico, era necessário a construção de forças que a legitimassem para que mantivessem uma exploração do espaço, das riquezas e das existências que se impingiam na terra-brasa de Vera Cruz. As legitimações eram moldadas nos discursos que demonstrassem a superioridade do colonizador, seja ela no viés religioso, ou no viés racial, demonstrariam de qualquer forma o povo que aqui já estava e os que aqui foram “trazidos”²⁹ deveriam ser dominados para que houvesse progresso e essa terra prosperasse, sob a liderança lusitana.

E foi nessa força secular, subjetiva nas intenções e objetiva nas ações, que a educação veio como forma definida de construção de ideias e ideais já na chegada da família real ao Brasil em 1808.

A montagem de uma rede de instituições de saber estável no Brasil é bastante recente. Controlado pelos jesuítas, o ensino na colônia portuguesa limitava-se às escolas elementares, não existiam centros de pesquisa ou de formação superior. Essa situação manteve-se inalterada até inícios do século XIX, quando d. João VI transferia para o Brasil

²⁹ E colocamos em aspas, para forçar a lembrança da forma desumana que os povos da Diáspora Africana foram arrancados de África, para constituir o regime de escravidão existencial e laboral a que foram impostos na formação estrutural desse país, concordando com Jacob Gorender (2010) quando cunha o modo de produção do escravismo colonial, sendo essa interpretação desse importante historiador, a diferenciação das outras formas e experiências de escravismo pois está inserida na lógica de produção de valor (OLIVEIRA, 2021, p. 69).

não apenas a maior parte de sua corte, como também o domínio metropolitano. [...] o monarca português desembarcava na colônia em 1808 com a firme intenção de estabelecer no país instituições centralizadoras que reproduzissem de forma perfeita o antigo domínio colonial. (SCHWARCZ, 1993, p. 31.)

Educar a corte, refinar os costumes, formular regras, leis, diretrizes, e assim ao longo das épocas que a educação pombalina³⁰ foi criando forma e instituições. Se antes o intuito era formalizar a colônia e trazer os costumes de uma corte real como referência de marco para um povo, no tempo isso foi se alterando, a ciência ia se instituindo nos primeiros estabelecimentos de caráter cultural (a Imprensa Régia, a Biblioteca, o Museu Real e o Real Horto) com o fim de garantir o melhor controle português. Assim a criação de uma elite intelectual que ligada aos poderes do monarca centralizador, que conotava a eles a missão de criar uma história para a nação e inventar uma memória para um país que dali então deveria estar com seus laços distintos dos da metrópole ibérica.

Quando a legitimação pela fé já não ocupava mais espaço total nas consciências para entenderem que deveriam os colonizados estarem submissos, e/ou quando os costumes de uma corte e sua educação refinada já não fazia tanto sentido a um país que tardiamente³¹ pretendia abandonar a escravidão como motor econômico/mo- do de produção e integrar novas formas para subsistir a dominação do trabalho, que então acontecia predominantemente rural, e ceder a modernização da “era das máquinas”³² que posteriormente substituiria o homem pela mecanização das fábricas, então a ciência ganha uma impulsão e importância histórica, tendo como principal fator transformar e superar o discurso ideológico da superioridade divina do colonizador pelo discurso de superioridade fisiológica, genética, criando assim a teoria das raças, colocando o branco e europeu como o centro da história e mais apto e evoluído para gerir o progresso humano, enquanto as demais raças seriam justificadamente imperfeitas e plenamente domináveis e preparadas para os trabalhos braçais e exaustivos que as demandas industriais exigiam.

³⁰ A chamada reforma pombalina, de 1759, instituiu o fechamento dos colégios jesuítas e inseriu a educação régia mantida pela coroa numa tentativa de modernizar a sociedade para o progresso de Portugal.

³¹ O Brasil foi o último país das colônias modernas a abandonar o sistema escravista como motor econômico, assim o fez por pressão da Inglaterra que além de financiar parte dos intentos do monarca e por assim contrair dividendos que os permitia pressionar a abolição e implementar um novo sistema econômico para gerir a dominação.

³² Não queremos resumir e reduzir, mas também não exploramos por completo o período das revoluções burguesas que impulsionaram a revolução industrial, que modifica a relação do homem com o trabalho e as formas de dominação, inclusive extinguindo com o trabalho escravo e inserindo o trabalho assalariado, entendendo que cabe um recorte específico para atentarmos a educação se moldando as demandas do tempo histórico ou como expressão do filósofo István Mészáros “fardo do tempo histórico” que como entende Marx, determina as condições sociais para o homem exercer a “sua” história.

No Brasil esse discurso científico ganha tónus quando as faculdades de medicina e de direito são criadas, trazendo a voz da fisiologia médica e da antropologia jurídica para legitimar cientificamente esse legado de superioridade. Chegando ao país a tal física social, que se pretendia com modelos evolucionistas e social-darwinistas já popularizados na Europa enquanto alegação teórica de práticas imperialistas de dominação.

Profundamente vinculados à lógica e dinâmica que marcaram a independência política brasileira em 1822, já em seu momento de nascimento esses estabelecimentos pareciam responder à necessidade de conformar quadros autônomos de atuação e de criar uma intelligentsia local apta a enfrentar os problemas específicos da nação. (SCHWARCZ, 2013, p. 185)

É nessa amálgama histórica que mescla condições reais de um tempo, que precisamos compreender que na intensidade desse fim de século (XIX) anunciasse a importância que o corpo tingia nos discursos que se alteram para as diferentes formas de dominação, e assim a educação física ganha “corpo” e começa a dar realce verde, amarelo, azul e branco a construção ideológica da educação no Brasil. Não podemos partir desse século sem antes entender que os ideais de uma nova sociedade e um homem novo tem total gestação nos ideais revolucionários de uma Europa que se pretendia emancipada, e são as construções intelectuais de lá que serão importadas para fabricar a escola brasileira que irá definir a educação física sui generis, como explica Carmem Lúcia:

O século XIX é particularmente importante para o entendimento da Educação Física, uma vez que é nele que se elaboram conceitos básicos sobre o corpo e sobre a sua utilização como força de trabalho. Na Europa e em especial na França, esse é o período no qual se consolidam o Estado Burguês e a burguesia como classe, criando condições objetivas para que as suas próprias contradições de classe no poder apareçam, e seja inevitável o reconhecimento da existência de seu oponente histórico: a classe operária. (SOARES, 2012, p. 03)

Sendo crível a intenção de uma forma de aferir, medir, observar e experimentar de uma ciência positivista³³, que através de uma disciplina inquestionável vinha transformando e explicando o homem biológico como centro das interpretações e não o

³³ Vimos no cap. 2 desta dissertação, sobre a criação da medida científica positivista que desejava dar voz a fatos oficiosos das grandes personalidades históricas, mas mais do que isso se pretendia uma ciência exata, racional, onde os dados são supra qualquer narrativa, avaliação, falam por si, não há questionamentos. Percebe-se a criação de um dogma científico onde a refutação não é possível diante da onisciência quantitativa, não à toa surgiria a Igreja Positivista que incentivaria a promoção dos lemas impressos no panteão nacional como “Ordem e Progresso”.

homem antropológico, deixando a educação física como expressão máxima do capital. E para compor o contexto escolar ela precisaria repercutir aquele homem quisto pela medicina, pelo direito, que pratique a higiene do corpo e da mente, que promova saúde e regenere e reconstitua as raças, explica Soares (2012).

Nesse sentido houve diversas implementações de estruturas ideológicas importadas numa busca para descobrir quais delas são mais ajustadas, ao sentido positivista de fazer-se no Brasil uma EF que estruture e molde a criança, discipline o adulto, conduza e a fertilidade e ao comportamento ideal a mulher, e disponha uma sociedade sadia, preparada e disposta para o progresso, mesma como motor radiante dessa ordem e justamente por isso disciplina cai tão bem como ferramenta curricular.

Escola Alemã, Sueca e Francesa, nessa ordem em diferentes momentos do final do século XIX, início do XX e mais adiante se tornaram o fermento desse processo de ajustamento metodológico. O positivismo e sua estrutura voltada para a disciplina consegue conquistar a caserna, que queiramos ou não, a agenda vai permear todo processo histórico da República em diante, e é no Estado Novo que encontrará morada satisfatória, onde situa-se um crescimento considerável a importância da EF na programação escolar, nos clubes, nas práticas cotidianas, pois a nação precisaria da mesma requisição dos tempos iniciais da eugenia médica, sempre manter ativo o homem para o progresso da nação:

Conforme afirmações dos médicos higienistas, a disciplina do físico seria apenas um instrumento, e a educação física passaria então a se constituir em elemento de extrema validade para colocar em prática o processo disciplinar dos corpos. (SOARES, 2012, p. 66.)

A história segue seu fio, e os anos seguintes ao Estado Novo não inspiram mudanças consideráveis ao respeito de uma EF que possa pretender uma ruptura do corpo que necessita se disciplinar e estar limpo, para salvaguardar uma raça forte e em busca da pureza. O advento de transferência da capital do país do Rio de Janeiro para Brasília, onde seria o novo Distrito Federal tinha intenções claras, afastar o centro do poder de decisões do burburinho das grandes metrópoles, na empolgação do modernismo trazer um ar de

eufemismo³⁴ porém ao invés disso trouxe hipérbole³⁵, o projeto político de Juscelino Kubitschek encarnado no slogan “50 anos em 5”, cujo qual pretendia acelerar a modernização do país, equivalente a 50 anos de progresso científico-urbanístico-cultural em apenas 5 anos, trouxe sérios problemas fiscais-econômicos ao país, e a construção da nova capital mais trouxe a sensação de um verdadeiro exagero do que harmonia como se pretendia. Há nessa linguagem política implementada por Juscelino, uma gama de significados, desde as figuras de linguagem aos intentos holísticos, se pautando pela visão mística do sacerdote italiano Dom Bosco, a missão geológica e geográfica Cruls e a intensificação da industrialização tardia somada a ideia política de vir “ao centro”, centro do país equivaleria ao equilíbrio da política que se pretendia isenta de lados ideológicos (se é que existe essa possibilidade no jogo político, nós particularmente não acreditamos), e também a região central seria possível estar ao “meio” do país em região geográfica conhecida por Planalto Central.

Ficaremos mais à par de como a EF se situou e movimentou nesse período específico da nova capital, precisamos aferir nossos bilhetes pois o trem da história como vimos tem pressa, e nessa velocidade podemos voltar, mas precisamos embarcar sentido aos anos mais duros e tristes desse país, conhecidos como “anos de chumbo”³⁶.

A partir de 1964 a estação que descemos fica nebulosa e a visão turva, com um impedimento de posicionamento ideológico imposto pelo que se conheceu como ditadura civil-empresarial-militar³⁷, todo projeto pedagógico em todos os níveis educacionais não poderiam ser diferentes das propostas anteriores, em específico na EF manteve-se forte aliada da esportivização sendo painel propagandístico e assistente na manutenção dos ânimos arrefecidos distraindo a opinião pública diante das constantes perseguições aos opositores ao regime ditatorial.

³⁴ O eufemismo é um efeito linguístico que traz harmonia as construções escritas e orais na língua portuguesa, propondo sempre troca de palavras que soam pesadas no significado por outras mais amenas (Exemplo: Fulano Morreu! trocaríamos por; Ele passou dessa para melhor!)

³⁵ Hipérbole é o antônimo de eufemismo, e como oposto demonstra o extremo de uma situação através da linguagem, sempre querendo pretender um exagero.

³⁶ Expressão que ficou conhecida popularmente na Europa devido a Guerra Fria e a tensão política com efeito desse momento histórico, aplicada a realidade brasileira era diretamente identificada a repressão estatal pelos aparelhos de segurança pública, por meio de tortura, “caça aos comunistas” e enfrentamento as organizações opositoras ao regime, o chumbo podem significar o material de fabricação dos armamentos utilizados nessa disputa.

³⁷ Essa seria a nomenclatura mais completa para descrever esse período que houve majoritária aprovação e incentivo da população e do empresariado, vide a “Marcha da família com Deus pela liberdade” uma série de passeatas que contou com ampla participação popular a favor do golpe militar.

No que diz respeito ao Esporte, sua capacidade de catarse, de canalizar em torno de si, para seu universo mágico, os anseios, esperanças e frustrações dos brasileiros, foi imensamente explorada. A lembrança do “..,Noventa milhões em ação, prá frente Brasil, salve a Seleção!”, numa verdadeira ode à “corrente prá frente”, ainda está bastante, e hoje dolorosamente, viva 17 anos passados – em nossas mentes e nossos corações, pois, foi na esteira desses hinos ufanistas – apologistas de uma postura cívica exacerbadamente alienada, patológica – que vieram os odientos crimes políticos cometidos voluptuosamente, pelos aparelhos repressivos - estatais e para estatais - num ritmo e forma poucas vezes presenciados na história política da sociedade brasileira. (CASTELLANI FILHO, 2013, p. 91)

Durante a viagem o fiscal confere se a passagem está validada, segue andando entre os corredores, ele também já entendeu que a estrutura da EF ainda nessa época mantem-se inalterada e sem uma abertura para ideais pedagógicos que trouxessem uma reflexão sobre a organização pedagógica em que a mesma se estrutura, vamos ter que parar na próxima estação e pegar outro trem. E nessa nova viagem buscaremos não um ajuntamento de pessoas que como um clube literário se reúnem toda quarta-feira à noite para estudar em segredo ou não a história pedagógica no Brasil, longe disso, precisamos entender que toda a análise crítica que fizemos até aqui dessa EF militarizada, esportivizada e médica, é herdeira da próxima estação para qual partiremos. Mas nesse novo trem vamos entender que a geração de intelectuais da EF só conseguiu estruturar essas reflexões porque o período da ditadura impulsionou comportamentos e diagnósticos contra culturais, em suma foi o período mais fértil para pensar mudança no Brasil e no mundo. Nosso próximo trem já está chegando, preparado?

3.3 Movimento Renovador.

Seja bem-vindo a essa nova estação, trocamos o maquinista e o fiscal. Devo advertir que o fiscal é um tanto mais agradável, e nada ranzinza como aquele maquinista anterior. Vou lhe definir caso não tenha reparado, ele usa óculos, é baixo na estatura, e enquanto confere nossas passagens tem a paciência e a facilidade para nos contar um pouco da história que ele viveu, acredita que ele é um bom narrador? Prestemos mais atenção a ele, um ancião com muita sabedoria. Ele vai nos relatar esse período através de sua experiência e participação ímpar.

Finais da década de 1970 e início da década de 1980 do século passado, a própria estrutura militar começa a sofrer modificações, depois de um período extremamente duro e tenso como vimos em outra estação e em outro trem, começa a surgir a chamada

“Reabertura Política”³⁸ entre 1979 e 1985, que com a promessa dos militares seria uma transição lenta e gradual. Havendo o presidente João Batista Figueiredo sancionado a lei da Anistia em 28 de agosto de 1979, que permitia que os exilados políticos voltassem ao país, e que algumas organizações fossem viabilizadas e movimentos sociais que haviam sido duramente sufocados nos períodos tensos, começam a se reorganizar e discutir a possível transição para a democracia. Se estrutura na sociedade brasileira, uma formação em diferentes setores de forças que reunidas ou não³⁹, que pretendiam reivindicar a aproximação ou a transição rápida de um Estado de Exceção para um Estado Democrático de Direito⁴⁰.

Na década de 1970, não espontaneamente, mas por causa de uma mobilização de trabalhadores foram criados organismos para a luta em defesa da classe trabalhadora, e temos na política e no plano econômico o surgimento de movimentos grevistas, movimentos sindicais e um crescimento do movimento estudantil, a criação de partidos progressistas. Essas forças impulsionam a intelectualidade e suas produções da época, e as teorias pedagógicas são elementos teóricos constitutivos desse momento efervescente historicamente, dentro da necessidade de rompimento com essa matriz biologizante da EF, contra elementos empresariais que justificam a própria disciplina como cabedal maquinal do cuidado com o corpo, com a saúde e que alimentariam a construção de praças esportivas e academias privadas que lucrassem com esse conceito estético que querem arraigar mais ainda na EF.

A EF vivia como vimos, por força militar, uma esportivização e um crescimento do investimento científico nos conceitos biologizantes. A rigor, crescia a análise positivista que centralizava os aspectos fisiológicos como eixo de debate e compreensão da ciência e da profissão. Nesse sentido houve uma produção intelectual a partir da de 1980, em diferentes momentos, que reunia a necessidade de romper com esse

³⁸ Essa “reabertura” não veio de graça, depois de um período sangrento dos anos de chumbo, muitas mortes e desaparecimentos de militantes, estudantes, intelectuais e políticos, uma guerrilha armada no norte do país, começou a haver reivindicações nacionais e internacionais por esclarecimentos e resoluções. Portanto a anistia foi um posicionamento forçado pelas aclamações populares, ainda que não esqueçamos que a ditadura era um intento civil-empresarial-militar, com apoio amplo de setores da sociedade.

³⁹ Alguns movimentos sociais não tiveram e ainda não possuem nenhuma relação entre si, por exemplo a reivindicação do movimento sindical por diminuição da jornada de trabalho, aumento salarial entre outras pautas, não dialogou com o movimento negro unificado e suas vertentes, ou até mesmo as intenções pedagógicas de reestruturação da educação. Mas ao mesmo tempo se encontravam reunidos numa frente progressista que reivindicava as Diretas Já, a reforma constituinte que convergiu na Constituinte de 88 e outras demandas.

⁴⁰ São as condições em ordem de um governo autoritário e ditador como o militar, e outro com um ordenamento jurídico que privilegie as condições e direitos fundamentais de existência coletiva, contrapondo os 20 anos sombrios sem direitos.

comportamento quantitativo da EF e teve como ponto de partida as reflexões teóricas de Paulo Freire e Demerval Saviani⁴¹ nas perspectivas da pedagogia libertadora e a histórico-critica para compreender esse novo momento do país, em que junto de outras reuniões em diferentes campos intelectuais e profissionais, e se posicionarem politicamente a ideais progressistas e humanistas e romper com o tecnicismo imposto. Porém nessa força de renovação encontravam-se duas vertentes distintas de posicionamento que Castellani (2019) prefere chamar de conservadora e progressista, ou seja mesmo o movimento sendo renovador ele possuía suas próprias contradições em plena gestação, a conservadora preservava a análise positivista ao entender que a inovação ou a renovação seria através da cientificização e da reprodução das tendências do esporte na EF, enquanto a vertente progressista tende a criar uma reflexão crítica assentada num referencial teórico marxista para compreensão da realidade e propor a EF como ponto de encontro para a emancipação humana.

A cientificização veio, portanto, não para romper com o existente, mas sim para emprestar-lhe fidedignidade. Veio para ratificar em outras bases – agora emprenhadas de racionalismo pragmático, não mais centradas em práticas tradicionais gestadas tão só empírica e intuitivamente – a pertinência do sentido e significado atribuídos à EF e ao esporte naquele momento histórico. Nada há de progressista nessa renovação, mas é nela, contraditoriamente, que se instaurou o parir do substantivamente novo, totalmente comprometido com as circunstâncias históricas de um país disposto a romper com seu passado recente e com o nascer de uma nova ordem, desta feita democrática. (CASTELLANI FILHO, 2019, p. 71.)

E continua:

Movimentos Renovadores abundam. A maioria deles trazendo inovações escamoteadoras do verdadeiramente novo, mantendo incólumes as bases estruturantes do velho. Observaram-se vários deles na EF brasileira. Não pairam dúvidas sobre o caráter renovador desses Movimentos e sim sobre a sua natureza, se conservadora ou progressista. (CASTELLANI FILHO, 2019, p. 72)

Não foi uma reunião em clubes literários como já afirmamos, não houve uma organização metódica e central em departamentos ou gabinetes, mas fica conhecido como Movimento Renovador da EF Brasileira, não há precisão ou referência de onde surge a

⁴¹ Voltava à tona a Pedagogia Libertadora de Paulo Freire, formulada na década de 1960 e proibida pela ditadura militar, e começava a ser construída, tornando-se decisiva, a Pedagogia Histórico-Crítica formulada por Demerval Saviani. Essas duas correntes transformaram-se nas principais referências para a maioria dos educadores que se posicionaram no campo da “esquerda educacional. (MELLO, 2014, p. 155)

nomenclatura de renovador ao movimento, mas nos desperta estranhamento mais a palavra “movimento”, dando a ideia que foi algo articulado, reunido e programado, e de fato não foi assim.

Precisamos entender que houve dentro do movimento renovador duas intenções de progressistas, um que se entende por crítico-superadora e que se baseia em referências marxistas de teórica social crítica, e outro que se promove crítico-emancipatória entendendo que as análises devem ser feitas por uma EF que emancipem através de referenciais pós-modernos, como por exemplo a Escola de Frankfurt e em específico Jürgen Habermas.

O movimento progressista crítico-emancipatório, era uma intenção de ruptura ao pensamento conservador existente na EF brasileira, não baseado na teoria crítica, porque na perspectiva crítica não foi esboçada pós 1980 e na verdade nunca conseguiu hegemonia na área, com o advento do pensamento pós-moderno menos hegemonia conseguiria fincar, descreve Hungaro (2013). Esse movimento progressista crítico-superador pretendia e conseguiu dialogar com um referencial teórico crítico, especificamente o materialismo histórico-dialético, fermento ideal para discutir a emancipação humana e revolucionária, diferentemente da EF ao qual criticavam que representava e representa intenção biologizante e fisiológico estrito das análises científicas e das práticas educacionais, que têm na verdade um fundo histórico como já citado, relacionado com a educação militarista, higienista e médica.

Para compreendermos essa análise deste determinado momento histórico da EF, nós compartilhamos da reflexão de Hungaro (2013) que denomina a intencionalidade revolucionária desse movimento renovador de “projeto de intenção de ruptura”^{42, 43}.

[...] entendemos que as circunstâncias históricas dos anos 1990 (as determinações da realidade) foram extremamente avessas ao projeto de “intenção de ruptura” da educação física com seu passado conservador. Tal projeto, inaugurado nos anos 1980, fortalecido até meados dos anos 1990, começa a se defrontar com um contexto da pós-modernidade extremamente conservador (em certo sentido, inclusive, reacionário) e absolutamente avesso ao marxismo – que tanto inspirou o projeto de “intenção de ruptura”. (HUNGARO, 2013, p. 144)

⁴² “A alusão aqui é à denominação atribuída, por José Paulo Netto, ao processo teórico-político instaurado pelo serviço social na luta contra sua funcionalidade original ao capital”. (HUNGARO, 2013, p. 135)

⁴³ “O rompimento com o capital e o engajamento na superação da ordem burguesa constituem a essência do processo de ‘intenção de ruptura’”. (Idem)

Por isso é necessário trazer o contexto, ou seja, a história, porque avançamos tanto no tempo que precisamos contextualizar os elementos que a história nos conduz a refletir.

O panorama histórico no idos de 1980 é a luta pela democracia e já em 1990 o fim da União Soviética, elementos que por si só são capazes de indicar caminhos para uma possível compreensão desse “projeto de intenção” que o movimento renovador busca articular na EF, para alinhar com a criticidade e gerar uma “ruptura”, e seja do ponto de vista da produção cultural na escola ou da produção acadêmica, é que se inserem as análises com vigor crítico para uma ruptura.

Anterior a este período a EF se concentrava tanto na produção como na prática habitual da academia e da escola, como uma referência laboratorial, confecção de manuais técnicos, bem moldados numa perspectiva positivista com resultados fisiológicos pouco afeitos a análise, ao debate e a criticidade de uma área que estava diretamente inserida ou estava pretendendo se inserir de fato na educação. A possibilidade de ampliar o campo de conhecimento da EF se dá com essas aproximações dela com diferentes áreas de debate, como por exemplo a Pedagogia, a História e outras:

Os discursos acadêmicos da Educação Física Brasileira foram tomados como parte de um universo simbólico que foi socialmente produzido e ainda socialmente mantido. As formas de pensamento da Educação Física foram analisadas como construções sociais representadas por um grupo de estudiosos, seus autores e, ao mesmo tempo, atores, uma vez que desempenhavam papéis relevantes nessa dramaturgia do pensamento científico da área. A intenção foi desfocar a discussão de uma perspectiva de disputa entre as várias abordagens da área para a consideração de que todos os discursos sobre a Educação Física foram importantes para compor o cenário, dentro do qual os atores envolvidos puderam desenvolver a trama da construção do pensamento acadêmico da Educação Física brasileira. (DAOLIO, 1997)

Há nesse momento histórico não só uma “ruptura” com a questão teórica que gesta a EF e suas intercorrências históricas, mas também um distanciamento de intelectuais que podem ser compreendidos como responsáveis pela construção de ferramentas para a análise histórica da EF. Por exemplo, a importância da dissertação de mestrado de Cantarino (1982) analisando a EF no Estado Novo e que ousa por romper com Inezil Penna Marinho, que é um importante intelectual analista dos períodos de formação dessa complexa formação educacional no Brasil do final do séc. XIX até idos da metade do Séc. XX, mas Cantarino ainda se mantém preso, pelo menos enquanto produção intelectual a uma forma a que Castellani (2018) irá chamar de Neopositivista, que vamos nos apropriar

melhor no próximo capítulo ou na próxima estação do trem histórico. Ainda assim avançando historicamente e promovendo uma inicial intenção de ruptura com a maneira conservadora imposta por Inezil que acreditava que ao historiador não cabia explorar criticamente os fatos, apenas expô-los.

Atribuo ao Cantarino uma abordagem histórica a partir de uma perspectiva neopositivista, e é assim que eu vejo. O Inezil Penna Marinho dentro da perspectiva positivista, e o Cantarino próximo ao Inezil, mas diferente a dele não se limitando a somente descrição dos fatos, mas também se posicionando, mas o que fazia dele ainda preso ao referencial positivista, mas que extrapolava a própria lógica positivista. (CASTELLANI FILHO, 2019. Entrevista)

Tanto interessante ao momento histórico em que é publicada, imbicada no movimento popular pelo retorno da democracia social e as construções sociais viabilizadas pelas diretas já e a constituinte de 88, a dissertação de Cantarino acaba se tornando a espinha dorsal da maioria dos debates intelectuais dos pensadores inseridos neste Movimento Renovador que intui analisar criticamente para romper com as estruturas biomédicas e positivistas do passado. Haja visto Carmem Lúcia Soares, Lino Castellani Filho, Luiz Renato Vieira etc.

Já na década de 1990 é publicada uma das produções tidas como clássicas e que visa propor uma nova construção acerca da metodologia específica da EF, em que pese refletir o chão de sala e seu planejamento, avaliação, projeto político pedagógico, currículo, dentro desses ideais progressistas fortemente inspirados no marxismo, num combinado de autores chamado Coletivo de Autores (1992) com a obra “Metodologia do Ensino de Educação Física”.

E era necessário na escola outro patamar sobre a metodologia de ensino, seja na história, na química, nas línguas e outros.

A Editora Cortez contactou Lino Castellani Filho para dar conta dessa premissa de construção metodológica, e o mesmo entendeu que não daria conta dessa empreitada sozinho, e através de um mapeamento de uma atividade intelectual na EF do país, estendeu esse dever a outros componentes em Pernambuco que já existia um trabalho educacional fantástico, porque lá tínhamos Miguel Arraes governador, e um ensino com referência marxista que vinha de Cuba, nós fomos a Cuba, e a primeira reflexão curricular é lá, e levamos isso ao Coletivo de Autores, o que foi consenso entre nós e até hoje está sendo aprofundado [...] e por isso que tem muita dissertação e tese engavetada porque não usa o referencial marxista como nós usamos, não contesta o que está sendo

produzido, nem ao ensino e nem as metodologias. (TAFFAREL, 2021. Entrevista)

Em síntese se categorizam como a proposta de uma pedagogia crítico-superadora, que busca além da criticidade no chão de sala, na relação ensino-aprendizagem, trazer condições teórico-metodológicas para pensar a emancipação humana através da EF, em oposição a aquela EF que pode se entender renovadora na tecnicidade proposta ao pensar o esporte, o jogo, o corpo e a ludicidade, mas que não se encaixa como progressista e sim conservadora. Sendo inclusive obra, junto a outras de produção intelectual ímpar nesse movimento de renovação, referencial bibliográfico de avaliações institucionais, processos seletivos, concursos públicos para magistério de educação básica e superior e de inclusive como fazemos aqui também, análise histórica do período visto.

A partir desses posicionamentos são esboçadas propostas pedagógicas para a Educação Física, tanto no sentido de uma Educação Física crítica quanto em seu sentido mais conservador. Os primeiros sinais de propostas resultantes do “movimento crítico” começam a ser evidenciados nas propostas curriculares das Secretarias de Educação de alguns estados, como é o caso do Paraná, de Pernambuco, Santa Catarina, e resultam nas concepções crítico-superadora e a crítico-emancipatória, no início da década de 1990. (MELLO, 2014.Pg, 157)

É tempo de partida, o trem apita, e nosso fiscal de viagem já rouco de tantas histórias nos contar pede um tempo para repouso. Vamos fazer uma troca no percurso, iremos retomar no tempo através dessa nossa locomotiva chamada história, o maquinista pede atenção para onde iremos, assim como o fiscal ele também sabe contar histórias e essa próxima, nos parece que ele domina, viajemos!

3.4 Brasília, Habemus Data!

O trem vai surgindo num céu azul imenso, poucas construções, uma terra vermelha e uma poeira toma conta dos vagões. O maquinista parece estar animado, acho que ele se sente em casa, há de nos contar sobre onde estamos. Precisamos voltar um pouco na história, e esse movimento como já vimos é necessário para compreender que a realidade tem um caminhar não retilíneo, e acreditando nessa máxima que vamos visualizar como a EF se constituiu no Distrito Federal. Já que pretendemos ter uma contemplação da vida de Cantarino Filho, precisamos entender a construção histórica da EF em solo vermelho, no cerrado, assim ficará mais exposta a importância da participação dele nessa viagem.

Conhecemos na introdução dessa pesquisa todos os meandros que educação sofreu com a transferência da capital para o planalto central, ali descrevemos os processos burocráticos e o cenário político que o permeou nesse processo histórico, agora retomaremos esse percurso olhando para alguns participantes que se juntaram ao Cantarino Filho, fazendo com que a EF se estruturasse no projeto educacional da cidade.

Com o projeto educacional designado aos cuidados do pensador baiano Anízio Teixeira e a criação da Fundação Educacional do Distrito Federal, o percurso da educação *sui generis* do DF preenchia uma proposta inovadora de fazer interagir os filhos da classe trabalhadora com os filhos dos gestores. Mas ao que se sabe, gestação dessa educação já vinha antes da instalação da nova capital, nos arredores conhecido como entorno (cidades ao redor do DF e presentes no território do Estado de Goiás) e futuramente cidades-satélites como Brazlândia e Planaltina que a época já eram territórios constituídos com singularidades, povoação, estrutura urbana e rural.

A Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, representante do poder público, preocupada em atender às necessidades primordiais de educação primária das crianças filhas de seus funcionários e operários, assumiu esta responsabilidade, criando, em fins de 1956, o Departamento de Educação e Saúde, mais tarde Departamento de Educação e Difusão Cultural (Portaria nº 103/B/59 Novacap), com o encargo de promover atividades educacionais até a implantação definitiva do Sistema Educacional do Distrito Federal (DISTRITO FEDERAL, 2001, p. 29).

Para gerir a educação, ordenar e designar professores para as instalações escolares que existiam como o CASEB (Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília) que não é uma das primeiras a existir, inicia suas atividades em 1960 como um modelo educacional de jovens, entre outras, foi instituída a Fundação Educacional do Distrito Federal, como publicado em diário oficial, ficaria o Ministério da Educação e Cultura na sua organização, manutenção e administração:

[...] foi criada provisoriamente para assumir a administração do sistema educacional do Distrito Federal até então exercida pela NOVACAP, em 17 de junho de 1960, foi criada a Fundação Educacional do Distrito Federal (FEDF), com a finalidade de executar a política educacional do Distrito Federal, de modo a assegurar a eficácia do sistema de ensino oficial, até então responsabilidade da CASEB. Essa instituição passou a supervisionar os ensinos primários e médios do Distrito Federal. (DISTRITO FEDERAL, 2021, p. 12)

Neste cenário a EF obedecia ao contexto político-ideológico da época, que acontecia no chão de quadra diante dos liames da esportivização. O atletismo não era diferente, esporte central para a construção histórica e profissional de Cantarino Filho, foi introduzido na educação física escolar do DF sem uma metodologia específica, foi um professor sergipano que chegado anteriormente à capital, ficou responsável por espalhar os fundamentos básicos da modalidade esportiva, no CASEB mesmo, João de Oliveira, um dos primeiros professores de EF para a educação básica na cidade. Quem nos conduz ao contexto da chegada do atletismo ao DF é seu filho Ricardo Vidal de Oliveira, atleta internacional e gestor esportivo:

Quem trouxe o atletismo para Brasília foi meu pai, nos anos 60 quando ele veio para cá. Ele quando lecionava no Cruzeiro, fez caixa de salto, montou um bloco de partida e não tinha em Brasília ele que fez, sendo um diferencial nas provas os atletas deles tinham saída de bloco e os outros não [...] trabalhando com público estudantil no Setor Leste, e na época embrionária ele fazia um trabalho vinculado com o social lecionando para crianças usuárias de drogas. Participa da idealização do JEBS (Jogos escolares Brasileiros), atuando como professor e como gestor, sendo professor de educação física escolar e posteriormente foi dar aula em Faculdade e era a segunda faculdade de educação física, a Dom Bosco, colocando o atletismo em concorrência com a UNB. Sendo vinculado com as origens do atletismo no Distrito Federal. (VIDAL, 2020. Entrevista)

Nessa própria análise do entrevistado há uma confusão de datas e locais, o Centro de Ensino Fundamental 01 do Cruzeiro vai surgir somente em 1961, e o Centro de Ensino Médio do Setor Leste somente em 1963, sendo central o início do percurso do professor João de Oliveira em 1960 no CASEB, que como dissemos era uma escola referência na implantação de novas metodologias pedagógicas de acordo com os ideais implementados pela Escola Nova de Anísio Teixeira.

Criavam-se a partir de 1962 duas Universidades diametralmente opostas nas esferas em que se situavam, mas próximas na proposta pedagógica, e como vimos nesse devir histórico, nas condições do próprio tempo em que estão. A Universidade do Distrito Federal que era a transferência da proposta acadêmica inserida na antiga capital Rio de Janeiro, porém JK queria assim como os contornos ou as retas propriamente insígnias do urbanismo modernista que elevava o planalto central a potência política do país e do mundo, uma educação trampolim, uma inovação pedagógica em todos os níveis e nisso a Universidade se torna Universidade de Brasília alicerçada na base ideológica trazida pelo antropólogo Darcy Ribeiro, mas assim como a educação básica geneticamente provida na

pedagogia de Anísio Teixeira, com o intenso desejo de construir uma produção acadêmica capaz de mudar a realidade brasileira - portanto só será realizada essa quimera⁴⁴ de JK, na gestão do seguinte presidente da República, João Goulart, através da lei 3.998 de 15 de dezembro de 1961. Somente uma universidade nova, inteiramente planejada, estruturada em bases mais flexíveis, poderá abrir perspectivas de pronta renovação do nosso ensino superior (BRASÍLIA, 1962, p. 05).

Ainda na década de 60 é criado na UnB o Serviço de Recreação e Desportos vinculado ao Decanato de Assuntos Comunitários, em 5 de setembro de 1971 com a intenção de promover a prática esportiva, ampliar os espaços de reflexão prática do futuro curso de EF e integrar a comunidade através do lazer, surge o Centro Olímpico da UnB. Sendo em 1972 que surge o curso de EF vinculado a Faculdade de Saúde (FS) deixando nítido o fator biologizante dos conceitos pedagógicos que eram práticas neste momento, e em 1974 ainda vinculado a FS cria-se o Departamento de Educação Física. Com vistas a ampliação do curso, a contratação de profissionais com formação específica e não vindo de ambientes militares, a UnB promove alguns concursos para preencher o quadro desta maneira, sendo a oportunidade exata e rápida que Mário Ribeiro Cantarino Filho necessitava para obter uma mudança em sua vida, veremos em outra estação com maior lupa esse momento histórico e pessoal. Em 21 de janeiro de 1997 em uma resolução do conselho universitário, o Reitor João Cláudio Todorov extingue o Departamento de EF sediado na FS, e institui a Faculdade de Educação Física – FEF, que seria instalada em prédio próprio nas imediações do C.O, assim usufruindo com maior intimidade do espaço da praça esportiva de tal setor (WIGGERS; ATHAYDE, 2020. Pg, 23). Em um trabalho investigativo e de entrevistas com pioneiros do curso na UnB Sampaio, Gaspar e Suassuna (2006) conseguiram captar e descrever esse processo de construção e estruturação metodológica da EF no campus:

O Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade de Brasília, fundado em 1974, foi idealizado por professores de Educação Física funcionários da Divisão de Recreação e Esportes da Universidade. Esses professores desenvolviam atividades de treinamento de equipes desportivas e eram encarregados da oferta da disciplina prática desportiva para os estudantes da instituição (cf. Entrevista). Analisando a condição que lhes era dada na Universidade,

⁴⁴ Assim como na mitologia grega que Quimera era uma junção de animais, quase o transformando em monstro, tanto a proposta desenvolvimentista da construção da capital, a educação se transforma num Ser maior que sua proposta diante de um país a época com número significativo de analfabetos, Brasília se projetava com essa monstruosa pretensão pedagógica, e ainda se refere ao panorama nacional atualmente qualitativamente vanguardista.

surgiu a ideia de criação do curso em 1973, sendo autorizado posteriormente por meio do Ato da Reitoria nº 831 (UnB, 1974a) e pela Reunião do Conselho Diretor nº 25/74 (UnB, 1974b). Como departamento da Faculdade de Ciências da Saúde, o curso de Licenciatura em Educação Física se situava em um contexto composto por outros departamentos, como Medicina Complementar, Medicina Especializada e Medicina Geral e Comunitária. (SAMPAIO et al, 2006, p. 198)

A época chamada de Faculdade Católica de Ciências Humanas, e inaugurada em 12 de março de 1974, ofertava inicialmente cursos como: Economia, Administração e Pedagogia. Em junho de 1976 é inaugurado o curso de Educação Física nessa mesma instituição então conhecida também como Faculdade Dom Bosco, importante rede salesiana de educação, 4 anos mais tarde que a UNB, e como professores das primeiras turmas lecionando História da Educação Física e Atletismo, tiveram em seus quadros respectivamente Cantarino Filho e o professor da FEDF, João de Oliveira, já que ainda naquele momento ainda não tinham o dispositivo legal de dedicação exclusiva aos órgãos públicos que impediam de exercer o ensino concorrente na esfera privada.

Foram essas duas instituições que foram as pioneiras na formação de uma segunda geração de professores para a FEDF, sendo que a primeira geração de professores efetivos na educação básica é de oriundos em processos de transferências interestaduais num fluxo migratório bastante diverso. E dentro desse processo de formação dessas distintas instituições foi que a EF no DF se prepara e dialoga com o chão de sala das escolas públicas e futuramente privadas na educação básica, e conjuntamente com o magistério surge a prática esportiva como modelo de uma sociedade que pretendia modernizar e agregar o lazer como forma de relacionamento estruturante pensado e criado pelos traços de Niemeyer e Lúcio costa (MAGALHÃES; COSTA, 2012). Falamos por hora da história da EF no DF, e foi importante para entendermos a história peculiar dessa área de conhecimento e de alguns personagens que entendemos serem pioneiros na região, agora precisamos partir e nos alimentar de história através das contradições do tempo e da humanidade.

O Cenário está posto, como uma mesa para a ceia, os alimentos estão dispostos e livres para a escolha segundo o gosto de cada um, e dentro da nossa análise crítica sobre a EF, através da pesquisa de vida de Mário Ribeiro Cantarino Filho pelo viés do relato de entrevistados e a investigação documental, iremos perceber em conjunto como a EF pode receber participação através do fenômeno historicidade e em se tratando decodificação da história, o nosso trem apita para irmos no movimento contrário do

tempo. Notaram que fizemos isso várias vezes? Fomos e voltamos no caminho, no tempo e na própria história, comungamos que o movimento da realidade é dialético e que ele pode nos mostrar as contradições humanas, se segure no assento que vamos com velocidade conhecer outra história: quem é esse homem que acreditamos ser um elo para a história da EF no Brasil e necessário contribuinte para o DF?

4. O VELHO: HISTÓRIAS PARA CONTAR

*Sim, era o Homem,
Era finalmente, e definitivamente, o Homem.
Viera para ficar. Tinha nos olhos
A força de um propósito: permanecer, vencer as solidões
E os horizontes, desbravar e criar, fundar
E erguer. Suas mãos
Já não traziam outras armas
Que as do trabalho em paz. Sim,
Era finalmente o Homem: o Fundador.
(Vinicius de Moraes)*

4.1 Um homem e suas histórias peregrinas

Já é alvorada, e o sol é a força de todas as manhãs e as “aves que aqui gorjeiam”⁴⁵ são deveras especiais e nenhuma outra há que gorjeie como cá – e isso entenderemos adiante. O trem atravessa o horizonte do sol-poente, atravessamos o entre histórias⁴⁶, pretendemos ter derrubado algumas cercanias que nos limitavam a visão da historicidade, o fato histórico, que a maneira de Marx, nos posicionamos numa contraposição as análises metódicas e avessas ao caminhar não-linear, quem nos traduz nesse movimento que fizemos desde o próprio movimento humano até o da história, é o historiador britânico da chamada escola inglesa marxista, Eric Hobsbawm⁴⁷:

[...] Marx deliberadamente estudou a história na ordem inversa, tomando o capitalismo desenvolvido como seu ponto de partida. O “homem” era a chave para a anatomia do “macaco”. Claro que não se trata de um procedimento anti-histórico. Implica que o passado não pode ser entendido exclusiva ou primordialmente em seus próprios termos: não só porque ele é parte de um processo histórico, mas também porque somente esse processo histórico nos capacitou a analisar e compreender coisas relativas a esse processo e ao passado. (HOBSBAWM, 1997, p. 173)

⁴⁵ Referência ao significativo poema “Canção do Exílio” do importante literato brasileiro pertencente ao período histórico da literatura conhecido como romantismo, e de uma tradição específica literária chamada de indianismo. Onde se buscavam para a Nova República, inscrever mitos tidos como fundacionais, na perfeita miscigenação entre o colonizador e o bárbaro nativo, que trazia a melhora e o progresso numa nova raça.

⁴⁶ Vamos nesse movimento entendendo, que a participação de Cantarino Filho na história, pode significar um entre histórias, ou seja, medeia acontecimentos significativos naquilo que queremos contar, a história da EF no Brasil e em Brasília e seus acontecimentos disruptivos com outras histórias, através da História.

⁴⁷ Foi pertencente a uma das mais brilhantes reuniões de intelectuais, engajados em traduzir e praticar o método marxista de análise histórica, como vimos no cap.2. Em conjunto com E.P Thompson e outros se tornaram um dos mais importantes historiadores contemporâneos.

E é essa ordem inversa que pretendemos nessa pesquisa de vida, inicialmente compreendemos o contexto histórico da educação e a transferência da capital do Rio de Janeiro para o Distrito Federal e Brasília, percorremos os vários conceitos e escolas da historiografia para que pudéssemos entender como se analisa a produção histórica pelo homem, o mesmo que é capaz de produzir história através do movimento, embora seja além dessa capacidade fisiológica, muito mais da sua interação com a natureza e a capacidade de modificá-la e a si mesmo, e com alguns maquinistas bem preparados nessa prática do contar a história fomos conduzidos pelo desenrolar da Educação Física no processo de construção da própria Educação no Brasil, e retornamos no tempo histórico até Brasília para entender como a EF se estruturou com a “nova educação” que se pretendia modernizar as práticas e conceitos na nova capital. E foi preciso fazer esse movimento porque precisávamos entender como era o lugar e suas vivências singulares, onde Cantarino Filho iria provavelmente fazer história, dentro de suas possibilidades, pretendemos agora verificar quem é esse homem e porque ele pode ser significativo para a Educação Física brasileira e candanga⁴⁸.

Diferente de outrora, quando o trem era conduzido por diferentes maquinistas e fiscais de passagem, agora uma força imanente o conduz, nela vêm toda energia necessária para direcionar os caminhos da história, como para traduzir seus protagonistas. Mário Ribeiro Cantarino Filho não é um servente do acaso, situado no seu tempo, também é fruto de outros pioneiros, e protagonistas.

JK precisava deixar a nova capital capaz de renovar o espírito político do país, e as artes poderiam traduzir o que a arquitetura deixou inscrito nas argamassas da esplanada. Reunir os melancólicos, mas modernos acordes da bossa nova (conhecidos como “bim-bom”) e que emocionavam a juventude do final da década de 1950, não só na voz e violão de João Gilberto, mas inclusive também na poesia e malícia do poeta-diplomata Vinicius de Moraes, e no sorriso bem-posto de Antônio Jobim. E foi justamente a esta dupla a quem JK recorreu para trazer a poesia para os fins-de-tarde da terra-vermelha:

⁴⁸ Candango(a) é um adjetivo referenciado aos pioneiros na construção, habitação e estruturação da nova capital, podia ter antes a significação pejorativa querendo entender que os peões da construção eram pessoas de baixo grau de instrução intelectual e perspectiva de vida material. Com o tempo essa denominação se transformou para referenciar com orgulho (também devido ao projeto de JK ter se realizado positivamente, contra as esperanças negativas da oposição política) os bravos trabalhadores de base da construção civil, como os primeiros profissionais que deram impulso necessário a diversos setores (professores, médicos, advogados, autárquicos, etc.), ou seja, candango é pioneiro.

O movimento de constituição da Bossa Nova parecia refletir a urbanização do país. O novo estilo de compor e cantar, apesar de influenciado pelo samba, retirava o foco da música produzida nos morros, lançando os holofotes do cenário musical para a zona sul carioca. Esse movimento revelou diversos cantores e compositores, como Vinicius de Moraes e Tom Jobim, dupla que, em fevereiro de 1958, foi convidada por Juscelino Kubitschek a compor a “Sinfonia da Alvorada”, mais conhecida como “Sinfonia de Brasília”. Na capa do LP, gravado em novembro de 1960, Vinicius de Moraes fala sobre o pedido do amigo e então presidente: “A idéia de escrevermos uma Sinfonia celebrando Brasília não é nova. Em fevereiro de 1958, eu acidentado num hospital de Petrópolis, conversei pela primeira vez com Antonio Carlos Jobim sobre o assunto. Ainda no correr desse mesmo ano, alguns dos temas musicais aqui constantes já haviam sido compostos pelo jovem Maestro. (...) Houve logo, é claro, quem falasse em obra “encomendada” e outras tolices do gênero, o que feriu certas suscetibilidades de Jobim. E a tarefa ficou postergada para dias mais inteligentes.” (BRASÍLIA, acessado em 02/05/2021)

Sendo gravada em 1960, como disse o próprio Vinicius, não por encomenda, mas já por antiga intuição, a inauguração em 21 de abril de 1960 da capital não pode contar com a sinfonia, que só foi executada em 1966 na televisão. Antônio Jobim e Vinicius de Moraes dotaram a “Sinfonia da Alvorada” de movimentos em seus atos: I O Planalto Deserto, II O homem, III A Chegada dos Candangos, IV O Trabalho e a Construção e V O Coral.

A panaceia, havemos de convir que ficará muito mais saborosa nas gentilezas proverbiais e adjetivas desses dois poetas do cancionero brasileiro. E na epígrafe deste capítulo sintonizamos com a força radial da criação e da vontade de criação, justapostos na ginga política de JK na nova capital, ou em quem antes de Cantarino Filho, já trazia nas veias ou na genética a proposta de fundação, como no trecho do ato II O Homem é dito:

Era finalmente, e definitivamente, o Homem.
Viera para ficar. Tinha nos olhos
A força de um propósito: permanecer, vencer as solidões
E os horizontes, desbravar e criar, fundar (MORAES; JOBIM, 1960)

Como prenuncia no final do ato anterior, I O Planalto Deserto: “*O desbravador ousado/ O ser de conquista/ O Homem! Quem homem é este? Retomamos a pergunta para poder falar, na poesia que esse fundador traçou*” (MORAES; JOBIM, 1960). Este homem fundador tem passos calibrados no passado, justamente este tempo que parece que “ficou para trás”, que aqui insistentemente retornamos, mas também fazemos voltas

ao tempo presente, é assim que a realidade vem se circunscrevendo e nos dando condições por inúmeras repetições desse ir e vir para compreender. E este homem fundador é um peregrino, percebamos!

4.2 Minha Peregrinação sob a Terra

Em cartas escritas e desenvolvidas para seu filho José, Mário Ribeiro Cantarino (Pai) entre novembro de 1959 a dezembro de 1961 resolveu contar sua história e de toda sua genealogia, talvez como se entendesse que o maior tesouro que deixaria na partilha quando de sua morte, seriam as conquistas e as lidas fundacionais que percorreram suas passadas e de seus predecessores. Mário Ribeiro Cantarino Filho sob poder dessas cartas, resolveu reuni-las e publicar em uma primeira edição em 1988, praticamente mimeografada depois de uma breve organização das variadas cartas escritas e datadas, depois em 2003 pela Editora Thesaurus de Brasília, resolveu publicá-las numa 2ª edição, dando assim tônus literato a experiência de vida paterna.

Talvez, eis aí o homem a quem estávamos a nos indagar, agora nos resta saber quem o é! E imbuído daquela força imanente que discriminamos no início do capítulo, ele mesmo nos delata a gênese:

Nasci em Niterói em uma casa na Rua da Praia, lá para o lado da Ponta D'areia, que a urbanização sacrificou. E morei em outra, uma chácara, na rua Benjamin Constant, que na época teria outro nome, casa essa que se arruinou, estando o terreno baldio. (CANTARINO, 2003, p. 11)

Nasceu Mário Ribeiro Cantarino em 7 de junho de 1890, ou seja, sete meses depois da instauração da República em 15 de novembro de 1889 – chamada de República Velha que durou até a sua dissolução em 1930. Está dado o contexto ao qual se cria, de muita energia e debates políticos, de formação literária intensa, pós-abolição, e de renovação no sistema de governo do país. É ele que com boa memória relembra o que viveu logo no início e o nascimento de sua irmã: “*Nessa época assisti à revolta da Armada, de 1893, e Yayá nasceu em setembro, e bem que merecia o nome de Revoltina[...]*” (CANTARINO, 2003. Pg. 11.)

É de certo que reconhece, naquele cenário que se emoldurava nossa nação, a posição que lhe cabia ao situar as funções que sua família ocupava, em que tanto a paterna como a materna eram senhores de terra, com vasta terra e escravatura. E a política já

ocupava os discursos no lar, e animava a oposições nas discussões de família, sendo separados entre os entusiastas conservadores ou liberais, e olha que como ele mesmo Cantarino (2003) cita: “*Os liberais eram os vermelhos da época*”. Pretender numa República recém imposta, se aliar aos ideais de uma economia liberal, era se posicionar contrário ao retorno da monarquia, como ainda alguns desejavam, aliado a algumas fantasias delirantes do retorno do domínio clerical nas veias políticas, “ser vermelho” era o revolucionário da época, posto que hoje ser liberal é sinal de conservador, isso nos mostra como a realidade das coisas se altera de acordo com o tempo histórico em que ela se situa.

Meu bisavô paterno, o velho Comendador Manoel Teixeira de Souza, era casado na família Dias, pioneiros beneficiados com sesmarias que vinham até Jaconé, onde nasceu minha avó (a entrada era por Cabo Frio; Jaconé era o fim do mundo). (CANTARINO, 2003, p. 12)

Filho de José Francisco Cantarino, descendente de portugueses açorianos, engenheiro e político que assim como o sogro estava presente nos rumos do Partido Liberal, e Honorina Ribeiro Cantarino, descendente de portugueses do Porto, dotada de múltiplas formações, musicista, cantora, poliglota, porém fadada aos lugares reservados as mulheres de família, lhe dando com os filhos e o lar. Chegando o pai a ser fiscal engenheiro muito requisitado da Leopoldina⁴⁹, inclusive convivendo com políticos influentes da época como Arthur Bernardes e Olegário Maciel.

O Velho meu Pai que, como engenheiro do Estado, esteve dirigindo vários serviços, foi, no governo de João Pinheiro, a quem poder-se-ia designar como “o Grande, encarregado da construção da linha de Sabará a Santa Bárbara. Esse serviço já bem adiantado foi encampado pela central, como um de seus ramais, assumindo o Cornélio a sua direção. [...] Era meu Pai um homem afável, boa palestra. Enérgico, severo em seus julgamentos, intolerante, muitas vezes, chegando a combater os tolerantes. Atitude eu ocasionava choques. Minha Mãe que sempre ampliou o círculo de relações conquistando amizades e sempre cercada de consideração, era tolerante e bondosa. (CANTARINO, 2003, p. 56)

E quanto mais nos aprofundamos na leitura das cartas-testemunhos do pai de Cantarino Filho, mais percebemos uma formação intelectual interessante e destinada aos afortunados naquela época, tendo a ousadia inclusive de leituras que provavelmente

⁴⁹ Estrada de Ferro Leopoldina, foi a primeira empresa férrea do país que levava o nome da afamada imperatriz, e possuía sede na antiga Guanabara, atual Rio de Janeiro.

Cantarino Filho não tenha tido a condição ou oportunidade de se desdobrar dotado de tamanha criticidade como seu pai, como por exemplo leitura aprofundada na literatura de Lima Barreto, do italiano Benedetto Croce, o incendiário Karl Marx e até mesmo análises confessadamente ateias sobre Bíblia e a vida de Jesus Cristo:

Saí dos compêndios e fui estudar assuntos sociais, econômicos, religiosos, e se não conseguisse profundidade, faria amplamente em horizontalidade. Li Augusto Comte; sua doutrina tivera excelentes discípulos no Brasil e Influuiu na fundação da República. E ainda tinha adeptos fervorosos que até em Belo Horizonte mantinham o clube Floriano Peixoto, com cerimônias públicas, onde figuravam andores com os bustos de Floriano, Benjamin e outros. Este clube se extinguiu, e os positivistas tinham que sucumbir, pois a sua doutrina, combatida, dizia: “Um só princípio absoluto, pois tudo é relativo”; “Religião não é crença sobrenatural, e sim completa harmonia individual e coletiva”; e “Um rígido Código Moral”. [...] Não tinha narcótico. Li “O Capital” de Marx, livro da estante de meu Pai; duro. Conhecia a De Rerum Novarum, de Leão XIII [...] Demórtio + Einstein = Átomo. Conheci Darwin e Haekel, por cuja causa evolucionista a Igreja me fez herege. Hoje já não sou, e não fui eu, pequenino, quem mudou de opinião. O que seria de mim fazendo história não romanceada e não nacionalizada? (CANTARINO, 2003, p. 106;107)

Fica cada vez mais interessante suas aproximações com a forma materialista de análise da história ao contar a sua própria, ele mesmo Cantarino (2003) quem anuncia: *“Nunca fiz círculos ou rodas à moda de peru; a minha vida é a trajetória de uma parábola, e não a tendo calculada com precisão, não sei a altura em que me encontro; mas não tenho dúvida que estou no ramo descendente [...] Uma tintura demagógica, levemente aplicada, produz bom efeito. Vou contando episódios; mas não estou focalizando o fato, mas a significação”*. Em alguns momentos se tornando um pioneiro na análise etnográfica, um labor antropológico ao descrever as etnias macuxis e uapixanas que estavam presentes nas suas andanças missionárias como engenheiro pelo país afora.

Teve importante participação no início da prática do futebol como esporte dos operários, principalmente quando como engenheiro que percorreu o Brasil todo no processo de modernização das principais praças capitais do país, desde as construções das vias férreas até a estruturação do saneamento básico desta transformação urbana.

Os nossos mestres eram os ingleses do Morro Velho [...] aprendemos um “foot- bol association”, clássico, e todos nós perdíamos para ele. Até que chegou o dia de termos sabor de uma vitória: empatamos! Joguei de “center-half” e botei os bofes pela boca. Era um dia festivo e, após o jogo, foi servido o jantar presidido, em um grande “hall”, pelo

diretor da mina, um inglês alto e solene, mais a mulher e filha.
(CANTARINO, 2003, p. 50)

Os estrangeirismos presentes na linguagem ao qual ele notifica a experiência, denotam a influência que um bom estudioso tanto dos inícios esportivos no Brasil, como do próprio futebol entenderá. E continua:

Nessa época, aparece um moço que estudou na Inglaterra e que foi estudar Direito na Escola local: Vitor Serpa, bom de bola, que orientou todos os clubes. Então, vários clubes se fundiram e formaram o “Viserpa”, tendo morrido seu patrono quando se bachelara (não sei bem, determinada moléstia adquirida era virulenta, assolando a mocidade, e ceifara vidas). (Idem)

Seguiu fundante em muitas situações, construções, cidades e projetos que estavam pingentes na República que se construía como profecia, distante do centralizador poder decisório de um monarca avesso a comandar, como foi Dom Pedro II. A nova estrutura política se erguia nos floretes e espingardas dos militares, na poesia dos literatos (re)iniciantes de uma nação, nos planos de engenheiros e discursos de políticos, assim como Mário Ribeiro Cantarino que herdara a dupla jornada paterna, e sairia da engenharia e se embrenharia na vida política.

Como prefeito exerceu a função autárquica tanto em Cabo Frio quanto em Angra dos Reis, dois municípios do estado do Rio de Janeiro que possuíam uma relativa presença das suas duas famílias. Tanto no exercício como gestor, ao gosto dos esportes, a demanda intelectual e literária, e suas formas de escrever de si irão refletir na maneira que Cantarino Filho irá se expressar diante de suas singularidades, filho ao qual ele chegou a denominar de “abelhudo” e “travesso”, tamanho era o empenho dele em investigar e “descobrir” coisas novas. Mas é o próprio pai quem vai denunciar a maior das influências na vida de Cantarino Filho, e que não viria diretamente dele, mas sim do avô, quando então se desafiava a enfrentar algumas lidas profissionais na capital Rio de Janeiro:

Nessa região fui descobrir, no mato, e a trilhei, a velha estrada dos tempos idos que ligava a Cantagalo, onde por ela transitou o Velho Cantarino, meu Pai, quando por volta de 1865, foi para o colégio Lameira de Andrade, em Mão de Luva, naquela cidade, centro senhorial de grande escravatura, amplo município, hoje grandemente mutilado. Mais tarde, transferiu-se, ele, para um colégio suíço de Friburgo, onde se praticava atletismo, cousa que se julgava moderna. (CANTARINO, 2003, p. 231)

É bem verdade que nossos estudos e intentos não se fundam na prescrua fisiológica, estamos bem distantes desse desafio, seja por nossa completa incapacidade, seja porque aqui entendemos que estamos imersos na história e não com os fardos pesados do jaleco branco e os tubos de ensaio de um laboratório. Dessa forma ainda nos perguntamos dentro da dúvida de quem se permite leigo, muito mais do que objetivando uma resposta de quem nos lê ou do que vamos escrever, como se o ato de escrever nos retornasse algumas questões: mas será que todas essas possibilidades profissionais, intelectuais e até o esporte estão na genética dos Ribeiro Cantarino?

Como Cantarino Filho deixou ou continuou sendo o “abelhudo” e “travesso” que lhe ditavam, e de que forma essa forma-vida-detetive lhe tornou um futuro historiador da Educação Física, talvez sem nunca ter sido essa sua intenção.

Vamos no vagar do trem, não sem direção, mas pós alvorada, sendo acolhidos pelo entardecer, aquele justo posto entardecer digno do centro do país, como descreveu o musicista alagoano Djavan (1992) “céu de Brasília, traço do arquiteto”⁵⁰ e nós também gostamos tanto dela. Partimos para a visita ao Marioto, Mariozinho, o Velho, Canta.

4.3 O Poeta Aprendiz.

A sensação que temos quando estamos há muito dentro de um vagão de trem, é que nossa vida é pertencente ao partir, ora estamos exatamente numa fatia espetacular da história, ora estamos admirando o céu pleno de um determinado lugar. Partir: eis a feita de nossa viagem, nosso destino é seguir!

O subtítulo faz alusão a um poema de Vinicius de Moraes (1962; 2009), onde ele se autodefine na sua infância, que a nós nos faz recordar Cantarino Filho definido pelo próprio Pai, e assim o poeta aprendiz seria: “Ele era um menino/ Valente e Caprino/ Um pequeno infante/ Sadio e grimpante”. Ficamos inquietos com a definição que o próprio pai concedeu ao Cantarino Filho, em seus testemunhos, a inquietude lhe faria ser gauche na vida⁵¹. Sendo ele mesmo que se autodefine quando revela em poesias guardadas e

⁵⁰ Toda referência feita a sensação espacial e amplitude que tanto a arquitetura de Brasília quanto a pureza visual do céu causam, é a essa letra de Djavan que utilizam como lugar-comum ao impacto desse deleite que é proporcionado. Como na intenção do poeta, a sensação que nos causa é de que o céu também foi um projeto do arquiteto Oscar Niemeyer.

⁵¹ Uma palavra que advém da língua francesa, e significa ser diferente, algo estranho, à esquerda. Já que além do sentido político, esquerda como lado anatômico do corpo não era bem-quisto (canhoto), somente os destros possuíam vez. E ser gauche cabe bem ao destino reservado ao Cantarino Filho. E não à toa fazemos referência ao “Poema de sete faces” de Carlos Drummond, onde a estrofe mais reverberante indica o caminho reservado aos poetas “ser gauche na vida”, e há alguém que virá se tornar um poeta, revolucionário e do esporte, aguardemos.

posteriormente reveladas aos familiares, como conquistou a alcunha de “atrevido” e “abelhudo”:

Menino

Eu fui menino
Eu fui vadio
Corri nas ruas,
Mas que doçura!
Quanta loucura
Já pratiquei
Muitas vidraças
Então quebrei.
Soltei balões
Levei trambolhões;
Tive amigos,
Perdi amigos.
Pelas ruas
Com minha turma
Estrepolias realizei.
O tempo passou
O mundo girou
Tudo mudou.
Mas os meninos,
Os pequeninos
São como aqueles
Dos velhos tempos. (CANTARINO FILHO, 2001, p. 08)

Seu irmão Plínio Cantarino, o segundo mais velho, em um memorial escrito como recordatório familiar, é quem define como era de fato Cantarino Filho:

Mário, também chamado de Mariozinho e/ou Marioto, se comportava à sua maneira. Um santo dia entrou em casa se gabando de estar fumando um charuto. Carregava entre os dedos um cocô seco de cachorro e o levava aos lábios, onde tirava uma baforada imaginária. Levou uma bronca de mamãe que foi lavá-lo com esmero. Felizmente continua vivo. Eu acho que ele contaminou o cocô. (PLÍNIO, 1996, p. 02)

Parece que há uma predileção pela autobiografia na família, escrever sobre si, talvez deixar narrado o que fez e o que sabe, antes que o façam por ele, ou talvez Cantarino e Cantarino Filho tenham pensado em facilitar o trabalho de quem se propusesse entender o tempo histórico em que viveram, e o que buscaram agir nele e contra ele.

Cantarino Filho preparou em vida vários relatos memoriais que ficaram guardados em seu arquivo pessoal e hoje familiar, ainda assim o que nos chamou de fato

a atenção, foi que sendo um dos primeiros professores a concluir uma pós graduação strictu sensu de todos os departamentos de Educação Física do país (numa época em que especialização correspondia ao status de mestrado, e mestrado ao status de doutorado), nada há registrado analisando nem sua obra intelectual criticamente ou sua atuação profissional e ação íntima de vida. E é com isso que nos motivamos a relatar em sequência, como ele nos conduz a entender seu percurso, e mais adiante o que entenderam aqueles que lhe observaram em vida, assim desejamos o emancipar de algumas possíveis questões que a história o tenha imputado no julgamento a priori! Veremos.

Buscamos dentro da ética científica nos manter distantes dos arroubos apaixonantes da parcialidade, é justo para com o biografado e com a ciência, a neutralidade científica permite que nos aproximemos da realidade, ao menos nos entendemos nesse intento.

[...] a escrita biográfica está bem próxima do movimento em direção ao outro e da alteração do eu rumo à construção de um Si transformando em outro. Evidentemente essa aventura oferece riscos: entre a perda da própria identidade e a não determinação da singularidade do sujeito biografado, o biógrafo deve saber manter o justo meio-termo, procedimento difícil porque os arroubos passionais e as tomadas de distância objetivantes são tão necessárias à sua pesquisa quanto o cuidado de preservar-se tal qual é. (DOSSE, 2009, p. 14)

É Mário Ribeiro Cantarino Filho quem empenha o nanquim para nos dizer, seu nascimento se dá no mesmo local que nascera o pai, e muito próximo da qual a maior parte de toda família nascera, atual região metropolitana e antiga capital fluminense até a junção do Estado do Rio de Janeiro com Guanabara em 1975.

Meu Nascimento ocorreu em 1930, quando então recebi o meu primeiro documento, a certidão, o segundo documento pelo qual tenho um grande carinho é o diploma de habilitação do Jardim de Infância, datado de novembro de 1936, obtido em Niterói, minha cidade natal. Esse Diploma, de pequenas dimensões está emoldurado e é o único documento que se encontra exposto em uma das paredes do meu escritório, ele contém uma frase que sempre teve influência em meus passos: “Das flores desse Jardim sairão um dia os ramalhetes do saber e do patriotismo”. Na verdade, não cheguei a ser um ramalhete colorido, mas uma pequena e modesta relva. (FILHO, 2010, p. 01)

Filho de Mário Ribeiro Cantarino e Jacy Jotta Cantarino, nasce justamente em um período de transição, ruptura histórica e política do país que ecoaria nos próximos quase 30 anos e que justamente seria seu objeto de estudo para análise da EF quando de sua

produção da dissertação de mestrado. A revolução de 30, num explícito golpe militar liderado pelo gaúcho Getúlio Dorneles Vargas, deporia o presidente Washington Luís com o apoio dos estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, para assumir o posto.

Nessa efervescência, Cantarino Filho estreia a vida, sendo o quinto filho de 8 irmãos, vindo depois de José, Plínio, Ruth, Gilda e sendo anterior a Roberto, Cyro e Lygia. Centro, exatamente o divisor, o meio dos irmãos, e ao que nos parece, estar no equilíbrio dos acontecimentos seria um molde de seus passos, já que anos mais tarde viria a se estabelecer no centro do país. Sua personalidade seria fruto de um ambiente seguro e muito estímulo intelectual, um intenso debate político movimentava seu lar, já que seu pai exerceria o cargo de prefeito de Cabo Frio e Angra dos Reis entre 1930 e 1935 e ainda administraria algumas secretarias e departamentos municipais da região.

Porém seguramente os estudos nos anos primário e secundário foram-lhe o verniz do que lhe caracterizaria o apelido de “abelhudo” dado pelo pai, de personalidade investigativa, acreditava que transcorrendo o tempo, e a educação é permanente: *“a vida profissional e familiar, nesse caso como chefe de família, também ofereceram influências surgindo alterações no meu comportamento. Entendo que é a força e a dedicação ao trabalho que definem o profissional, apoiado nos estudos e conhecimentos adquiridos no transcurso da vida”* (CANTARINO FILHO, 2010, p. 01).

Em relato anterior de seu pai, vimos que seu avô José Francisco Cantarino já havia sido um entusiasta do atletismo quando estudou em um colégio binacional, e justiça temporal seja feita, nem havíamos tido a concretização dos Jogos Olímpicos modernos que só viriam em 1896, mas a prática já acontecia em território nacional. E Cantarino Filho (2010) identifica como a prática desta modalidade, a responsável por desde cedo lhe encantar e pautar suas futuras escolhas profissionais, e que iriam percorrer toda sua vida, criando significados importantíssimos tanto na historiografia da EF brasileira como na história do esporte nacional.

Durante o curso primário fui envolvido com demonstrações de Educação Física, muito a gosto do Estado Novo e, posteriormente, durante o curso secundário vim a participar de Jogos Escolares já influenciado pelo Esporte Clube Olímpico (ECO), associação dirigida por jovens niteroienses e dedicada exclusivamente ao Atletismo, onde ingressei no início de 1947. Nessa entidade, passei por diversos cargos desde atleta, tesoureiro, vice-presidente, diretor de esporte, membro do conselho deliberativo e também presidente do clube. Foram 13 anos de atividade contínua no ECO, os atletas fundadores do clube eram os

próprios treinadores, dessa forma fui ajudado pelos companheiros e passei a ajudar os mais novos que lá chegavam, para os treinos no Estádio Caio Martins. (CANTARINO FILHO, 2010, p. 01)

Percebamos que Cantarino Filho atravessa momentos históricos importantíssimos, enquanto seu pai nascia no pós-abolição e na imediata República, e atravessava a Primeira Guerra Mundial como vimos, ele viria ao mundo em plena revolução nacional, atravessaria a segunda grande guerra mundial e se estenderia pleno, passando a conviver com acontecimentos que determinariam as forças desse sujeito histórico que analisamos. O historiador britânico Eric Hobsbawm analisa esses impactantes acontecimentos como os extremos de um “breve século”, já que no século XX fatos de proporção gigantesca obrigariam a humanidade se reestruturar materialmente e reconfigurar seus costumes devido aos efeitos dessas ocorrências, que em séculos passados não teriam ocorrido tamanhas rupturas, por isso breve como adjetivo e nominação de um período que comportou muito em tão pouco e relativo tempo.

As origens da Segunda Guerra Mundial produziram uma literatura histórica incomparavelmente menor sobre suas causas do que as da Primeira Guerra, e por um motivo óbvio. Com as mais raras exceções, nenhum historiador sério jamais duvidou de que a Alemanha, Japão e (mais hesitante) a Itália foram os agressores. Os Estados arrastados à guerra contra os três, capitalistas ou socialistas, não queriam o conflito, e a maioria fez o que pôde para evitá-lo. Em termos mais simples, a pergunta sobre quem ou o que causou a Segunda Guerra Mundial pode ser respondida em duas palavras: Adolf Hitler. (HOBSBAWM, 1994, p. 43)

E isso movimentara seu cotidiano e sua memória particular: *“Foram realizados em Londres, em 1948, os Jogos Olímpicos, que foram suspensos em 1940 e 1944, em razão da II Guerra Mundial e, como resultado das Olimpíadas surge um filme que retratava aquele importante evento desportivo internacional”* (CANTARINO FILHO, 2010, p. 02). Filme esse que o levaria a ir ao cinema três vezes ou mais, tamanha força que o contagiara por expor o painel do processo de preparação de um atleta especificamente para o atletismo, os bastidores da criação dos jogos modernos, e para aquela época a divulgação sem sons e apenas imagens era o que mais de atual poderia existir. Ficou sendo o referencial para análise dos gestos motores dos atletas olímpicos, era assim que chegavam as informações de como o esporte crescia e era fomentado internacionalmente, e provocava certa motivação aos jovens que como ele, sentiam no esporte a possibilidade de se manifestar e socializar seus desejos e vontades.

E para Cantarino Filho era só a primeira estação de muitas que chegariam, com maquinistas capazes de lhe indicar caminhos bem seguros, para de acordo com os materiais de prática e de leitura que existiam a época, ser de entusiasta a atleta, e de atleta a treinador.

Inicialmente como atleta; em seguida, como treinador; depois como treinador profissional na Federação Fluminense de Desportos, no ano de 1956; posteriormente em dezembro de 1961, obtive o título de licenciado em Educação Física, pela Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, perto da praia vermelha, no Rio de Janeiro, onde fui buscar a orientação necessária e novos conhecimentos e a titulação para o exercício da profissão. Em 1965, na mesma Escola e Universidade, diplomei-me como técnico desportivo nas modalidades de Atletismo e Remo. (CANTARINO FILHO, 2010, p. 02)

O município de Niterói lhe serviu de chão para preparar o terreno para saltos maiores, já que no atletismo as provas de salto nos levam a horizontes maiores, e tanto o Brasil se projetou internacionalmente com atletas que justa feito utilizaram-se das provas de salto para brilhar, negros, periféricos, criaram no treinamento esportivo do atletismo as oportunidades de uma época que restrições já eram parte da vida educacional e social de nosso país. Nas provas de salto em distância, salto triplo, salto em altura e salto com vara, os atletas dão um passo atrás, antes de arremeterem uma corrida por um corredor largo e estreito, para na sequência impulsionarem seus corpos em tanques de areia ou colchões de recepção, assim como na história e na intimidade de nossas vidas, estamos a todo tempo retornando para na sequência avançar, tamanha analogia nos faz reverenciar o tempo e certos participes.

Inicialmente a atleta Aída dos Santos, criada na favela do Morro do Arroz em Niterói, sendo treinada por Cantarino Filho e juntos com muito sacrifício conseguiriam nos últimos dias antes do embarque final, se classificarem na prova de salto em altura para os Jogos Olímpicos do Japão de 1964. Um feito marcante na vida do treinador, e logicamente da atleta, mas, porém, muito mais da história esportiva e social de nosso país. Contra a vontade dos gestores, Aída será a primeira mulher negra a ir para esta competição representando o Brasil, e nesta competição particular a única mulher de toda delegação, chegando em cima da prova, sem uniforme e sem material para a competição, saltou com material emprestado de atletas de outras delegações e literalmente arremeteu o voo sobre a história, terminando na 4ª colocação entre todas as competidoras, informa Rubio (2015).

Retornar um passo atrás, e seguir em corrida adiante pulando, nessa força histórica, seguiram firmes os passos da transformação do esporte diante dos acontecimentos históricos, também saltando, Adhemar Ferreira da Silva, Nelson Prudêncio e João Carlos de Oliveira (João do Pulo, apelido dado por Cantarino Filho), todos eles com recordes mundiais e medalhas olímpicas. E nos apropriamos do fenômeno biomecânico humano próprio da prova, para usar em analogia com a história, e nela faremos o ir e vir, saltando.

E nesses determinantes, Cantarino Filho decide o caminho profissional, calcado na docência é direcionado para o magistério superior, e muda de território, indo ao Espírito Santo sendo sua morada inaugural nesta prática profissional.

No ano de 1962 ingressei, pelas mãos do Prof^o Aloyr Queiroz de Araújo, no magistério, como instrutor de Ensino Superior, lotado na Escola de Educação Física da Universidade do Espírito Santo, que passou à nova denominação de Federal (UFES). Nessa instituição de ensino superior, iniciei ministrando a disciplina Boxe na cadeira de Desportos de Ataque e Defesa, esporte em que tive vivência na Escola Nacional (ENEFD), com o Prof^o Benedito Peixoto, e no Grêmio Cássio Muniz onde pratiquei a modalidade. Em 13 de Agosto do mesmo ano, fui então transferido para igual função na cadeira de Desportos Terrestres Individuais, para ministrar a disciplina de Atletismo. (CANTARINO FILHO, 2010, p. 02)

Em 1963 foi fazer uma formação na metodologia de treinamento germânica, o que a época era a vanguarda dos métodos de rendimento tanto no atletismo e praças de treinamento, como nas políticas pedagógicas da EF, e foi com uma bolsa de estudos cedida em parceria com o DAAD - órgão do Governo da República Federal Alemã, e a Faculdade de Educação Física de Colônia (Sporthockschule Koln).

Diante das formações curriculares, dos resultados obtidos como treinador de atletismo, foi convidado para ser observador técnico nos Jogos Olímpicos de 1968, no México. E junto a isto, outras oportunidades técnicas e departamentais vão surgindo:

[...] como resultado efetuei palestras, tais como “Aspectos técnicos dos Jogos Olímpicos do México”, na Escola de Educação Física (1968), “A presença da UFES nas Olimpíadas do México”, realizada na Comissão de Planejamento da Universidade (1968) e “ Aspectos culturais dos Jogos Olímpicos do México”, promovida pela Associação de Cultura Franco-Brasileira (Alliance Française) em 1969; participei como membro da Comissão Organizadora de programa comemorativo Sesquicentenário da Independência (1972), supervisionada pela sub-reitoria da comunidade Universitária e do Grupo de trabalho

Universitário e do “Campus Avançado”, em Parnaíba/Piauí (1973); fui integrante da congregação da Escola de Educação Física, como representante da classe de Instrutor de Ensino Superior (1966); parainfeei as turmas de 1967 dos cursos: Infantil, Curso Superior e curso de Técnico Desportivo; fui patrono na formatura do curso de licenciatura do centro de Educação Física e Desportos (1971); fui designado, por portaria da Reitoria para o cargo de Chefe do Departamento de Desportos do Centro de Educação Física e Desportos (1973) e, da mesma forma fui designado Diretor da Divisão de Atividades desportivas da Sub-reitoria da Comunidade Universitária (1973); por designação do Diretor da Escola de Educação Física, fui observador técnico no campeonato Sul-Americano de Atletismo, realizado na cidade do Rio de Janeiro (1965) e fui assessor da Diretoria na VI Reunião de Diretores de Escolas de Educação Física do País, realizada em Vitória (1967); com a nova legislação sobre Educação Física nos diversos ramos e níveis de ensino, com a predominância desportiva no ensino superior, enviei uma proposta ao vice-reitor referente à implantação da prática desportiva na UFES (1971) e estando na direção da Divisão de Atividades Desportivas, órgão da sub-reitoria da comunidade Universitária, elaborei o “projeto de Implantação das práticas desportivas curriculares” (1973) junto com um colega de trabalho; participei como docente e depois como examinador do curso preparatório e dos exames de suficiência em Educação física, organizados pela inspetoria Seccional de Educação Física de Belém (1973); também tive envolvimento nas atividades desportivas da Escola de Educação Física, como organizador das competições internas de atletismo nos anos de 1962 a 65, nos I Jogos Universitários Brasileiros dos Estudantes de Educação Física (JUBEEF), realizados em Vitória no ano de 1965, nas funções de Árbitro Geral da competição de Atletismo, coordenador do Boletim Informativo e Assessor do Direto Geral dos Jogos; na versão dos III JUBEEF, fui o técnico da equipe da Escola de Educação Física, certame esse realizado em Porto Alegre (1967) e, também por designação da Diretoria da Escola de Educação Física tive a função de diretor técnico da instituição nas competições amistosas com os estudantes universitários do Instituto de Educação Física General Belgrano em Buenos Aires (1967). (CANTARINO FILHO, 2010, p. 04)

Já em 1973, no segundo semestre, a Universidade de Brasília efetuou um concurso nacional para que houvesse o preenchimento das vagas no quadro de professores de Educação Física, o que não era habitual na instituição, pois os docentes eram selecionados através da apresentação do “curriculum vitae”, e neste departamento os professores eram majoritariamente militares, explica Cantarino Filho (2010). As provas foram realizadas no mês de novembro e o resultado foi homologado pelo Reitor, em dezembro do mesmo ano.

Em 1977, solicitei exoneração da UFES, já como professor Adjunto e passei a ter igual posição na UNB, entretanto, a Reitoria, em 1979, tornou sem efeito o ato anterior, enquadrando-me como Professor Visitante. Recorri à consultoria Jurídica da UNB, mas somente em fevereiro de 1983 retornei ao cargo de professor Adjunto, porém não

obtive os direitos financeiros anteriores. (CANTARINO FILHO, 2010, p. 05)

Nos atentemos mais uma vez ao tempo em que esses acontecimentos pessoais ocorrem, assim como a presença de uma narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando acentua sua própria vida individual, em particular a história de sua personalidade (LEJEUNE, 2008, p. 14). Cantarino Filho passa por períodos significativos e tensos da história do Brasil, tanto em 1964 enquanto treinador de Aída dos Santos, e então a instauração da ditadura civil-empresarial-militar, quanto de sua transferência em 1974 para a UnB, em que o país passava por um período de transição, após no mesmo ano ter sido sufocada a guerrilha armada revolucionária criada pelo PCdoB (Partido Comunista do Brasil) no hoje então estado de Tocantins.

Simbolicamente 1974 era o entre momentos históricos, anteriormente de 1968 até meados de 1970 foi o período conhecido como “anos de chumbo”, com o conhecido Ato Institucional de nº5 (AI5), o mais duro de todos os atos já instituídos e que na gestão de Arthur da Costa e Silva fechou o Congresso Nacional e as Assembleias legislativas, legitimando amplamente as torturas e assassinatos políticos. E em 1974 na gestão de Ernesto Beckmann Geisel começa o chamado período de transição para a democracia, onde se extingue o AI5 e o chamado milagre econômico brasileiro – que prometia um crescimento econômico ao país, mas que concomitante obteve o aumento da concentração de renda e da desigualdade social – pertencente a linha moderada das forças armadas, pretendia encaminhar o país nas linhas do liberalismo.

Entre as últimas semanas de 1974 e a jornada de 12 de outubro de 1977, quando Ernesto Geisel demitiu o ministro do Exército, general Sylvio Frota, a anarquia militar e o poder republicano do presidente enfrentaram-se. Era o confronto que o regime evitava desde 1964. À noite quando Frota transmitiu o cargo ao seu sucessor, Fernando Bethlem, a anarquia estava enquadrada. Coube ao general Ernesto Geisel a defesa do poder constitucional. Logo ele, que participara das desordens militares de 1922, 24, 30, 37, 45, 61, 64, 65, 68 e 69. (GASPARI, 2004, p. 14)

Exatamente nesses momentos de transição aconteciam as realizações profissionais na vida de Cantarino Filho, entre 1962 e 1964 ele se estabelece como professor universitário e treinador olímpico, e como vimos a uma transição forçada na política nacional, e em 1974 na sua transferência para Brasília há concomitante o início da transformação para a democracia nas palavras de Gaspari (2004) “gradual e seguro”.

Esteve na UnB com uma participação ativa e detentora de voz nas reivindicações para as melhorias nos quadros docentes e na estrutura do campus, intimamente ligado inclusive com a transferência do curso para um prédio próprio junto ao Centro Olímpico (CO) da universidade e não mais anexado a FS, e a conquista de expansão de Departamento para Faculdade de Educação Física (FEF).

Quando do reconhecimento do Curso de Educação Física da UNB pelo Conselho Federal de Educação fui aceito para ministrar as disciplinas: Atletismo, Treinamento Desportivo, Didática de Educação Física e Prática Desportiva, mas a realidade foi outra, pois havia o entendimento de que o docente deveria ser eclético e, desta forma ministrei também outras disciplinas tais como: Musculação, Futebol, Estágio Supervisionado, História da Educação física, Administração Desportiva e Fundamentos da Educação Física. (CANTARINO FILHO, 2010, p. 08)

Manteve sempre ligado aos ideais de juventude em ter os estudos contínuos como patrocinador de uma qualidade de vida e difusão de conhecimentos, preocupava-se constantemente com a atualização das duas linhas de atuação profissional que adquirira para si, a de professor universitário e de treinador esportivo. Enquanto professor universitário o ingresso no mestrado da Faculdade de Educação (FE) da própria UnB em 1980 iria lhe dar a possibilidade de ter uma dissertação que seria significativa para novos trajetos da historiografia da EF brasileira e veremos mais adiante, e em 1988 ele conclui um outro mestrado na mesma faculdade. A formação de treinador esportivo também não poderia ficar desatualizada, já que não teria parado no sucesso de Aída, adiante seria reconhecido como o descobridor (ainda na década de 1970) do talento expressivo do futuro medalhista olímpico Joaquim Carvalho Cruz, e em 1975 e 1976 voltaria a Alemanha Ocidental para estágio de formação de treinador nas cidades de Mainz e Dortmund.

Sempre preocupado com a formação acadêmica e, desejoso de obter o grau de mestre, tive frustradas, por motivos familiares, as oportunidades surgidas em 1967 em universidade norte-americana e, no início dos anos 70, na Universidade Federal de Santa Maria. Consegui finalmente ingressar no curso de mestrado em educação na universidade de Brasília, onde cursei os créditos do primeiro semestre de 1980 até a conclusão, no segundo período de 1982, com a apresentação da dissertação “*A educação Física no Estado Novo: História e Doutrina*”, na área de concentração de currículo. Regressei, no segundo semestre de 1988, a faculdade de educação, a fim de completar estudos no curso de mestrado, para a obtenção de nova área de concentração, desta feita

no campo da educação brasileira, estudos esses concluídos. (CANTARINO FILHO, 2010, p. 08)

Importantíssimo destacar que logo após a revolução cubana, que culminou na destituição do ditador Fulgêncio Batista na ilha caribenha, em 1962 foi convidado para palestrar no Seminário Científico Desportivo Internacional em Havana, o planejamento de educação socialista ainda estava em início de sua implementação no sistema educacional cubano. E quanto a sua produção intelectual, o que devemos saber e aprender com o que disse ou o que registrou Cantarino Filho? Ato contínuo nosso trem cheio de enredos parte para os trilhos que foram desenhados com tinta nanquim pelo Velho.

4.4 E agora? Quer dizer o que é que eu sou?

O poeta baiano Wally Salomão (2005) dentre suas performances poéticas tropicalistas e contestatórias, diante de um período muito duro para a produção artística crítica como a ditadura, a perda de referências ante a impossibilidade de expressar aquilo que vivia, se questionava em famosa poesia: “*E agora? Quer dizer o que é que eu sou?*”, como sintoma da repressão a perda de referências era emergente, assim como a solução para sobreviver a esse período ele mesmo deixa nos mesmos versos: “[...] *a memória é uma ilha de edição*”. Para ele a única forma de suportar tamanhos impedimentos e dores diante da morte de muitos companheiros do front da contracultura e da contestação que foram atitudes ímpares da juventude da época, para nós em outro tempo, com outra estrutura emocional diante dos fatos, não planejamos editar, mas trazer os fatos como os são. E é assim que Cantarino Filho se conecta em sua caminhada, com a explanação e a tecitura social comprometida com os fatos, como são, e do jeito que pode expressar diante disso, entendemos que de acordo com as formas dadas em seu tempo histórico.

Durante seu período de formação profissional das duas linhas de trabalho que já citamos, ele não deixou nenhum registro de produção intelectual, porém quando de seu ingresso ao magistério superior ele começa a se emancipar tanto na continuidade de sua formação intelectual como na sua produção, não pretendemos analisar criticamente nenhuma produção intelectual de Cantarino Filho, mas ansiamos por expô-las para que assim possamos compreender como amadureceu intelectualmente ao longo de sua carreira e o quanto suas produções puderam ser incorporadas na formação de outros intelectuais da EF no Brasil.

Seu interesse em escrever, em registrar fatos e estudos, vem de longa data, desde a época de ginásiano; entretanto, foi no Jornal O Metropolitano, órgão oficial da União Metropolitana dos Estudantes que, a convite de Antônio Barroso Fernandes, então Superintendente e Diretor Esportivo, foram publicados os meus primeiros artigos, entre eles: “Esporte, legislação e Participação Militar”; “Bases e sugestões para a reforma do Ensino da Educação Física”, uma série de três artigos; “Técnicos Desportivos”; “Salto em Altura”, em dois artigos; “Atletismo e Força Muscular”, em dois artigos; todos estes escritos em 1959, diz Cantarino Filho (2010). Nos jornais A Tribuna e A Gazeta, ambos editados na cidade de Vitória, teve a oportunidade de publicar mais de uma dezena de artigos, como “A lição Olímpica” (1968); “Mercado de trabalho em Educação Física”, em dois artigos (1968); “A Olimpíada vista por um capixaba” (1968); “O desporto Brasileiro na Berlinda” (1971); “Comunidade e Desporto”, em dois artigos (1982).

Pelo instituto Euvaldo Lodi, elaborou a monografia “O Desporto Universitário capixaba: análise de uma realidade” (1970), trabalho que teve repercussão no meio universitário da época. No Boletim Técnico Informativo (DEF/MEC), na revista esportiva Stadium, no periódico LPV (Havana), na Revista Brasileira de Educação Física e Desportos, no informativo APEF/DF, no Jornal de Brasília, no Boletim da FIEP, na Revista Sprint e em *homo Sportivus*, divulgou diversos artigos, tais como: “A educação física no Estado Novo” (1988); “A educação Física nas propostas políticas da Nova República” (1985), em colaboração; “Educação física não é Biomedicina” (1979); “Estruturação dos Desportos Universitários” (1978) e muitos outros. Vários trabalhos foram divulgados como “papers”, porém não publicados em periódicos, como: “Proposta para criação do bacharelado em Desporto” (1984); “Bibliografia Básica da Educação física” (1980); “Proposição de contrato ensino-aprendizagem para a disciplina prática desportiva da Universidade de Brasília (1981); “Teses Brasileiras em Educação Física” (1986); “O nacionalismo na Educação Física: da Alemanha ao Brasil” (1988); “A educação militar no ensino brasileiro: antes e durante o Estado Novo” (1989); “A educação Física na reforma Francisco Campos” (1989) e “Memórias de um estudante no período do Estado Novo” (1989) (CANTARINO FILHO, 2010, p. 10).

Em obras Coletivas colaborei com o capítulo “O aperfeiçoamento da velocidade”, no livro Introdução à moderna ciência do Treinamento Desportivo (1968), e com o artigo “A educação Física na Universidade em face da legislação”, parte do livro Educação Física e Esportes na Universidade (1988), obra premiada em terceiro lugar no Prêmio MEC de literatura Esportiva (1989). Por indicação do Professor Junger

Dieckert, colaborei na majestosa obra “Geschichte der leibsubungen” (1989) – História da Educação Física, editada em Berlim – RFA pelo Prof^o Horst Ueberhost, e apresentada no congresso de História da Educação Física, paralelamente aos Jogos Olímpicos de Seul. Trata-se de uma enciclopédia alentada, com sete volumes, onde são analisadas a Educação Física e os Desportos Mundiais. O meu artigo “A Educação Física no Brasil”, está inserido no volume seis. Atlas do Esporte no Brasil é uma grande obra em conteúdo, tamanho e peso, com 923 páginas, organizada por Lamartine DaCosta e com artigos e capítulos redigidos por diversos autores. Em co-autoria com Dacosta escrevi “Associação Cristã de moços: movimento voluntário da Educação Física no Brasil” e “Ensino Superior de Educação Física”. De minha Exclusiva autoria redigi: Educação Física e Jogos Escolares em Niterói”, “A esgrima Brasileira: 200 anos” e Clubes esportivos e recreativos em Niterói”. Na publicação de Elisa Prata, com o título “Análise do processo ensino-aprendizagem aplicado ao Tênis” (1986), redigi o prefácio; e escrevi a apresentação do livro “Correr é Preciso”, de autoria do médico e corredor norte americano George Sheehan, editado em Brasília no ano de 1996. (CANTARINO FILHO, 2010, p. 11)

No seu primeiro mestrado quando concluído em 1982, deixa uma dissertação que será espinha dorsal de referência de diversos trabalhos de intelectuais que são considerados componentes importantes do Movimento Renovador da EF Brasileira, como por exemplo Carmem Lúcia Soares que irá escrever sobre as influências teóricas na prática da EF no Brasil, se pauta na composição histórica que Cantarino Filho faz acerca das legislações da Educação e da EF em seu projeto embrionário, e de algumas narrativas das metodologias europeias que foram absorvidas, em sua dissertação já citada.

Quando escreve sobre os bastidores da EF brasileira e suas constituições críticas, Lino Castellani Filho também recorre a essa dissertação que traz moldes figurais do Estado Novo e a EF. Esses dois intelectuais além de suas produções individuais que foram significativas para a renovação, compõe em um Coletivo de Autores a produção de uma nova proposta metodológica para a EF que permanece ainda hoje sendo referência para pensar a disciplina de forma crítica. Assim como outros importantes autores:

Diversos trabalhos de minha autoria, publicados em revistas especializadas, jornais e livros, vêm servindo de referência a vários escritores, na elaboração de seus artigos, como Lamartine Pereira da Costa, João Carvalhaes, Luiz Roberto Zuliani, Jorge Hegedus, Alfredo Colombo, Lino Castellani Filho, Maria Izabel da Cunnha, Carmen Lúcia Soares, José Guilmar Mariz de Oliveira, Apolônio Abadio do Carmo, Alcir Braga Sanchez, Jacintho Targa, Manoel José Gomes Tubino, Mauro Costa Rodrigues, Carlos Coutinho Batalha, Fernanda Paiva, Elisa de Campos Borges, Augusto César Buomicare, Mario Fernando Zarranz Bueno, Ana Cristina Arantes, Mauro Betti, Valter

Paes Cavalcanti, Paulo Roberto Carbucci, Alfredo gomes de Faria Júnior, Maria Beatriz Rocha Ferreira, Amarílio Ferreira Neto, Maria Lúcia Francischetti, Silvana Vilodre Gvellner, Fernando Antônio Oliveira Marques, Victor Andrade de Melo, Ana Julia Pinto Pacheco, Carlos Fernando Ferreira da Cunha, Alexandre Luiz Gonçalves Rezende, Paulo da Trindade Nerys Silva, Luiz Renato Vieira, Lothar Wierer e Antônio Carlos Francischette. (CANTARINO FILHO, 2010, p. 09)

Ainda Cantarino Filho (1976) em parceria de Nivaldo Oliveira, seu aluno de graduação, e Nancy de Pilla Montebello, diretora de assuntos comunitários da UnB, preparam um dossiê que pretendia provar a reitoria, de que era possível fazer uma expansão do campus para que houvesse conexões com as aulas práticas dos discentes do curso de EF , para tal feito discutem no documento intitulado “*Aproveitamento integral do centro desportivo da universidade de Brasília como área de lazer*”, que recupera inicialmente uma discussão sobre o significado de lazer, e assim direcionando a importância de uma área ampliada para atender a comunidade interna e externa. O que incidiria posteriormente na junção do Departamento de EF ao CO, extinguindo-o e surgindo a Faculdade de EF, aproveitando o espaço do CO não somente para aulas práticas, mas o tendo como área de lazer para as comunidades, como planejava Cantarino Filho.

Tendo praticamente diversificado seus escritos, desde análises sobre metodologias de treinamento esportivo, em específico o atletismo, mas também paraquedismo (esporte ao qual chegou a presidir a federação brasiliense), e contraditoriamente a sua postura de não se posicionar criticamente a algumas questões políticas ou críticas da educação, escreve em 1996, para um boletim da FIEP – Federação Internacional de Educação Física - um artigo denominado “Opinião: A Educação Física em Questão”. Artigo que marca decisivamente o posicionamento crítico de Cantarino Filho, ao contrário de seus escritos anteriores que mostravam apenas os dados históricos pertinentes aos períodos da EF, ele avança criticamente, porém não pautado em nenhum referencial teórico que nos indique posicionamento, mas se aproxima por semelhança a este ao qual nós nos situamos como pesquisadores que é o materialismo histórico-dialético. Ele chega a expressar as mudanças históricas em torno da EF brasileira e a aproximação de intelectuais críticos na mesma, acreditando que o momento de mudança se faz necessário:

As análises críticas relativas à Educação Física brasileira vêm crescendo nos últimos anos. Acreditamos que os principais fatores favoráveis a este processo são: o ingresso de licenciados em Educação

Física nos Cursos de Mestrado em Educação e em Educação Física; o aumento da publicação de livros sobre Educação Física, tanto os traduzidos como os de autores nacionais; e o maior número de seminários, simpósios e congressos realizados ultimamente. A par destes fatos, é de se admitir que as 95 Escolas de Educação Física vêm formando uma razoável massa crítica. (CANTARINO FILHO, 1996, p. 55)

E continua:

Na verdade, não é com a simples mudança do nome que se vai redefinir o objeto da Educação Física, o seu conceito como ciência ou arte da educação, que tem no movimento, na atividade física, o meio adequado para educar o homem integralmente. Não cabe mais entender Educação Física como atividade e definir, desta maneira, este campo do conhecimento, esta ciência, como faz a legislação brasileira. Não é com artigos legais que se conceitua ou se define cultura, desportos ou Educação Física. Compete aos profissionais e aos estudiosos a busca de novos conceitos e conhecimentos da especialidade para bem aplicá-los. (Idem)

Ainda citando a sua contrariedade a regulamentação de determinados órgãos governamentais que tratam sobre o desenvolvimento da ciência, pois os mesmos como exemplo o CAPES ou CNPQ, a EF fica classificada como uma das “Profissões da Saúde”, e que na sua compreensão a EF deveria estar ligada ao Ministério da Educação e Cultura e não da Saúde ou Organização Mundial da Saúde. Por fim tece expressiva crítica a presença por herança do militarismo na EF nacional, também ainda vê necessidade de mudança na legislação específica a EF, titulando-a de “detalhista, arcaica, paternalista e possui um “ranço” de sistema político ditatorial. E sentencia sua esperança:

[...] sem querer esgotar o assunto, muitas outras questões necessitam de análise crítica e de necessárias soluções (CANTARINO FILHO, 1996, p. 56).

Fazemos a análise desse artigo, porque nos pareceu surpreendente, quando da sua importante dissertação sobre a EF e o Estado Novo, nos pareceu que a todo instante era lhe inseguro a tecer críticas tanto ao militarismo presente na EF quanto aos conceitos metodológicos que foram incorporados pedagogicamente a prática da mesma, o único momento de sua obra central em que tece críticas é para romper com aquele que lhe precedera na construção de uma historiografia da EF brasileira, Inezil Penna Marinho, quando Cantarino Filho o situa ligado a ideologias higienistas e práticas fascistas, pretende-se além de romper, se colocar em outra posição tanto no trabalho intelectual

como nos questionamentos pessoais, e sua prática de vida vai mostrar isso através também dos relatos de conhecidos, como veremos mais adiante.

Os pensamentos de Adolf Hitler sobre raça, educação e Educação Física chegaram ao conhecimento dos professores brasileiros de Educação Física, através das três edições do livro “Minha Luta”, lançadas no mercado livreiro pela Livraria do Globo, de Porto Alegre, na década de 30. Os conceitos emitidos por Adolf Hitler serviram de reforço a alguns líderes da Educação Física durante o Estado Novo. Marinho apoiou-se nas ideias de Hitler ao expor suas opiniões sobre Educação Física e raça. Entendeu Marinho que “a influência da educação física na formação de uma raça é fator que não deve ser desprezado de maneira alguma” [...] além disso, expressou que “A educação física está reservado papel preponderante na padronização da nossa raça” (CANTARINO FILHO, 1982, p. 169)

Além de se justificar e destacar que diversos fatores influíram na escolha do tema para a dissertação de Mestrado. Entre eles: *“a ausência de formação de estudiosos em História da Educação Física, devido à falta de estímulos ou, mesmo, à inexistência de uma disciplina específica nos atuais currículos dos cursos de licenciatura em Educação Física no Brasil; a preocupação constante dos mestrados brasileiros, especialistas em Educação Física, em dirigir suas investigações e apresentar suas dissertações nas áreas biológicas ou técnicas, abandonando um campo vasto a ser estudado nas ciências humanas; a diminuta literatura referente à história brasileira da Educação Física e a carência de análise dos fatos educacionais com ela relacionados”*, Cantarino Filho (1982) fez questão de deixar bem explícito.

Em 1999, Cantarino Filho aos pedidos do Sistema Sesi/Senai do Distrito Federal, constrói uma análise histórica que justificasse a implementação de uma nova prática pedagógica em suas aulas de EF. Convite aceito, tanto pela relação que o Sistema possuía com a formação de alguns atletas destaques como Joaquim Cruz, quanto por fazer parte do lazer cotidiano dos trabalhadores, Cantarino Filho segue a missão destinada nomeando o relatório: *“A Educação Física Escolar no Sistema Sesi/Senai: Uma Proposta”*, onde prossegue assim como sempre fez bem, fazendo uma contextualizando a Educação e a EF no país, no DF, para depois “convencer” o Sistema que o modelo pedagógico sócio construtivista perfilado por João Batista Freire (1989) em sua obra *“Educação de Corpo inteiro: Teoria e Prática da Educação Física”*, citando também a importância da concepção de EF em Celi Nelza Zulke Taffarel, Carmem Lucia Soares e Michele Ortega Escobar (1992): *“A Educação Física na perspectiva do Século XXI”*, e ainda Paulo

Ghiraldelli Júnior (1988): “*Educação Física Progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física Brasileira*”, todos esses autores e intelectuais intimamente ligados a uma proposta progressista e disruptiva da EF brasileira.

Procedendo desta forma, a Escola estaria fazendo mais do que “prática educativa”, pois a Educação Física seria, então, uma “disciplina pedagógica”, onde os alunos aprenderiam os elementos da técnica, do movimento, das normas, da história e do valor social da cultura corporal. (CANTARINO FILHO, 1999, p. 25)

Essa proposta atingirá em cheio a reestruturação educacional do chamado “Sistema S”, não se restringindo ao âmbito do DF, e se circunscrevendo nos planejamentos e projetos da EF do Sistema em outros estados⁵².

Porém, definitivamente o “Velho” mostra sua versatilidade na virada do século, em 2001, dota de humanidade e afeto seu percurso histórico, em alguns escritos pessoais que foram juntados e apostilados em formato livro e guardado em acervo pessoal e distribuído entre familiares, intitulado: “Rabiscos: Um ensaio poético”, deixa brotar sua face mais destemida, pulsante, intensa e como haveríamos de nos surpreender, progressista e humanista. Dizemos isso nos referenciando aos seus poemas e poesias que reverenciam sua vida, caminhada, seus amores, suas lutas pessoais, e as lutas do povo brasileiro contrafaces tão horripilantes quanto as ditaduras que enfrentamos:

O destino deste ensaio poético era a lata do lixo, como muitos outros papéis que lá foram parar. Mudei de ideia e passei a guardar um mundo de papel velho, como recortes de jornais, cartas, avisos, convites, relatos e outros mais. Os rabiscos seguintes são testemunhos de um esforço de ser poeta ou letrista, sem qualquer musa no presente ou no passado. Registram eles um momento que veio à tona, significando um sentimento, um pensamento ou uma experiência de vida. Também não são uma tentativa de imitar o meu avô paterno que possuía boa veia poética, e cujas poesias tiveram, como destino, a lata do lixo. São “rabiscos”, principalmente, sem qualquer valor literário ou acadêmico, que, de linhas mal traçadas em folhas de rascunho, viraram papéis digitados, e não mais datilografados como estavam alguns. Portanto, assim os considero: como puros “rabiscos”, um ensaio poético. (CANTARINO FILHO, 2001, p. 01)

⁵² Em janeiro de 2020 eu acesso através de concurso, para a docência da rede Sesi-SP, e em contato com o projeto político pedagógico, vejo os mesmos escritos de Cantarino Filho, propondo uma junção do construtivismo com a pedagogia histórico-crítica nas aulas de EF. O aceite dessa proposta pelo Sistema Sesi/Senai mostra as contradições políticas que permeiam a instituição e iremos explorar elas na conclusão dessa pesquisa.

Contempla suas memórias afetivas, tecendo amores a sua querida mãe e sua amada esposa:

Jacy I

Querida velha,
Aqui estou a tua espera,
Aflito pela tua ausência,
Longe de tua presença.
Saí de casa,
Fui para longe,
Criei família, cuidei dos filhos.
Tenho netos em profusão,
Correm, saltam, pulam,
Que confusão!
Teu filho, teus netos, teus bisnetos,
Aqui distantes, bem longe,
Pedem a tua benção.
Querida velha,
Presente estamos,
Saudosos no coração (Idem, p. 03)

Não faltam espaços de elegia aos irmãos, netos, pais, aos cenários da infância, aos locais que passou e residiu, e muito presente sua manifestação emocional a sua companheira de vida:

Helena

Seu nome chamei.
Helena,
Seu nome gritei.
Passando por ti,
Helena, murmurei.

Ela se foi,
Com ela não falei.

Tristeza senti,
Helena, chorei. (Idem, p. 31)

As surpresas se trata não só da afetividade deixar transparecer um lado carinhoso e respeitoso de Cantarino Filho, mas sim um lado que mostra o interesse no desprendimento, mostrando também um ser humano que entende a hora necessária das mudanças pessoais, de convicções, mesmo que no silêncio frio do nanquim. Nesta manifestação poética do mesmo apanhado denominado “Rabiscos”, nos surpreende a datação de 1995, assim como a maioria das poesias que ele datava ao final, porém essa a sua aproximação com alguns termos que entendemos fazerem parte do panteão

epistemológico do materialismo histórico-dialético, inclusive na forma como utiliza a poesia, criticamente:

Corpo não!

Corpo rígido
Sobre a pedra fria.
Conheci o corpo
Sem vida, movimento, ação.
Corpo inerte.
Diferente corpo
Conheci com vida,
Pulsando o coração,
Com mente, pensante.
Corpo, não!
Unidade, sem divisão,
Com pensamento, comando,
E movimento
Em plena ação.
É o ser humano
A totalidade do ser.
Corpo, não! (Idem, p. 35)

Enfrentando as misérias da existência humana, do cotidiano imposto por uma sociedade desigual, onde imperam a concorrência a qualquer custo e desleal, a meritocracia como prática de avaliação, e o status quo desenhado e objetificado em vários símbolos sociais, pensar a EF numa proposta sonora, poética e que fale da própria vida, demonstrando as próprias fraquezas, os rearranjos pessoais, apontando novos horizontes e novas perspectivas, é se aproximar com coragem de uma visão humanista que pense o comum compartilhamento das alegrias, das tristezas, e do viver preparado para as contradições, assim Cantarino Filho faz em sua poesia que conta sua profissão, de uma forma militante, como explica Lejeune (2008):

É tão difícil escrever a própria vida, uma vida particular, em uma língua comum na qual nos dissolvemos. É tão intimidante, e pretensioso se apresentar aos outros. Com que direito o fazemos, se não lhes oferecermos nada e se não nos apoiarmos em alguma coisa? Meu coração dispara, minha respiração vai e vem, preciso encontrar o meu ritmo. É preciso que minha voz tão estranha, minha voz que não gosto de ouvir, deixe de ser esse barulho que me trai, para tornar-se uma música que me transporte. E minha escrita, não uma mensagem que se perde no silêncio e só fale aos olhos, mas uma fala que faça vibrar aos ouvidos dos outros, e o obrigue a articular, em sua própria garganta, a minha vida. (LEJEUNE, 2008, p. 89)

Nessa forma de entrega, de “dissolvimento” de si em prol do outro, que Cantarino Filho deixa os versos, que possivelmente sejam os mais significativos, que podem tirar a poeira e a ferrugem de quem tenha lhe visto como alguém intimamente ligado a uma EF conservadora e cientificista porque dela fizera parte somente no tempo, o que ficará provado quando deixa explícito em plena ditadura, e retornamos a explicar que mesmo no frio do nanquim, ou seja, ficou guardado a sete chaves e nas gavetas, mas foi no calor dos acontecimentos que em 1967 escreve, porém publica para familiares somente em 2001, deixando bem claro como se sentia e de que “lado” seu posicionamento político ou humano, se colocaria.

Prece do Revolucionário

Na prisão
Só com pão
Com água
Cheiro de mágoa
A sentir
A refletir
A pensar
A julgar
Os seus atos
Os seus passos
Antes dados.

Não matou
Não Furtou
Não roubou,
Não conspirou
Preparou
E comandou
A luta
Contra a ditadura.

Foi derrotado
Preso e julgado.
Outros virão
E vencerão
A opressão
Seu sacrifício
Não foi em vão.

O dia vai chegar
E todos vão amar
Sem medo, a pregar
A paz, a amizade
E a liberdade (CANTARINO FILHO, 2001, p. 07)

Diante das referidas excursões intelectuais de nosso pesquisado, e de suas contradições pessoais, podemos compreender que um objeto em essência corresponde a

apreensão da sua historicidade e dos seus nexos constitutivos, ao qual fazemos a mediação. Justamente o processo de mediação é o correspondente a um movimento dinâmico fruto da contradição da própria realidade. Para o estudo da realidade, a contradição é uma categoria fundamental, sendo ela a responsável pelas constantes mudanças do que entendemos ser um complexo social. As contradições exigem pesquisa permanente para que haja compreensão, porque a realidade movimenta alterando-se, é dialética para Netto (2011), as contradições dão movimento à realidade, e justamente por isso a necessidade da pesquisa.

Vimos a construção material de Cantarino Filho, ora acadêmico, ora treinador, cada uma delas com suas determinações sociais, com formações específicas, experiências únicas em tempos históricos distintos, e isso foi sendo parte constitutiva pela ação prática do que ele o é, e foi se modificando no seu senso de humanidade. E é essa transformação diante de suas ações práticas, que percebemos uma transformação diante de seu pensamento expresso ao longo do tempo. Agora, como foi Cantarino Filho apreendido pelos seus pares na formação histórica de si e de uma categoria profissional? É por isso que nosso trem alinhado ao movimento do real, se modifica e parte a outra estação, aquela que nos mostrará o que pensam sobre ele.

4.5 Mário, o que dizem de ti?

Aqui que justamente se realiza nossa jornada de pesquisa em campo, escolhemos como método a forma qualitativa baseada na análise de bibliografia sobre as temáticas referenciadas nesse estudo, com a EF, historiografia e teoria da história, arquivo e memorial particular de Cantarino Filho que nos foi cedido pela família, e metodologias de entrevista semiestruturada.

Entrevistas que ocorreram com pessoas que tiveram experiência de vida com Cantarino Filho, seja no seu percurso acadêmico ou no exercício do treinamento desportivo, e até mesmo os relatos familiares. Algumas entrevistas ocorreram antes da temida situação sanitária que assola o mundo e nos deixou e ainda deixa, até a conclusão desses escritos, resguardados em quarentena aguardando a completa imunização de nossos pares.

Já outras entrevistas foram viabilizadas virtualmente, através de ferramentas e plataformas virtuais de encontro e gravação. Todos os entrevistados tiveram uma breve explicação sobre a pesquisa, autorizando em termo de concessão a gravação da entrevista, respondendo um roteiro de entrevista semiestruturada com questões abertas.

Em setembro de 2018 estivemos presentes entre os dias 20 e 22, no CONCOCE – Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte em sua 8ª edição, estávamos àquela altura no primeiro semestre da pós-graduação, e ainda assim apresentamos a ideia ou projeto inicial de pesquisa sobre Mário Ribeiro Cantarino Filho. O congresso transcorreu com várias mesas e debates acerca do cenário político da época e uma análise de conjuntura da EF nestas circunstâncias, onde o tema era: “*Educação e Educação Física no Pós-Golpe*”, em referência ao golpe de estado impetrado por Michel Temer e seus asseclas para o impedimento da então Presidenta da República Dilma Vana Rousseff.

Após este Congresso, que contou também com a presença do professor universitário aposentado, Livre-Docente da Unicamp, Drº Lino Castellani Filho, nos reunimos com ele com a intenção de colher um depoimento seu acerca da obra de Cantarino Filho e a importância do mesmo para a EF brasileira, na sua visão. Durante o discorrer dessa pesquisa já anunciamos por algumas vezes tanto o significado da produção de Castellani, quanto da sua participação no Movimento Renovador da EF brasileira e no Coletivo de Autores, por isso seu depoimento se configura por uma pessoa que analisa a historiografia da EF com criticidade, respeito e respaldo dos critérios éticos da ciência, e é com isso que contamos.

Meus contatos com o professor Cantarino foram muito rápidos e curtos, o primeiro foi numa banca de avaliação de um concurso para a UFMA, onde ele era membro dessa banca, havia uma vaga e eu fui aprovado, mas fiquei em segundo lugar. Eu já era funcionário da universidade desde 1978, porém como técnico da pró-reitoria de assuntos estudantis coordenando o projeto denominado “Esporte Universitário”, onde participei dos movimentos de reestruturação da federação acadêmica de esporte, na reestruturação dos JUMS - Jogos Universitários Maranhenses, e fui coordenador do JUBs realizado em São Luis em 1981. Então esse concurso foi para docência para o curso de Educação Física, ao qual eu fiz parte do processo de criação desse curso. E volto a ter contato com o Cantarino há 10 anos depois e já com meu mestrado concluído que foi transformado em livro “Educação Física no Brasil: A história que não se conta”, através de uma carta em que ele como diretor da Faculdade de Educação Física da UNB, ele me parabeniza pela publicação do livro de história, isso em 1988. Mas antes disso meu contato com ele se deu através da literatura, no meu processo de mestrado eu me propus a escrever sobre a história da educação física, por uma necessidade minha de me apropriar de uma compreensão da EF Brasileira, com o objetivo de a partir dessa compreensão estabelecer mecanismos de análise[...] nesse movimento eu tenho contato com a dissertação de mestrado do Cantarino e depois na Unicamp como docente, ministrando a história da EF no Brasil, eu trazia o nome do Mário Ribeiro Cantarino como um nome a ser estudado na perspectiva

histórica da educação física brasileira. (CASTELLANI, 2018. Entrevista)

É estampado em sua fala, o reconhecimento categórico que Cantarino Filho representa por estar inserido nos anais, através de uma literatura que precisa ser analisada na perspectiva histórica da EF brasileira, entendendo que outros vieram anteriormente, mas precisaram ser superados para que houvesse outras análises e desta feita pudessem ser incorporadas a uma criticidade e rupturas com o passado sombrio do conservadorismo e positivismo entre outras questões a qual a EF passou.

Atribuo ao Cantarino uma abordagem histórica à partir de uma perspectiva neopositivista, e é assim que eu vejo. O Inezil Penna Marinho dentro da perspectiva positivista, e o Cantarino próximo ao Inezil, mas diferente a dele não se limitando a somente descrição dos fatos, mas também se posicionando, mas o que fazia dele ainda preso ao referencial positivista, mas que extrapolava a própria lógica positivista[...] Me lembro em 1989 num Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, onde eu e Cantarino estivemos numa mesa discutindo a obra e homenagem ao prof Inezil Penna Marinho, mas a participação dele reforçou o respeito e admiração que ele tinha pelo Inezil, e reforçou a minha compreensão dele como alguém que deu sequência a perspectiva histórica iniciada pelo Inezil, mas que deu a ênfase a interpretação e indo além. (Idem)

Confere uma postura de respeito reconhecimento que Cantarino Filho tinha com o passado, representado na fala de Castellani por Inezil Penna Marinho, ao qual na visão dele, Cantarino Filho rompia com o positivismo e se situaria numa perspectiva neopositivista porque iria além da simples “colocação dos fatos documentados” na historiografia em particular da EF.

Nesse momento de redemocratização me lembro do prof. Cantarino, no sentido político do termo, buscando protagonismo nesse debate específico. Lembro que ele subsidiava e auxiliava, mas não buscava evidência no que ocorria naquele momento. O Cantarino para mim é de uma geração onde o elemento acadêmico ainda estava em gestação, ele desenvolve a dissertação dele já na maturidade dele, acho que mais da metade da carreira dele, numa carreira voltada toda pro atletismo, esporte federado, detecção de talento, e que era o perfil da maioria dos professores de Educação Física naquele momento, porém ele fazia isso numa perspectiva de professor universitário, tanto no Espírito Santo como na sua chegada aqui em Brasília. Não me recordo muito da carreira acadêmica dele, no sentido dele não se envolver muito na pós-graduação e disputar o debate, não tenho muito registro (Ibidem).

Nós acreditamos que essa deve ser a compreensão de Castellani, porque a maioria dos escritos como a sua dissertação comportavam as limitações teóricas e temporais ao qual Cantarino Filho se encaixava, e é exatamente isso que ele nos diz:

O Cantarino eu coloco na posição positivista, porque ainda se coloca nessa situação de uma leitura de contextualização ainda precária, mas ele se atreve a fazer, ele avança, ele não entende como Inezil que interpretar não era ação de um historiador, mas fazia essa explicação sem a condição teórica crítica, e digo que era um homem do seu tempo sendo alguém que refletia bem uma educação física instrumental, que um rendimento físico esportivo como simulacro do trabalhador fabril em um momento de urbanização da sociedade brasileira. (Idem, Ibidem)

Essas interpretações de Castellani são elucidativas, e nos trazem o entendimento de como queremos fazer o devido resgate do que significava e significa Cantarino Filho na historiografia da EF no Movimento Renovador, alguém que precisa ser compreendido, mas superado. Assim quando um batalhão que se encontra no front de batalha, precisa esquecer os avanços e as ordens de comando, e retornar as fronteiras para socorrer um combatente do grupo, que pode ou estar ferido ou perdido, jamais rendido. E nosso resgate se faz na prerrogativa de que as análises da produção intelectual de Cantarino Filho em um determinado tempo histórico, sofrerá alterações e o aproximará ao conceito de progressista, assim como da importância de sua primeira obra para um divisor de águas como o próprio Castellani o situa, Inezil precisava ser superar na sua forma (não) analítica, precisávamos avançar, e a ponte de ferro para chegar a uma análise crítica como Castellani e outros intelectuais da renovação chegaram, foi preciso ter Cantarino Filho como fio condutor, esse soldado está em resgate mas ainda não habilitado, vamos chegar lá!

Tivemos uma sequência de encontros com Ricardo Vidal de Oliveira, ex-diretor executivo do Instituto Joaquim Cruz, ex-chefe de gabinete da secretaria nacional de esporte, ex-atleta profissional de atletismo em provas de velocidade e Barreiras, filho de João de Oliveira (conhecido professor sergipano de educação física pioneiro do DF e responsável pela implementação do atletismo no DF) e treinado por Cantarino Filho. Fomos a antiga sede do Instituto Joaquim Cruz em 2018, e algumas reuniões por plataformas virtuais. Além de nossa proximidade pela prática profissional esportiva, da ligação íntima dele com Joaquim Cruz, nossas conversas foram mais extensas devido a conexão com a história do atletismo brasileiro e brasiliense, e a importância de seu pai

conectado a Cantarino Filho para a implementação da EF no DF, e é essa premissa que permeia nossa construção histórica.

Quem trouxe o atletismo para Brasília foi meu pai, nos anos 60 quando ele veio para cá. Ele quando lecionava no Cruzeiro, fez caixa de salto, montou um bloco de partida e não tinha em Brasília ele que fez, sendo um diferencial nas provas os atletas deles tinham saída de bloco e os outros não [...] trabalhando com público estudantil no Setor Leste, e na época embrionária ele fazia um trabalho vinculado com o social lecionando para crianças usuárias de drogas. Participa da idealização do JEBS (Jogos escolares Brasileiros), atuando como professor e como gestor, sendo professor de educação física escolar e posteriormente foi dar aula em Faculdade e era a segunda faculdade de educação física, a Dom Bosco, colocando o atletismo em concorrência com a UNB. Sendo vinculado com as origens do atletismo no Distrito Federal. (VIDAL, 2018. Entrevista)

E essa ligação que fará todo sentido, João de Oliveira abre caminhos no chão da escola, a Educação no DF estava em literal surgimento, as metodologias específicas eram inexistentes, havia a premissa norteadora de uma pedagogia escola novista de Anízio Teixeira de modo amplo, mas a EF especificamente era inexplorada, e João seria o responsável por trazer não só a prática do atletismo para dentro da escola, mas de a identificar com alguns ideais humanistas que ainda sofrem conflitos, principalmente quando há uma compreensão comum de que o esporte daria conta de sanar todas as mazelas sociais, sendo o mesmo fonte de concorrências e méritos, a noção de inserção a toda e qualquer pessoa que o pratique fica sob suspeita, ainda assim as práticas usuais na relação professor e aluno praticadas por ele, amenizavam mesmo que temporariamente, alguns distanciamentos.

João e Cantarino não cairão de moda nunca, porque possuem valores de solidariedade e humanidade, nunca vão ser démodé, ou fora de época. Hoje estariam fora de época por questão de metodologia de treinamento por conta das mudanças tecnológicas, porém no trato com o ser humano, com o outro e a empatia eles são super atuais, acredito que até hoje no esporte está mudado isso, há uma banalização da humanidade. A dedicação ao outro mostra que são de vanguarda, Cantarino todo dia estava presente na pista de atletismo, e se desdobrava dentro da universidade para executar boas competições, preocupado com o bem-estar dos atletas e público, se desdobrava inclusive para além das funções do cargo de professor que ocupava pois era voluntário como treinador e não cobrava, era outra relação. (Idem)

Fica em evidência não só um tipo de assistência através da prática educacional esportiva que estava sendo desvelada, mas alguns princípios de humanidade que poderiam ser revelados através de gestos que vão além das letras frias das regras do esporte, e demonstrem ao praticante e a quem o acompanha, que é possível haver uma relativização diante do resultado, a de que todos são vencedores por estarem reunidos ali numa congregação.

Têm uma história de uma competição de atletismo, que um garoto na prova de salto em altura, um garoto novo não conseguia passar o sarrafo da altura, o Cantarino chamou a arbitragem e conversou, abaixaram o sarrafo e o garoto em idade escolar conseguiu ultrapassar o sarrafo e então declararam ele campeão, essa atitude demonstra que a humanidade está acima das regras e que esse comportamento pelo e para o outro dele não pode sair de moda. (Ibidem)

E é justamente essa proposta de rever as regras, recriá-las, repensar os papéis dentro do jogo ou da prática, que formou outras gerações de professores no DF, que abarcassem essa proposta da integridade humana diante da atividade física e inclusive influenciassem políticas públicas da região para o esporte.

Tivemos no Basquete do DF o seu Geraldo e o Pedro que guardavam muita semelhança com o Cantarino e o meu pai, na natação tinha o Asauri, a gente teve uma geração aqui em Brasília que mais ou menos pensava igual, e tinham uma entrega muito grande de si [...] era um grupo de pessoas que tinha uma questão de ideal muito grande, e esse movimento atrelado com a escola que veio desaguar com as políticas públicas. Nós precisávamos de horários e locais pra treinamento, e que não fosse o horário escolar, ai vêm a conquista do CID (centro de iniciação esportiva), no esporte competitivo os atletas precisavam de uma condição mais confortável e então vêm o bolsa atleta regional. Meu pai e o Cantarino não participaram diretamente da minuta, da redação dessas políticas públicas, mas participaram do movimento que criou essa demanda, e a conquista foi a criação de uma legislação que atendeu essa demanda. Porque eles faziam isso sem a legislação, mas era tudo informal, as políticas vieram para formalizar tudo. Os primeiros estudantes que saíram desse grupo deles, vieram para estruturar e conquistar as políticas públicas, por exemplo Adriano Uchoa que foi aluno do meu pai, Professor Francisco Xavier, João Sena, Valtinho Pereira, ou seja discípulos do Cantarino, João, Geraldo, que através da entrega e paixão por aquela forma de lecionar, viabilizaram a redação nos moldes do que professavam: Bolsa Atleta; CID; Geração Campeã; Compete DF etc. (Idem, Ibidem)

O professor Florenilson Itacaramby, se formou em EF na UnB na década de 1980, e foi pelos conselhos de Cantarino Filho nos treinamentos que acabou seguindo esse caminho.

Hoje é renomado árbitro internacional da CBAT – Confederação Brasileira de Atletismo, viajando como árbitro-chefe para as principais competições nacionais e internacionais, ele quem numa reunião virtual, nos identifica um pouco do temperamento de Cantarino Filho na sala de aula.

Como professor da História da Educação Física, pude aprender com ele que o atletismo enquanto história se confunde com a ginástica, e ele trabalhou a parte histórica com a gente na UNB e impunha uma posição crítica, que a gente via nas exposições desde os jogos gregos até o momento que estávamos vivendo. Ele era uma pessoa que também não era filosófico ao extremo, mas também não era rígido, era equilibrado e trabalhava o meio termo, ligado na relação do ensino da educação física mediada entre teoria e prática. Ele dava caminhos para a gente pensar, mas ele era equilibrado sem ser polarizado. Ele sempre tinha uma visão moderna da educação física, o fato histórico e modernidade, eu diria que tem muito eucaliptos e poucos jequitibás no ensino, e ele era um grande jequitibá, porque era difícil naquela época achar alguém como ele na didática. (ITACARAMBY, 2020. Entrevista)

É Francisco Xavier de Oliveira, vice-presidente da FATDF-Federação de Atletismo do DF, professor aposentado da SEEDF, que nos lembra as características de Cantarino Filho enquanto gestor. Já que geriu a Federação na década de 1990, com o nome de Brasiliense, de Atletismo e de Paraquedismo.

O Professor Cantarino foi sempre uma pessoa além do tempo dele, uma das pessoas mais estudiosas sobre atletismo, e quando ele foi presidente da Federação de Atletismo em 1994 eu acho, ele mostrou que era além do tempo, numa época de ditadura ele já mostrou-se uma pessoa questionadora, e muitas vezes foi mal-entendido porque dentro da questão administrativa ele reivindicava mudanças. E como administrador teve muitos problemas por sempre questionar a estrutura que ali estava. Na Confederação de Atletismo tínhamos o Gesta como presidente, e o Cantarino entrava com muitos embates contra a CBAT porque a estrutura era de coronelismo porque o presidente Gesta era muito articulado politicamente com a estrutura da época, e hoje a gente vê que tinha certo fundamento a postura crítica do Cantarino, porque hoje vemos o atletismo num buraco que foi gerado há 30 anos atrás (XAVIER, 2018. Entrevista)

O professor João Evangelista de Sena Bonfim, aposentado da SEEDF e atuante no CID de atletismo de Sobradinho e fundador do CASO – Centro de Atletismo de Sobradinho, aposentado também pelo Banco Central, é uma das maiores referências no DF em esporte escolar, revelou inúmeros atletas olímpicos através dessa possibilidade como o Centro de Iniciação Desportiva da Secretaria de Educação, entre eles estão a multicampeã Carmem de Oliveira, Solange Cordeiro, Hudson dos Santos, e mesmo sua

esposa Gianetti Bonfim e seu filho Caio Sena medalhista mundial. Ele nos dá pista de que sua chegada a um professor escolar e treinador sofreu total influência de João de Oliveira e Cantarino Filho, mas faz questão de deixar claro que desde o início o incentivo era para que houvesse sempre uma busca pela formação humana dos alunos, e não prioritariamente a de um campeão no rendimento esportivo.

A ideologia implícita da Dom Bosco era não formar o professor picareta o famoso rola-bola. E com o Cantarino isso era explícito, ele queria formar a gente para sermos completos, ativos, e esse foi o legado que ele deixou para nós, e todos os professores que ingressaram na Fundação Educacional do DF e foram alunos do professor Cantarino com certeza não eram rola-bola[...] O conteúdo programático da Fundação naquela época foi todo construído pelo professor Cantarino, daí podemos ver como ele influenciou o esporte e a EF do DF. O que influenciou o social na gente foi ver o professor João Oliveira levar todo mundo no carro para o treinamento, levava rapadura como repositor para os atletas, e isso era uma forma de auxiliar e estreitar os laços. Não tinha condições de ser um professor e treinador de CID se não meter a mão no bolso para complementar. (SENA, 2020. Entrevista)

A multicampeã citada acima, atleta olímpica e multirecordista, Carmem de Oliveira, ex-presidenta da FATDF e servidora pública da Secretaria de Desenvolvimento Social do DF, indica Cantarino Filho como um revolucionário inquestionável na titularidade, e explica:

Conheci o Cantarino a partir da presidência da Federação ele atuando, e depois eu como presidenta o vi nos livros da Federação como Presidente. Na universidade a gente ouvia que ele era uma pessoa questionadora e crítica, e é verdade porque pessoalmente a gente via e sabia sua vontade por mudança de uma Brasília desassistida em relação a Confederação e questionava o presidente Gesta, e nesse ponto ele não tinha nada de conservador, ele queria ver o melhor no coletivo. Como eu na época era egoísta não conseguia ver que ele era um revolucionário sim! (OLIVEIRA, 2020. Entrevista)

Ela também o identifica aliando a prática de gestão dele com suas características enquanto treinador esportivo:

A forma como ele estava sempre dialogando com os atletas e fazendo o atletismo acontecer. No atletismo em geral os atletas colocam seus treinadores como seus porta-vozes dos interesses. É uma cultura do atleta não questionar e só treinar, e no Cantarino havia essa crítica, cobrança dele para os atletas reivindicarem, cobrarem, pensarem. (OLIVEIRA, 2020. Entrevista)

Sendo um dos citados por Cantarino Filho como os que se referenciaram em sua obra para escrever outras obras, Luiz Renato Vieira, sociólogo, consultor legislativo do Senado Federal e mestre de capoeira, detalha como acabou utilizando em seus escritos, e como percebia a dinâmica didática de Cantarino Filho, mesmo não sendo aluno especificamente da EF, acabava por se encantar com o conhecimento diferenciado dele.

Meu contato com ele se limitou a uma disciplina e, mais tarde, nas discussões que tivemos sobre a dissertação de mestrado que elaborei, abordando a Era Vargas e as transformações que o Brasil viveu em termos das relações entre o Estado e a cultura popular. Trabalhei com o tema da modernização cultural e as transformações ocorridas nos campos simbólico, ético e pedagógico da prática da capoeira. Ele me ajudou muito, tendo em vista que havia realizado uma pesquisa, pioneira até onde eu sei, sobre a educação física no Brasil durante o Estado Novo. Em nossas conversas, me ajudou a fazer várias conexões entre as mudanças nas técnicas do jogo da capoeira e as concepções vigentes relacionadas ao esporte e à saúde. Ele dispunha de informações interessantes sobre a prática das lutas nesse período que eu estudava, e me forneceu dados e documentos muito importantes.

É sempre complicado classificar um personagem em termos de uma visão dicotômica assim. Pessoas, salvo casos bem caricaturais, são sempre mais complexas do que isso. Entretanto, pela experiência do contato que tive com ele, não me vêm lembranças de uma pessoa conservadora ou desinteressada pelas mudanças que estavam em andamento no país e no mundo intelectual. Ao contrário, no tempo da graduação (1983-1987) eu vivia um momento de atuação política no movimento estudantil e me sentia muito à vontade nos diálogos com ele, que eram sempre grandes aulas para mim. Por isso, recorri a ele quando já estava concluindo o mestrado em sociologia para colher informações para a minha dissertação.

Eu não cursava educação física. Eu era aluno de ciências sociais e não cheguei a me aprofundar na biografia e na obra do professor Cantarino. Não tenho condições de analisar sua vida e sua produção no contexto da educação física brasileira da época. Entretanto, insisto neste ponto: a limitada experiência de aluno que tive com ele foi muito enriquecedora e diferenciada. Logo que o conheci, falei da minha vivência na capoeira, e ele sempre demonstrou bastante interesse e apoiou várias iniciativas nesse campo. (VIERA, 2021. Entrevista)

Joaquim Carvalho Cruz, campeão olímpico nos 800 metros rasos das Olimpíadas de 1984 e vice-campeão da edição de 1988 na mesma prova, sendo por recordista olímpico por 12 anos, no dia 24/01/2012, ou seja, 4 dias após o falecimento de Cantarino Filho, usou a coluna do jornalista José Cruz no site da Uol, para expressar seu sentimento em forma de depoimento com título expressivo: *“O Mestre que iluminou meu caminho”*.

O Mestre Professor Mário Cantarino – que nos deixou, no último sábado – dedicou sua vida para iluminar os caminhos das pessoas com

quem ele teve contato. E foi assim que ele também foi uma figura importante no início da minha carreira esportiva. O meu primeiro contato com o Professor Cantarino foi em 1977, quando fui apresentado ao atletismo. Eu tinha 14 anos de idade. O Professor tinha um conhecimento invejável em fisiologia de exercício, era amante do atletismo e sempre se colocou à disposição para ajudar os jovens iniciantes ou os mais veteranos. Eu e o Luiz Alberto (meu professor de basquete e atletismo) estivemos na pista sintética da Universidade de Brasília algumas vezes para sermos orientados pelo experiente mestre. Durante os tiros intervalados de 400 metros, professor Cantarino media com os dedos a frequência do meu coração. Eu entendia pouco do que eles falavam, mas podia perceber o entusiasmo no tom das vozes dos dois professores. Compreendi perfeitamente quando o professor Cantarino disse que eu tinha aptidão para as modalidades de meia distância, inclusive para a prova dos 3.000 metros com obstáculos. No início, o atletismo não era o meu esporte preferido, portanto o abandonei antes que a previsão do Velho Mestre se tornasse realidade. Deixei de ir à UnB, mas me mantive em contato com o professor Luiz Alberto, que se esforçava para me convencer retornar aos treinos de atletismo. Em 1978 o professor Luiz Alberto me entregou uma carta redigida pelo Mestre Professor Cantarino. Na época, o Professor era presidente da Federação Brasiliense de Atletismo. Na carta ele falava sobre o meu potencial e a minha oportunidade de ir competir no Campeonato Brasileiro infanto-juvenil, em São Paulo. Disse que a minha vaga estava garantida, eu só tinha que decidir. Confesso que a carta do professor Mário Cantarino, sozinha, não foi o suficiente para me convencer a retornar aos treinamentos, mas foi mais um sinal dele que ajudou a iluminar o meu caminho. (CRUZ, 2012. Entrevista)

André Almeida Cunha Arantes, professor da SEEDF e Secretário Nacional de Esporte de Alto Rendimento e Diretor do Esporte de Base e Alto Rendimento do Ministério do Esporte entre os anos 2003 e 2015, foi triatleta sobre a tutela de Cantarino Filho, além de ter o mesmo como referencial teórico para sua vida acadêmica como ele relata:

Meu percurso de triatleta me aproximou do Cantarino, a UnB pelo professor José Gustavo Alvarenga desenvolveu um projeto de extensão para o triatlo, ficando na parte da natação com ele, Jack Do Carmo no ciclismo e Cantarino no atletismo. E eu fiquei me envolvi com os três mas um longo tempo com o professor Cantarino, e eu não tinha a menor dimensão sobre a carreira dele, só percebi depois de deixar de treinar com ele que vou percebendo quem é através das homenagens que vai recebendo. Gostava das características dele como gentileza e abertura para discutir os treinos e aprendermos juntos, além dos esforços comuns que ele nos colocava para fazer com atividades extras ao treinamento como por exemplo capinar a grama da pista, sendo assim uma atividade alusiva ao treinamento. Quando comecei a me preparar para o Doutorado, e fui conversar com ele, logo fica claro uma sintonia, porque ele defendeu a posição que a escola é um lugar fundamental para o esporte e os talentos esportivos, e que os jogos escolares são importantes para o desenvolvimento humano, e era uma posição que fazia um contraponto ao Tubino e Bruno da Silveira e criticamente. Ele

trazia da vivência dele, e da importância que ele dava ao esporte para quem não têm dinheiro, e a vantagem dos jogos escolares é que é mantido pelo Estado. E Ele defendia isso com muita clareza, e a partir desse ponto de vista dele eu começo a percorrer por um lado mais crítico. A perspectiva para se pensar o Cantarino e que ele era um humanista, ele tinha muito claro o esporte como direito social, ele não focava em lucro, queria sempre oferecer a prática esportiva para quem não tinha dinheiro. Apesar de ele não entrar na prática e discurso político direto, a prática pessoal dele era progressista, não era um intelectual conciso, mas tinha uma crítica e contraponto no meu entender qualificado sobre o esporte escolar, justamente porque ele na ausência da escola seria privatizado toda e qualquer prática, e de uma certa maneira é um visionário porque é o que ocorre hoje. (ARANTES, 2018. Entrevista)

Quem desenha de uma outra perspectiva trazendo outras contradições a personalidade de Cantarino Filho, é o jornalista esportivo e assessor parlamentar gaúcho e radicado em Brasília desde 1980, José Cruz:

Em 1986 eu entrei para a redação de esportes do jornal Correio Brasiliense, e vivia intensamente nas competições esportivas, e fui me interessando pelo atletismo, fui preparar na pista do CIEF e os atletas do atletismo chegam cedo às 7h00 para treinar. E no meio da nata do atletismo brasiliense eu conheci o professor Mário Cantarino, e nas primeiras conversas com ele eu vi que ele era uma fonte histórica maravilhosa e que a amizade com ele me poderia ser muito útil, e principalmente porque ele era uma pessoa desprendida, não guardava as informações só para ele. E assim eu me apaixonei por aquele personagem, aí um dia fui visitar ele no escritório dele na SQS 313 norte, uma quitinete em que tudo era livro puro em todos os cômodos, da cultura do atletismo e educação física mundial. Helena, era quem catalogava todo aquele material, fichamento de cada documento, relatório e tese. Assim eu observei que ele mantinha um centro de cultura e pesquisa do esporte, com relatórios de olimpíadas de quase todas as edições, verdadeiras preciosidades. Ele era um difusor da informação, o escritório dele era aberto aos alunos e público, tudo gratuito, além das orientações aos interessados. A importância dele para a história da educação física é notória, tanto que ele descreve em seu último livro ele discorre sobre a influência da imigração japonesa nos esportes do Distrito Federal. Se me perguntarem como definiria o Cantarino, diria que era aberto, entusiasta e difusor do conhecimento. Ele me ligou triste dizendo que a UNB não quis a biblioteca particular dele, eu mesmo consegui uma entrevista para ele na Globo, e acabou vendendo para UFES. O trabalho que ele fez na federação de atletismo foi muito importante, ele lutava pela iniciação esportiva, e era inspirado em outras federações. Ele controlava e administrava com seriedade. Ele tinha um lado social que eu digo que era comunista, mas não no sentido político-partidário, mas no sentido de querer coisas em comum a todos. Na prática como técnico que ele não recebia, e eu tenho relatos de atletas que treinaram com ele. Ele fazia trabalho voluntário mesmo. E esse é um trabalho social, doar seu conhecimento como treinador e professor. Em determinado momento eu comecei a fazer reuniões,

justamente para aproveitar mais o conhecimento do Cantarino. Elas aconteciam no Libert Mall, e junto com amigos às sextas-feiras a gente trocava ideias sobre os bastidores das notícias e do esporte. Infelizmente não conseguimos fazer alguém hoje que seja um seguidor do Cantarino, que esteja justamente nesse meio do caminho entre um profissional progressista e que têm potencial crítico ao esporte, e um treinador amante da prática esportiva. Não vejo ninguém com esse perfil. Uma homenagem ao Mário Cantarino, é justamente para que não se esqueça que nós tivemos uma referência como intelectual no atletismo, abnegado, tivemos as referências dos atletas também, mas quem dá sustentação a história do esporte brasileiro é ele e deve ser incluído com justiça. Cantarino era um poeta, porque ele encantava com aquilo que ele fazia. Tinha prazer e trazia orgasmos ao terminar um trabalho e compartilhar com os alunos. Quer na pista ou no silêncio de suas pesquisas, era um personagem que não era só um trabalhador, era um poeta. O prazer o define nas suas ações, e o sorriso rouco, um sujeito extremamente romântico, e é bonito ver uma pessoa como ele ter uma vida simples e mostrar satisfação em fazer as coisas. (CRUZ, 2020. Entrevista)

Há um ditado que diz que a vida imita a arte, ou seria realmente o contrário? Preferimos crer que na arte há a possibilidade da emancipação pois ela é capaz de emancipar os acontecimentos utópicos na dimensão do real, nas grandes obras existem parcerias que definem o conceito de fidelidade e lealdade, foi assim no clássico literário de Miguel Cervantes, Dom Quixote com seu companheiro Sancho Pança, crendo nos mesmos disparates utópicos que o amigo, e um ao outro consolando, afinando o sentido de companheirismo e camaradagem.

Sabe, Sancho[...] todas estas tempestades que nos sucedem são sinais de que logo há de vir a bonança e hão de sair-nos bem as coisas, porque não é possível que o mal nem o bem sejam duradouros, e daí segue que, havendo durado muito o mal, o bem já está perto. (CERVANTES, 2021. p, 90)

Consonante com essa força de fidelidade que nos encontramos com Márcio Wandré, ex-atleta profissional, servidor público federal e professor, que teve o início de sua carreira imediatamente ligado a Cantarino Filho, a química dera literalmente certo, que enquanto cursava o curso de Química na UnB, se aproximou dos treinamentos de atletismo e nunca mais se desgrudaram, a relação entre os dois é tida no meio esportivo como o exemplo mais definidor do que é fidelidade na relação atleta X treinador, já que é comum ver atletas mudarem de treinadores usualmente por diversos motivos, como mudança de equipe, mudança de patrocinador, busca de outras metodologias, falta de afinidade e etc. Mas entre os dois a relação extravasou a relação profissional e Márcio

Wandré identifica um laço de parentalidade tanto com o mestre quanto com sua família que prolonga ainda hoje mesmo depois da partida do “Velho”. De quando cremaram o corpo, Wandré junto com a família de Cantarino Filho levaram as cinzas para o CO da UnB e ao redor de uma muda de ipê rosa a espalharam, pé que hoje floresceu e expandiu suas raízes justo no território em que Cantarino Filho mais esteve presente.

Cantarino era o ator do cenário atletismo, mas os bastidores eram regidos pela Helena, desde sempre. Ela transcrevia os escritos dele, revisava, corrigia, acompanhava ele nos treinamentos, nas palestras, sempre estivera junto. Conheci o Cantarino em 1994, era aluno da UnB de química, e fui competir os JIUnBs, que é o campeonato interno dos alunos, eu fiz provas de velocidade e de salto, ele viu minhas marcas pessoais e ficou admirado e me convidou para treinar. Depois em outro dia ele fez testes comigo em algumas provas da modalidade, e foi amor à primeira vista. Inclusive meu apelido pessoal surgiu dessa parceria, eu era um atleta novo, e meu cabelo cacheado estava grande, e me apelidaram na equipe de “carneirinho”, e ficou sendo a forma como me conhecem no atletismo nacional e internacional. Eu me tornei como exemplo de fidelidade na relação treinador e atleta, desde 1994 até 2007 estivemos juntos sem rompimento, todos quando citam Cantarino lembram da minha relação esportiva e afetiva com ele, pois ficamos como pai e filho. Aprendi muita coisa com ele, porque a relação que eu tinha com ele era muito mais de amizade do que de treinamento propriamente técnica, as pessoas comentavam que ele precisava ser mais duro com a gente porque ele era muito bonzinho. Já que os outros treinadores cobravam muito resultado de seus atletas. Não tinha briga, nem cobrança, éramos alunos e amigos. O que mais me marcou na nossa relação foi no final da vida dele, quando ele já estava internado próximo do fim da vida, eu fui anunciar que iria voltar a treinar para competir e ele deu um sorriso. E hoje eu levo hoje toda vez que estou na pista esse sorriso, tendo com isso eu consegui o recorde sul-americano da categoria máster, campeão mundial máster e líder do ranking mundial, é uma força de motivação que vêm de uma relação paternal. E toda vez que vou precisar viajar para competir, eu vou lá na árvore que plantamos no Centro Olímpico da UnB onde depositamos suas cinzas, como forma de reverenciá-lo e conversar com ele, vejo a árvore sempre florida (WANDRÉ, 2019. Entrevista).

Essa relação que Wandré (2019) denuncia sobre Cantarino Filho e sua esposa Helena Pessoa também pode ser inspirada em Dom Quixote, já que lhes rendeu além dos filhos, netos e bisnetos, o auxílio fiel como José Cruz (2020) citou, uma verdadeira secretária revisando e digitando os escritos do “Velho”, aconselhando e orientando e inclusive administrando as cartas e e-mails dele.

Foram 56 anos de casados, Cantarino Filho e Helena Pessoa venceram o desafio de novos tempos, quando se casaram em 1956, JK já era o Presidente da República, mas Brasília era só um sonho. Moraram em diversas cidades juntos: Rio de Janeiro, Vitória,

Brasília e Vigo na Espanha. Em cada casa em que viveram abriga na memória lembranças de bons tempos. Vida corrida, vida que segue. Mas apesar de todos os afazeres familiares, nunca faltaram tempo e espaço para os animais de estimação, uma lista exótica que inclui, aranha, escorpião, caracol, jacaré e uma cobra d'água, carinhosamente chamada de Margarida.

Éramos vizinhos em Niterói, eu tinha 13 anos e ele 15. Começamos a namorar nessa idade bem devagarinho. Ele foi fazer a faculdade no Rio na Urca. Casamo-nos, ele teve convite para ir lecionar na UFES, ele foi. Eu era professora primária no Rio e tive que abandonar tudo para acompanhar ele. Eram tempos difíceis porque o salário de docência era baixo, eu fui professora na prefeitura de Vitória. Ele prestou concurso para Universidade de Brasília em 1974. E eu fui estudar biblioteconomia lá mesmo, e fui trabalhar na Emater, e depois passei no concurso da Câmara (dos deputados). Mas sempre foi muito duro para gente, família com 5 filhos. Ele sempre foi envolvido com treinamento, começou como auxiliar técnico no Rio, e em Brasília mesmo estando na UNB continuou a dar treinamentos no atletismo, era um idealista porque não recebia especificamente para ser treinador, sim para professor acadêmico. Como companheiro era muito amoroso, parceiro, viajávamos muito mesmo, fazendo tudo juntos. Chegamos a ir duas vezes a Antártida. Ele não era envolvido só no atletismo, se entretinha com diversos esportes, inclusive com paraquedismo, montou o clube de paraquedismo Gaivotas. Carregava os filhos e posteriormente os netos para trenos, competições. Ele tinha uns costumes diferentes, como visitar cemitérios em toda viagem que fazia, colecionar conchas, inclusive fez encontro nacional de maracologistas.

Nestes mais de 50 anos trabalharam duro, desenvolveram carreiras e conquistaram reconhecimento profissional – sempre com o apoio e incentivo um do outro. Helena foi professora, formou-se em Biblioteconomia, passou em concursos públicos e trabalhou como bibliotecária e chefe da Biblioteca da Câmara dos Deputados, juntos formaram uma dupla dinâmica. Estavam sempre prontos para encarar novos estudos, novas pesquisas, novos projetos.

Para Mário Ribeiro Cantarino Neto falar do pai ainda é muito difícil, a emoção toma conta na hora de buscar uma definição para ele, justamente porque ele como filho mais velho, esteve presente em quase todos os espaços de atuação do “Velho”, inclusive sendo seu atleta. Obteve o gosto pelos estudos com os pais e principalmente o pai, se tornando Desembargador do TST-ES – Tribunal Superior do Trabalho do Estado de Espírito Santo.

Meu pai era uma pessoa simples, alegre e responsável. Era a simplicidade em forma de gente, por isso tinha a mente aberta para ver o mundo por inteiro; era muito brincalhão, gostava de brincar e tratava a todos com igualdade e respeito, era natural dele; cumpria sempre as responsabilidades, sempre dizia a frase: “O Brasil espera que cada um cumpra com o seu dever”. Não cobrava dos outros, dava a liberdade para cada um agir da sua forma. Ele buscava conciliar e entender as pessoas, tinha muita habilidade social, sendo sempre gentil e educado. Era um humanista da concepção iluminista, vivia estes valores como sua religião. Não tem mais a acrescentar, era simples, sem mistérios. Quando eu tinha 15 anos, já gostava de esportes. Comecei a treinar basquete no CEFETES. O Técnico era aluno do meu pai e fazia os testes de preparo físico junto com meu pai na pista de Bento Ferreira, na Escola de Educação Física (72, Vitória, ES). Eu fui o segundo colocado do time no teste de Cooper, a partir daí comecei a participar das competições nos Jogos Estudantis (atletismo e xadrez). Muitos dos professores de educação física eram amigos de meu pai, se reuniam lá em casa. Além de professor da UFES, ele foi também preparador físico da equipe de remo e de clubes de futebol (Rio Branco e Desportiva). Ele era “pé quente”, no time que ele entrava, ganhava. Isso devido ao conhecimento aplicado no preparo dos atletas. A educação física era Educação para ele, como um modo de vida e formação de caráter. Parte da formação da pessoa. Ele via o esporte nos diversos níveis: de massa, escolar, militar, profissional, amador, de alto rendimento. Em Cada nível funcionava de um jeito: saúde, entretenimento, educação[...] ele não tinha uma forma única para olhar. Postura política: Humanista. Ele não acompanhava política, a vida dele era voltada para a Universidade, para os alunos. Não tinha militância política. Na ditadura, não havia politização. A política era proibida. Ele não tinha simpatia, assim como a maioria da população. Ele não era conservador, era progressista, mas não se envolvia com política. Não era liberal, nem conservador, nem liberal. Era Progressista, achava importante democracia e liberdade. Aos meus 12 anos de idade, em 69, lembro do meu pai falando enfaticamente a jovens para não entrar na luta armada contra a ditadura. Ele tinha pé no chão, não era sonhador, era realista (NETO, 2021. Entrevista).

Ativamos nessa pesquisa a procura dos relatos de vida, foram essas pessoas que estiveram com Cantarino Filho seja na batalha das ideias ou na promoção do esporte como ferramenta de reflexão para possibilidades humanistas, essa é uma discussão que ainda cabe maior espaço de debate, aqui não intencionamos descobrir quão profunda pode ser a participação do esporte enquanto transformador social, mas de como a atuação de Cantarino Filho ecoou na memória destes partícipes e o quanto isso pode refletir nos seus posicionamentos diante da existência humana e alinhado a perspectiva pessoal do mesmo enquanto um profissional da EF capaz de mediar essas contradições.

A Prof^a. Dr^a. Celi Nelza Zulke Taffarel aceitou nosso convite para expor suas impressões acerca dessas questões que nos preocupavam a serem descobertas e examinadas, ela é também uma importante militante e atuante da renovação na EF, gaúcha

que circulou o debate da perspectiva histórico-crítica no Brasil todo, se tornando importante na discussão de projetos políticos pedagógicos em Recife, Bahia, entre outros lugares simbólicos nessa movimentação crítica, professora aposentada da UFBA – Universidade Federal da Bahia, participante do Movimento Renovador com inúmeros livros e artigos, mas acentuado com sua participação no Coletivo de Autores com a já referida obra “Metodologia do Ensino de Educação Física” de 1992 a lado de Castellani Filho, Ortega Escobar, Bracht, Varjal, Soares. Enquanto diretora do CBCE – Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte em duas gestões: 1987-1989 e 1989-1991, foram para ela experiências suficientes para conhecer os posicionamentos e diálogos que colocavam Cantarino Filho como ponte necessária para que se espraiasse o Movimento Renovador, e ele fosse inserido nele não só como um partícipe, mas como um participante progressista.

Vou me valer de fontes e dados diversos, entre as quais muito acessíveis para quem queira compreender melhor sobre quem falo, mas, também minha vivência como professora, pesquisadora, presidente do CBCE, diretora do NEFD/UFPE, ou seja, como testemunha histórica que conviveu com ele. Mário Ribeiro Cantarino Filho foi um homem a frente de seu tempo. Foi sim um progressista, sendo um obreiro da ciência do esporte, justamente porque não se faz ciência sem condições objetivas de trabalho e ele ajudou a construí-las tanto na UFES quanto na UNB. Ele produziu ações e escritos que contribuem nesses tempos sombrios contra o obscurantismo, negacionismo e ataque a educação, a ciência, as políticas públicas, para dar força as novas gerações na luta para superar este perverso modo de produção capitalista que destrói a história, a memória e os melhores sentidos e significados da vida. Destrói a direitos, soberania, democracia e a natureza. Minha convivência com este professor foi dentro de uma entidade científica, que como eu disse, presidi, suas contribuições através de seus escritos influenciaram até para elaboramos a parte legislativa, do diagnóstico nacional do esporte por nós executado na UFBA, em 2014. Suas ideias pedagógicas sobre Educação Física Escolar, quando veio trabalhar conosco em Pernambuco, e eu era diretora do Núcleo de Educação Física e Esporte da UFPE, eram de base construtivista, ideias da escola nova, com base nas teorias pedagógicas que vinha da Europa, com o esporte para todos. Nós já trabalhávamos fortemente com a concepção de sociedade socialista, com a pedagogia embasada na teoria histórico-cultural que nos vinha do leste europeu. Os Centros de Memórias, onde constam registros de suas entrevistas da UFRGS, UFMG, UFES, guardam a maioria de seus relatos e escritos, sua defesa da Educação Física Escolar que constitui um coletivo que elaborou diretrizes curriculares. Possui um importante debate acerca sobre Educação Física e o Esporte na Constituinte de 88. Vivemos em um tempo que autárquicos como na Fundação Palmares está queimando livros, constituindo um index de literaturas progressistas, e Cantarino Filho era dono de uma das maiores bibliotecas do mundo sobre Educação Física e Esportes, que acabou vendendo para a UFES e a UFRGS. Lembro-me

de sua exposição em um painel sobre Inezil Penna Marinho, realizada em um congresso em 1989, do CBCE, Lino Castellani foi quem coordenou o Simpósio. Este trabalho exposto por Cantarino Filho contém dados relevantes, lembrando que não podemos cobrar do “Velho Canta” uma base teórica à qual ele não teve acesso. Portanto a sua análise não é marxista, mas isto necessariamente não o coloca na perspectiva de um conservador. É preciso sim, recuperarmos o fio da história e não descolar esse homem de seu devido contexto, nascendo na “Era Vargas”, justamente quando há uma luta por direitos que protegem o trabalhador que irá refletir posteriormente na consolidação das leis trabalhistas (CLT), participa da luta pela constituinte, morre antes do golpe de 2016 quando todos os direitos trabalhistas e previdenciários são retirados. (TAFFAREL, 2021. Entrevista)

Em 2009, depois de várias negociações frustradas com a UnB, a FEF e a BCE – Biblioteca Central da UnB -, Cantarino Filho recebeu uma proposta de vender sua biblioteca particular para a UFES, que era hercúlea, com cerca de 5 mil volumes e milhares de recortes de reportagens e notícias sobre educação e esporte, considerada uma das maiores do país. Ainda restando uma parte, após seu falecimento, que seria vendido por familiares para o CEME – Centro de Memória do Esporte da UFRGS.

Verificamos no suave mover de nosso trem sob os trilhos férreos da transformação da realidade, movente, articulada, concreta e pensada. Não há mais estações, agora estamos na plataforma, parados, não há vento, não há calor, nem há frio, é morno o dia.

Em 21 de janeiro de 2012, em Brasília, no leito do Hospital Santa Lúcia, partiu o “Velho”. Foram 81 anos vividos entre a peraltice atrevida de um “abelhudo” e investigador Mário, para um destemido pesquisador dentro e além de seu tempo, que tinha como referência de eterno progredir a aquisição de conhecimento, e o compartilhamento dele.

Em 2017, com a presença de familiares, com uma placa que nomeara o Espaço de Atletismo da UFES em seu reconhecimento. No mês de dezembro de 2019, houve um encontro entre diretores de departamentos e faculdade, no CO, com a intenção da assinatura do contrato de reforma das pistas de atletismo que ficam no complexo da UnB, e manifestaram o interesse após a reforma de renomear a pista de atletismo que foi palco por anos, das aulas e dos treinamentos esportivos de Cantarino Filho:

Na cerimônia, representantes da FEF também sinalizaram interesse de dar ao futuro espaço o nome do falecido professor da UnB Mario Ribeiro Cantarino Filho, que dedicou a vida a fomentar o esporte de formação e o atletismo. A sobrinha do docente, também professora da instituição e atual diretora de Acompanhamento e Integração

Acadêmica, Lígia Cantarino da Costa, ficou emocionada ao saber da intenção. (BRASÍLIA, 2019)

Foi homenageado pela sua produção intelectual e pelos resultados obtidos como treinador esportivo, as duas linhas de trabalho que abraçou na EF, considerando o esporte como voluntário e amador, sem a intenção de obter lucro, ascensão profissional ou exposição de imagem, queria praticar, é isso a prática estava no seu gosto:

- Grande Benemérito do Desporto Universitário Capixaba;
- Benemérito do Atletismo Brasiliense;
- Medalha do Mérito Desportivo (Presidência da República – 1990);
- Medalha Imperador D. Pedro II (CBMDF);
- Homenageado Especial do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte;
- Cidadão Honorário de Brasília (2002);
- Homenageado do II Congresso Internacional de Educação Física, realizado pela Universidade Católica de Brasília (UCB), 2009;
- Diploma de Honra ao Mérito, do Conselho Regional de Educação Física da Sétima Região (CREF/7), 2010;
- Diploma de Honra da Federação Internacional de Educação Física (FIEP), Delegacia do Brasil, 2011;
- Homenagem do 1º Congresso Internacional e 4º Congresso Brasileiro sobre Gestão do Esporte, através da Universidade de Brasília (UnB), da Associação Brasileira de Gestão do Esporte (ABraGEsp) e do Laboratório de Pesquisa sobre Gestão do Esporte (GESPORTE). (TAFFAREL, 2021. Entrevista)

Enquanto gestor do esporte realizou:

- Dirigente e técnico de seleções nacionais em eventos sul-americanos;
- Atuou nas áreas gerencial e técnica de diversas entidades esportivas em Niterói, Rio de Janeiro, Vitória e Brasília;
- Presidente da Federação Brasiliense de Atletismo, por três mandatos;
- Chefe do então departamento de Educação Física, da Universidade de Brasília, por dois mandatos;
- Organizou inúmeros eventos no cenário esportivo;
- Qualificou profissionais que atuam como gestores esportivos de sucesso (TAFFAREL, 2021. Entrevista)

Casado 56 anos com Helena Pessoa Cantarino, tiveram 5 filhos, na ordem: Mário Ribeiro Cantarino Neto, Fernando Pessoa Cantarino, Marilena Pessoa Cantarino, Felipe Pessoa Cantarino e Marta Pessoa Cantarino. Com 14 netos e 9 bisnetos, espalhados justa feito nos lugares onde Cantarino Filho fez suas caminhadas: Rio de Janeiro Niterói,

Brasília e Espírito Santo. Deixou a ciência e a ética diante, o livre compartilhar do conhecimento, o esporte como possibilidade de libertação das classes, e o amor ao labor. Agora o que essa história de um homem, que esteve em tantos tempos, fatos históricos, e significados históricos específicos, pode nos trazer para compreender a transformação da realidade?

5. CONSIDERANDO

*Vou mostrando como sou
E vou sendo como posso
Jogando meu corpo no mundo
Andando por todos os cantos... (Novos Baianos)*

Não há mais estações, somente a plataforma como dissemos, houve partida, mas ainda não a despedida.

Voltamos no tempo para isso, as estações são exatamente isso, pedras de despedidas, pedras e trilhos de saudades. O trem da história cumpriu seu compromisso em ir ao passado, voltar ao presente, retornar ao passado, e deixar embarcar a realidade. Que realidade é essa que sentou conosco nos confortáveis bancos dessa viagem?

Como na canção do conjunto contra cultural e vanguardista Novos Baianos, a história mostrou como somos, humanos que produzimos história quando interagimos, agimos, do jeito que podemos, com o que nos é dado pela natureza para que possamos transformar, andando por todos os cantos.

E isso Cantarino Filho foi, jogou o corpo no mundo e foi como pode. Atravessou acontecimentos e os encarou, da maneira que lhe provia, com a força que tinha. Em determinados momentos demonstrando que sua capacidade de diálogo com a realidade histórica ia se alterando com o tempo. O homem que estava na confecção intelectual de uma dissertação de mestrado em Educação entre 1980 e 1982, buscava se libertar da realidade histórica que viveu, a colocando nas linhas gerais. E como devemos obter a compreensão do que são e representam as pessoas? Pelas palavras que dizem, pelos gestos e ações realizadas, pelas manifestações ou expressões que denotam o quanto suas consciências conhecem e suportam de humanidade. O quanto são capazes de se indignar com o sofrimento alheio, e diante disso são capazes de reagir, seja escrevendo uma bela crônica de enfrentamento, versos de uma canção que motive a todos a reagir aos males, comportando com acolhimento aos desamparados, enfrentando o sistema econômico e político opressor e indiferente, e escrevendo poesias que nos façam revolucionários, porque como dizem por aí: “Os canalhas não suportam poesias!”.

Quando fizemos a analogia de um soldado que tenha sido ferido, ou se perdido de seu batalhão no front de guerra, entendemos que Cantarino Filho possa ter sido escamoteado por um julgamento de uma das referências teóricas que permeou o Movimento Renovador e Crítico da EF brasileira, o materialismo histórico-dialético.

Porém ele não foi o único. Diversos partícipes dessa renovação foram por ora marxistas e depois se encontraram com referenciais tidos como reprodutivistas, pós-modernos, o que para nós demonstra o quanto o homem produtor de história é também produtor de consciência, que a si vai moldando conforme a história vai acontecendo, sem julgamentos antecipados, aguardamos esse ser e vir a ser, sujeito fluente da história, modificando-se. Não é a história por si quem faz, não é detentora de fortunas e não disputa guerras. Sim o homem, vivo, real, exato, têm disputas e a tudo gere; a história não é uma existência apartada, se apoderando do homem para desejos pessoais; fica sendo ela sem mais delírios, a atividade do homem enquanto humanidade, que persegue seu objetivo.

Na colocação dos problemas histórico-críticos, não se deve conceber a discussão científica como um processo judiciário, no qual há um réu e um promotor, que deve demonstrar por obrigação que o réu é culpado e digno de ser tirado de circulação. Na discussão científica, já que se supõe que o interesse seja a pesquisa da verdade e o progresso da ciência, demonstra ser mais “avançado” quem se coloca do ponto de vista segundo o qual o adversário pode expressar uma exigência que deva ser incorporada, ainda que como um momento subordinado, na sua própria construção. Compreender e valorizar com realismo as posições e razões do adversário (e o adversário é, talvez, todo o pensamento passado) justifica justamente estar liberto da prisão das ideologias (no sentido pejorativo, de cego fanatismo ideológico), isto é, significa colocar-se em um ponto de vista “crítico”, o único fecundo a pesquisa científica. (GRAMSCI, 1974, p. 31)

É diante dessa máxima marxista que queremos resgatar nosso soldado combalido, ferido porque foi esquecido talvez, e esquecido porque não foi pesquisado o suficiente para que entendêssemos suas contradições e determinações, e analisando suas contradições pudéssemos o perceber alinhado como o movimento da história, da realidade, e que diante da sua dimensão humana pode-se perceber capaz de se modificar, modificando o meio e as pessoas com que vive. Foi isso na EF brasiliense e brasileira, pioneiro ao participar da implementação do processo educacional no DF, ao ser responsável pela formação de novas gerações de professores do ensino básico e futuramente alguns do ensino superior como Arantes (2018), e como vimos, influenciando através de seus posicionamentos em produções intelectuais, de manifestações em conferências acadêmicas, na interação social como treinador esportivo, a discussão e implementação de políticas públicas para o esporte no DF, em âmbito escolar e de profissionalização e que viriam influenciar a mesma acolhida em âmbito

federal anos mais tarde quando da criação de um Ministério específico para o esporte, em uma gestão progressista na virada do século XX.

Se inicialmente, demonstrou ser afeito ao que os documentos são capazes de dizer sobre a história, como se eles fossem os signatários da realidade histórica, quando então iniciava uma produção mais madura em “*Educação Física no Estado Novo: história e doutrina*”, como ainda aprendiz da historiografia que lhe foi apresentada em sua formação, no período ao qual viveu esse processo, podemos compreender como Castellani (2018) que o entendia rompendo com Inezil Penna Marinho de um referencial positivista de análise, mas ainda se mantendo fixado como um neoreprodutivista, pois se propunha a ir além da análise estrita documental, dando em breves espaços nessa obra, sua análise de conjuntura afeita ao que tinha como potencial e limite crítico de contemporaneidade. Entendemos que essa referência e posicionamento é justa sim, a esse determinado tempo.

Porém no resgate desse soldado, valioso a toda corporação de guerra, percebemos que houve uma procura por essa sua produção intelectual, que mesmo ainda limitada no referencial, auxiliou a construir outros debates mais alinhados a criticidade e que conseguiram romper de vez com o cientificismo positivista.

E no caminhar do vagão da historicidade, entendemos que o homem muda, para mudar sua consciência, e sua produção também se altera, quando encontramos Cantarino Filho (1996) no boletim da FIEP, mostrando-se avesso as autarquias institucionais que regulamentavam a EF, e norteavam a produção científica dela, outro ser se desvelou para nossa interpretação, um vir-a-ser, que posicionado pós queda da URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – simbolizada mundialmente pela queda do muro que separava a Alemanha Oriental da Ocidental em Berlim, num contexto de alteração do capital econômico, num viés bancário agressivo, que alterava a produção profissional da EF, cada vez mais estética, alienada e mercadológica, e que o “Velho” demonstrava preocupado com o avanço do liberalismo e a liquidação dos ideais românticos daquele esporte “social” e “cidadão” que acreditava praticar. Ainda em tempo, uma considerável parte do Movimento Renovador teve sua produção nesse período da década de 1990, como o Coletivo de Autores (1992), considerando que seus partícipes como um todo viveram num outro tempo, tiveram outras interações e formações sociais, e dispuseram de uma possibilidade de desfrutar de materiais dispostos sobre a criticidade, a necessidade de ruptura, que estavam expressas nas traduções realizadas de livros diretamente de Karl Marx e Engels, ou de seus intérpretes marxistas, e que não haviam como serem acessíveis

no período em que Cantarino Filho iniciava tanto sua formação quanto sua produção intelectual, em momentos distintos. Sendo ele um produto de seu tempo, que já em 1967 com seus “Rabiscos” poéticas iniciados – só publicados em 2001, de forma alternativa entre os pares – já demonstrava o gérmen de sua indignação contestatória quando em seus versos posicionava contra a ditadura civil-empresarial-militar em sua “Prece do Revolucionário” reivindicava justiça social e humana.

O tempo não para e alguns que se importam com esse fenômeno o adjetivam de “inexorável”, a tudo transforma, e assim o faz com o ser, nessa transformação de si, Cantarino Filho foi acompanhado pela sua intimidade familiar em suas expressões, interações, também pela sua relação no processo educacional com seu corpo discente enquanto professor universitário, como gestor administrativo da FEF, ou então esportivo em federações, comitês e grupos de pesquisa. O depoimento de sujeitos que comungaram dessa convivência e foram capazes de fazer referências analíticas de suas atitudes diante de problemas, situações políticas, diálogos com as regras estabelecidas, mazelas da humanidade, são verdadeiras análises que tomam força, vital, capaz de trazer o soldado ao front, curado, renovado e renovador, fazendo alianças progressistas e humanistas diante de suas reais intenções e preocupações, seus avanços e reconsiderações que o reposicionaram. Sua vida foi na verdade sua escrita, sua ação humana foi sua produção intelectual, e é nela que nos pautamos para presentear nossa compreensão histórica, com esse livro de vida:

Esses livros tornam a leitura silenciosa impossível. Nossos lábios se movem. Devemos caminhar seguindo os passos do poeta. Se perdermos o ritmo, perdemos o sentido. Avançamos levados por suas mãos. (LEJEUNE, 2008, p. 89)

O jornalista José Cruz (2012), referência na análise crítica esportiva, e que nos privilegiou com seu depoimento sobre Cantarino Filho, publicou uma reportagem no dia da morte dele, ao que se referenciava a uma entrevista feita por ele mesmo em outro periódico. Indagando o “Velho” em como ele se autorreferenciava na história da EF brasileira, ato contínuo fez questão de responder cedo:

Uma vez disseram que eu sou um poeta, porque critiquei o desporto profissional. Hoje, ninguém mais compete pela camisa, compete pelo dinheiro que vai ganhar. Essa turma toda que vai para a olimpíada, que vai correr em rua, está olhando o prêmio. Hoje está muito comercializado o esporte, muito capitalista. Vejo a coisa muito pelo aspecto amadorista, ainda sou um poeta e hoje é muito profissional. Vi

uma reportagem de um nadador americano que provavelmente vai ganhar oito medalhas de ouro na olimpíada e que cada medalha representa um milhão de dólares, não sei se é mais importante as 8 medalhas olímpicas ou os milhões de dólares. Qual é a visão que ele tem nesse sentido, não sei... (CRUZ, 2012)

Que autoridade possui o historiador para alterar o depoimento histórico? Há justiça ou ética científica neste gesto? Como nos posicionamos alinhados a essa condição, sendo a única postura possível para se aproximar da realidade na história, manteremos a característica da autorreferenciação que Cantarino Filho fez, um poeta do esporte.

Mas entendemos que se sua vida nos revela uma força constante em busca da transformação real dos determinantes históricos da EF e do Esporte, há um reconhecimento então entre seus pares e importantes partícipes dessa história, em específico a história da EF no Brasil e em Brasília, identificamos que como Vladimir Maiakovski foi considerado o “poeta da revolução” russa de 1917, já que seus versos foram capazes de motivar e impulsionar os revolucionários, Cantarino Filho de tal sorte para nós, volta pra Renovação da EF brasileira rumo a superação do capitalismo pelo comunismo, enquanto importante referência da historiografia dela, sendo um progressista, ou um: Poeta Revolucionário do Esporte!

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Sávio. *Reiventando o esporte: possibilidades da prática pedagógica*. Campinas: Autores Associados, 2001.

BENJAMIN, Walter. *O narrador*. In: *Obras escolhidas*. Magia e técnica, arte e política. v. 1. São Paulo. Brasiliense, 1985.

BORGES, Vavy Pacheco. *O que é História*. Ed. Brasiliense. São Paulo, 2003.

BRASÍLIA, Fundação Universidade de. Plano Orientador da Universidade de Brasília. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1962.

BRASÍLIA, Museu Virtual de. *Sinfonia da Alvorada*. Em: http://www.museuvirtualbrasil.com.br/museu_brasilia/modules/news3/article.php?storyid=24. Acessado em: 20/04/2021

BRASÍLIA, Universidade de. *Universidade terá pista de atletismo de alto nível*. Site: <https://noticias.unb.br/76-institucional/3914-universidade-tera-pista-de-atletismo-de-alto-nivel>. Acessado em: 25/02/2021

BRASILEIRO, Sócrates & GOZZI, Ricardo. *Democracia Corintiana: a utopia em jogo*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

CANTARINO, Mário Ribeiro. *Minha Peregrinação sobre a Terra*. Brasília: Ed. Thesaurus, 2003.

CANTARINO FILHO, Mário Ribeiro et all. *Aproveitamento integral do centro desportivo da universidade de Brasília como área de lazer*. Brasília: UnB, 1976.

_____. *Educação física no Estado Novo: história e doutrina*. 217 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 1982.

_____. *Opinião: A Educação Física em questão*. In: Boletim FIEP, Ano X, pg, 55-56. Belo Horizonte, 1996.

_____. *Rabiscos: Um ensaio poético*. Brasília: No prelo, 2001.

_____. *Memorial*. Brasília: Arquivos Pessoais Família Cantarino, 2010.

_____. & MIURA, Hiromi. *Japão e Brasília – Imigração e Esporte*. Ed. Thesaurus: Brasília, 2010.

CANTARINO, Plínio. *Termo de Abertura*. Arquivos Pessoais Família Cantarino, 1996.

CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação física no Brasil: a história que não se conta*. 3 ed. Ed. Papirus: Campinas, 2013.

_____. *40 anos de CBCE: de expressão do “Movimento de Renovação Conservadora” à síntese do “Movimento Renovador (Progressista)” da Educação Física/Ciências do Esporte*. In: ATHAYDE, Pedro et all. *Ciências do Esporte, Educação Física e Produção do Conhecimento em 40 Anos de CBCE: Memória e história do CBCE*. Ijuí v.1. Ed. Unijuí, 2019.

_____. *Prefácio*. In GOMES, Daniel Pinto. *Política e Cultura em Educação Física, Esporte e Lazer*. Fortaleza: IFCE, 2019.

CELLARD, André. *A Análise documental* In: POUPART et all. *A Pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008.

CORDEIRO, Lucilene & REIS, Vanessa. *Escolas pioneiras de Brasília: A instalação das primeiras instituições educacionais até a inauguração da nova capital*. Brasília: Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal v 7. N 01. p, 160-172. Março, 2020.

CRUZ, José. *Mário Cantarino, o poeta do esporte*. Site: <https://josecruz.blogosfera.uol.com.br/2012/01/mario-cantarino-o-poeta-do-esporte/>. Acessado em:20/02/2021.

CRUZ, Joaquim Carvalho. *O Mestre que iluminou meu caminho*. Site: <https://josecruz.blogosfera.uol.com.br/2012/01/o-mestre-que-iluminou-meu-caminho/>. Acessado em: 20/02/2021.

DAOLIO, Jocimar. *Educação Física brasileira: autores e atores da década de 80*. Tese de Doutorado – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

DOSSE, François. *A História em Migalhas: Dos Annales a Nova História*. Bauru: Edusc, 2003.

_____. *O Desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2009.

FEDERAL, Secretaria de Educação do Distrito. *40 anos de Educação em Brasília*. Brasília: Subsecretaria do Planejamento e do Inspeção de Ensino, 2001

_____. *A instalação das escolas no Distrito Federal: década de 1960*. Brasília: Governo do Distrito Federal, 2021.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu & SILVA, Glaydson José da. *Teoria da História*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2008.

GASPARI, Elio. *A Ditadura Encurralada*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

GOELLNER, Silvana (org). *Inezil Penna Marinho: Coletânea de textos*. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

GOELLNER, Silvana et all. *A obra de Inezil Penna Marinho e suas repercussões para a estruturação da Educação Física no Brasil*. Salvador: Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2009.

GRAMSCI, Antonio. *A Concepção dialética da história*, 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HOBBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: O breve século XX 194-1991*. 2 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

_____. *Sobre História*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

HUNGARO, E. M. *Trabalho, tempo livre e emancipação humana: os determinantes Ontológicos das políticas sociais de lazer*. 266f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2008.

_____. *A questão do método na constituição da teoria social de Marx*. In: *O método dialético na pesquisa em educação*. Campinas, Brasília: Autores Associados, 2014.

_____. *A Educação Física e a tentativa de “deixar de mentir”: O Projeto de “intenção de ruptura”* In: MEDINA, João Paulo S. *A Educação Física cuida do corpo... e “mente”*. 26 ed. Campinas, SP. Papirus, 2013.

KONDER, Leandro. *Marx: vida e obra*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

LEJEUNE, Phillipe. *O pacto autobiográfico*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LESSA, Sérgio. *Mundo dos homens: trabalho e ser social*. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

MAGALHÃES, Luiz Roberto & ROSSI, Paulo. *Ponto de Partida*. Brasília: Instituto Terceiro Setor, 2012.

MARANHÃO, Ricardo. *O governo Juscelino Kubitschek*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.

MARINHO, Vitor. *O que é educação física?*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.

MARKUS, G. *Marxismo e Antropologia*. Expressão Popular, São Paulo. 2015.

MARX, Karl. *O capital*. v. 1. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

_____. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

_____. *A ideologia alemã*. São Paulo: Expressão Popular, 2009

_____. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011

_____. *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

MASCARENHAS, Fernando. *Entre o ócio e o negócio: teses acerca da anatomia do lazer*. 308fls. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

MELO, Victor Andrade de. *História da educação física e do esporte no Brasil: panorama e perspectivas*. 3 ed. São Paulo: Ibrasa, 2007.

MORAES, Vinicius de; JOBIM, Antônio Carlos. *Sinfonia da Alvorada*. Rio de Janeiro: Columbia, 1960.

_____. *Antologia Poética*. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

NETTO, José Paulo. *Introdução ao estudo do método em Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

OLIVEIRA, Dennis de. *Racismo Estrutural: uma perspectiva histórico-crítica*. São Paulo: Editora Dandara, 2021.

PLEKHANOV, Gueorgui. *O papel do indivíduo na História*. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

PORTO JR., Gilson (Org). *Anísio Teixeira e o Ensino Superior*. Brasília: Bárbara Bela, 2001.

RUBIO, Katia. *Atletas Olímpicos Brasileiros*. São Paulo: Sesi SP Editora, 2015.

SALOMÃO, Wally. *Armarinho de miudezas*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2005.

SAMPAIO, Juares; SUASSUNA, Dulce Maria; GASPAR, Fábio de Assis. *Educação Física da Universidade de Brasília e a formação de professores: Aspectos Epistemológicos*. Porto Alegre. Pensar a Prática 9/2: 197-211, jul./dez. 2006

SAVIANI, Demerval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 4ªEd. Campinas, São Paulo. Autores Associados, 2013

SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é Pós-Moderno*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

SCHWARCZ, Lilia. *O Espetáculo das Raças: Os cientistas, instituições e questões raciais no Brasil 1870-1930*. São Paulo. Cia. das Letras, 1993.

_____; STARLING, Heloísa. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Cia. das Letras, 2015.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *A formação da classe operária inglesa* Vol (1). São Paulo: Paz e Terra, 2020.

VARELA, Sebastião. *Passados que não se apagam: histórias da UNB*. Brasília: Editora UnB, 1989.

VIANA, Djavan Caetano. *Linha do Equador* In: *Coisas de Acender*. Rio de Janeiro. Sony Music, 1992.

WIGGER, Ingrid et all. *Trajetória histórica da criação da Faculdade de Educação Física na Universidade de Brasília*. In WIGGERS, Ingrid & ATHAYDE, Pedro (org). *Produção de conhecimento na Educação Física: pesquisas e parcerias do centro da rede cedes no distrito federal*. Ijuí: Ed. UniIjuí, 2020.

WIGGERS, Ingrid. Educação física escolar em Brasília, na década de 1960. Porto Alegre: Revista Movimento v.17 n 01, p. 137-157, janeiro/março de 2011.

APÊNDICE I – Figuras

Figura 1 - Reportagem de atletas estrangeiros visitando Cantarino Filho a fim de treinarem



Fonte: Arquivo Familiar

Figura 17 - Reportagem sobre Cantarino Filho em Cochabamba

ATLETISMO 16.12.86
COCHABAMBA

CONCLUYO CICLO DE CANTARINO

MARIO Cantarino, entrenador brasileño recibió una gran acogida de parte de entrenadores y atletas.

Viajará hoy con destino a su país en la que continuará con su labor educativa (que son ya más de 25 años). Cantarino cuenta con 56 años y en su juventud también practicó el atletismo en pruebas de semifondo.

"Actualmente trabajé en la Escuela de Educación Física de la Universidad de Brasilia en la que estoy desde 1974. Anteriormente trabajé como profesor de la Universidad de Victoria, estando siempre más a nivel universitario".

El curso que fue dictado a lo largo de 10 días contó con un grupo de entrenadores, algunos de bastante experiencia y otros que se inician en el campo de la enseñanza.

"Pienso que no sólo Bolivia debe trabajar en gran manera, sino todos los países sudamericanos; necesitamos un mayor número de atletas en competencias mundiales y también mucho más entrenamiento".

"La capacidad de los entrenadores estará de acuerdo a los cursos que hayan podido realizar en el exterior y a la bibliografía que se les pueda y proporcionar y obtener, además la experiencia que sólo se gana en el transcurso de los años".

Entre los atletas destacados de Mario Cantarino están Aida Do Santo que, en la Olimpiada de Tokio logró un cuarto lugar en Salto Alto; Alfonso Coelho que, en Roma 1960 tuvo gran participación en las pruebas de 100, 200 metros y las postas y también Joaquín Cruz que fue campeón mundial de los 800m. En Los Angeles 1984, se inició con este entrenador brasileño.

"Pienso que no alcance la especialización ya que mi trabajo en Brasil está destinado a dirigir atletas de las distintas pruebas, aunque bastante con atletas de semifondo y fondo.

El próximo mes de enero fue invitado para

de esta semana, el encargado del curso para entrenadores de Atletismo, es Vadim Zelitchenok, entrenador "Mayor de la Selección Juvenil Soviética".

La especialidad de este entrenador es Salto Triple, aunque tiene un gran dominio de carreras de velocidad y vallas.

Se encuentra en el país desde el 27 de noviembre, tiempo en el que dictó cursos en Santa Cruz y La Paz. "Pienso que en Bolivia existen atletas con gran talento y el problema más importante es la falta de una escuela, en la que se otorgue una buena preparación en todos los sentidos y especialmente técnica".

Entre los aspectos que son más importantes para trabajar están la metodología



TAQUINA
"la mejor cerveza"

ATLETISMO

...EL TURNO DE ZELITCHENOK

de esta misma disciplina.

"Me voy muy contento por el trabajo realizado, y al mismo tiempo espero volver pronto, para efectuar un curso de mayor duración, en el que se puedan tratar los problemas existentes con mayor detenimiento y profundidad. Asimismo llevar a cabo estas enseñanzas en distintos niveles: de iniciación, nivel intermedio y competitivo y que sean en forma teórica y práctica para provecho de todos".

de entrenamiento en la que enseña a preparar planes de trabajo a corto, mediano y largo plazo.

De acuerdo a las marcas establecidas en el país, Vadim indicó que "el nivel boliviano en fondo marcha es buen inclusive internacionalmente", serán las pruebas de velocidad, saltos, lanzamientos en el que tratará a cooperar en mayor medida.

Entre los atletas más destacados que preparó en su país están: Bladir Zsimovic, recordman en lanzamiento Jabalina; Alex Lukaschenko, lanzador de bala; Vita Avisechic, Campeón Mundial de Martillo; Rigor Pariguen Salto Triple.

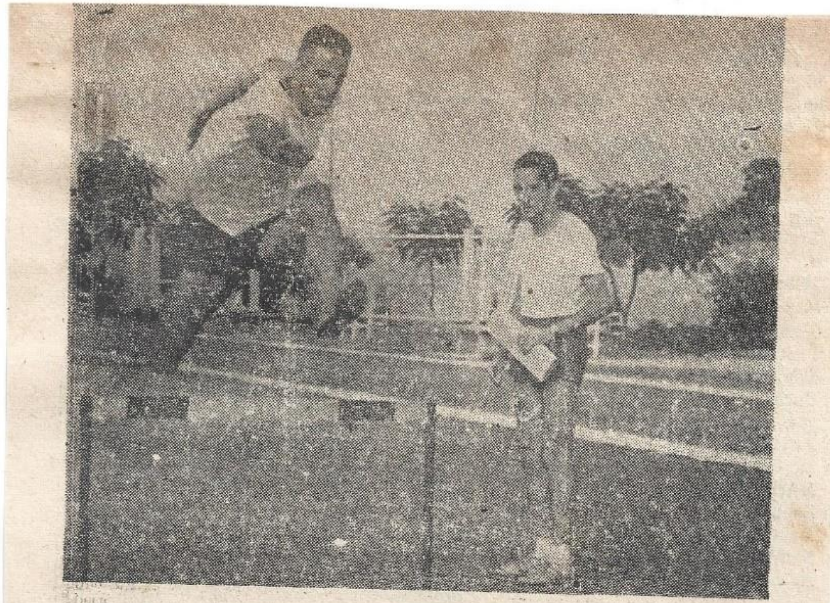
Respecto al gran nivel alcanzado en países desarrollados indicó que este no debe al uso anabólicos.



DEJES DE

Fonte: Arquivo Familiar

Figura 18 - Reportagem sobre Cantarino



O professor Cantarino, o "campeão anônimo", é visto na foto ministrando ensinamento ao popular "Cobra Dágua", que correu o 2 com, ao lado de Ruy Pimentel

Professor Cantarino : um campeão anônimo

Ainda repercute nos meios esportivos a sensacional conquista saldanhistas, vencendo pela quinta vez consecutiva o campeonato de remo capixaba.

Muita contribuição recebeu o alvirubro, nessa sua grande façanha, partindo da assistência aos atletas, em todos os setores; da dedicação do treinador Arruela

la Mayo; do empenho e colaboração dos próprios remadores, e do incentivo de muitos saldanhistas que sempre acreditaram na vitória do "Colosso do Forte".

CAMPEÃO ANÔNIMO

Mas há um nome entre os vencedores do penta campeonato que mereceu por parte de saldanhistas atuais uma referência toda especial, devendo o clube a ele uma parcela muito grande do título conquistado. Estamos nos referindo ao professor Mário Cantarino, preparador físico dos atletas do Saldanha, e que em pouco tempo colocou em estado exuberante todos os conjuntos campeonos do alvirubro. É quem assistiu à regata de domingo pôde sentir de perto esta afirmação, pois os remadores, mesmo aqueles que não triunfaram, alguns deles veteranos, fisicamente estiveram bem. Isto prova a eficiência do trabalho realizado pelo professor Cantarino, dando a Arruela, técnico de rala, elementos em condições de correr 2.000 mil metros em ritmo de 40 remadas de cima em baixo, como foi o caso do "quatro sem patrão".

Jaimes Cabas, que é tido no Saldanha como um diretor sem pasta, disse para a nossa reportagem, reconhe-

A GAZETA
16 ANOS A SERVIÇO DA COLETIVIDADE CAPIXABA
Fundador: THIERS VELLOZO — Diretor Gen. Darcy P. de Queiroz
Vitória (E. S.) — Quarta-feira, 18 de novembro de 1964 — No. 9.656

Figura 19 - Reportagem de Cantarino Filho no Correio Brasiliense

CORREIO BRAZILIENSE

Esportes

■ A Maratona Brasília, com os seus 1.745 corredores, tem, este ano, muitos atletas de "elite" para brigar pelo pódio

Brasília, terça-feira, 21 de abril de 1992.

CORREIO BRAZILIENSE

Acidente e segurança no esporte

Mário Cantarino

A Maratona Brasília 92 tem o seu desfecho hoje, após um longo período de preparativos, envolvendo organizadores, patrocinadores, árbitros, dirigentes, técnicos, e os verdadeiros donos da festa: os corredores. Foram longas semanas de preparação e treinamento, onde milhares de quilômetros foram percorridos, sujeitando os atletas aos mais diversos acidentes, musculares e articulares, principalmente nos membros inferiores, e levando alguns deles a abandonarem seus projetos de competir ou participar da segunda Maratona de Brasília.

A Maratona, como prova dos jogos olímpicos, foi instituída em honra ao soldado ateniense Felípedes ou Fidípides, que participou da Batalha de Maratona, travada entre gregos e persas. Ao levar a Atenas a notícia da vitória dos gregos, após correr longa distância, o soldado faleceu, esgotado pelo esforço. Esse é um dos mais clássicos acidentes fatais, ocorrido em razão de uma atividade física, no caso específico, a corrida. E, mais recentemente, houve a morte de James Fixx durante a sua prática costumeira de correr, exatamente ele, um dos mais consagrados autores de obras sobre corrida.

As atividades físicas, os jogos e os esportes apresentam uma certa dose de risco, sendo, portanto, fontes de prováveis acidentes.

Os acidentes ocorridos nas práticas físicas e esportivas, sejam eles de pequena monta, ou então de certa gravidade, com iniciantes ou atletas formados, abalam o comportamento psicológico e social de todas as pessoas envolvidas com o evento, com prejuízo para o desenvolvimento futuro das práticas ginno-desportivas da comunidade.

Mesmo com um número percentualmente ínfimo, é a morte, durante o desenrolar de uma sessão de treinamento esportivo, no desenvolver de uma competição, ou durante uma aula de Educação Física, uma ocorrência desastrosa. Felizmente, isso não acontece com frequência e acredito que ninguém gostaria de ser aquele número estatístico insignificante.

Nas aulas de Educação Física, nas escolas e nas universidades, nos logradouros públicos, nos parques e nos campos esportivos, sempre o risco de acidentes está presente e, estatisticamente, no Brasil, desconheço qualquer levantamento de dados sobre o tema.

No transcurso das aulas de Educação Física, nos treinamentos e nas competições esportivas, os acidentes são inúmeros: são as quedas, as mais frequentes; são aparelhos e implementos que ferem ou atingem o aluno ou atleta; são choques entre participantes ou entre estes e os árbitros; são implementos e instalações inadequadas, pisos defeituosos, escorregadios ou ásperos; são tênis ou calçados inadequados para pisos de diferentes tipos; são agasalhos ou vestimentas impróprias para certas atividades, climas e temperaturas, ressaltando-se o uso de roupas de plástico para a perda de peso corporal, com o registro de alguns casos fatais; são atividades praticadas sem os exercícios preparatórios (o chamado aquecimento), ocorrendo variados acidentes nos músculos e nas articulações; são competições surgidas e programadas de última hora, levando os praticantes a uma preparação imprópria, ocasionando-lhes mal-estar, cefaléia, vertigens e contusões. Na prática dos esportes existem acidentes comuns a cada modalidade.

As pessoas investidas da responsabilidade de administrar os programas ginno-desportivos são obrigadas a tornar o evento tão seguro quanto possível para os atletas, alunos e participantes em geral. A falta de estrutura organizacional das competições esportivas, aliada à inexistência de boas e seguras condições locais e ambientais, sejam elas em pistas e estádios, ou estradas e rias, importa em facilitar o surgimento de acidentes.

Para maior segurança do praticante do esporte deve ser levado em consideração o seu padrão técnico na execução de seus movimentos, de uma forma correta e, além disso, as suas condições físicas devem estar em nível apropriado à competição de que participa. Também deve-se levar em consideração o uso de equipamentos adequados, instalações próprias e bem-conservadas, bem como a assistência médica, antes, durante e após a prática das atividades ginno-desportivas, que podem indicar ou corrigir determinados exercícios, sempre visando à segurança.

■ Mário Cantarino é presidente do Centro de Estudos de Atletismo

Fonte: Arquivo Familiar

Paulo sem nenhum problema físico.



cobranças de escanteios como sistema de desempate. Cada jogador expulso dava um gol de vantagem ao adversário. A competição vai prosseguir com jogos aos sábados, no Campo do Ceub, sempre a partir das 9h.

Chabalgoity cai nas semifinais em Assunção

Assunção — A brasileira Cláudia Chabalgoity (Banco do Brasil) perdeu sábado da paraguaia Rosana de Los Rios, em partida das semifinais válidas pelo Torneio Banco Par Open de Tênis Feminino, que foi disputado no Yacht Golf Club Paraguaio, em Assunção. Chabalgoity perdeu da cabeça de chave nº 1 do torneio por 1x6, 6x2 e 1x6. Agora, a jogadora brasileira retorna para o Brasil, onde já na sexta-feira começa a disputar um torneio entre as 16 melhores tenistas nacionais.

Indaiá — Com a realização de 30 jogos no Iate Clube de Brasília, foi iniciada ontem, a 6ª Copa Indaiá de Tênis. A competição prossegue hoje, com mais de 40 jogos e define amanhã suas primeiras oitavas de final em algumas categorias. As inscrições para as duplas mistas e masculinas serão encerradas hoje.

A nova meta de Rodrigo e Leonardo é o título brasileiro

Leonardo e Rodrigo formam dupla-revelação no iatismo

Leonardo Espindola dos Santos, de 15 anos, e Rodrigo Amado, de 16, formam a mais nova dupla de velejadores do Distrito Federal. Originários da Classe Optimist onde, inclusive, Rodrigo sagrou-se penta campeão carioca individual e campeão mundial, por equipe, os dois velejadores trocaram o Rio de Janeiro por Brasília e agora integram a equipe do Clube Naval. Leonardo e Rodrigo participam atualmente da Classe 470 e, durante o último Sul-Americano da categoria, realizado no mês passado, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, a dupla obteve bons resultados em todas as etapas, com a conquista de uma vitória na última regata, terminando, o campeonato na terceira colocação na classificação geral.

Embora estejam velejando há menos de um ano pela Classe 470, Leonardo e Rodrigo estão satisfeitos com os resultados bastante expressivos que vêm obtendo nesta temporada. Em fevereiro, eles conseguiram o vice-campeonato do "International

Sailing Week", que foi disputado no Rio de Janeiro. Durante a Pré-Olímpica realizada em Búzios, em março, a dupla ficou em sexto lugar no geral, mas conseguiu o título principal na categoria Júnior, destinada aos velejadores da faixa etária de até 19 anos. Este resultado garantiu à dupla o direito de representar o Brasil no Campeonato Mundial da categoria, que foi realizado na Finlândia. Naquela ocasião, Leonardo e Rodrigo conseguiram o 29º lugar na classificação geral entre os 44 barcos de todo o mundo.

Destaque — Em maio a dupla voltou a ser destaque em São Paulo, com a conquista da primeira colocação na Semama de Vela, enquanto em julho, os dois velejadores sagraram-se campeões estaduais do Rio de Janeiro. Ainda este ano, eles terminaram na 33ª posição entre os 51 barcos que participaram do Campeonato Nórdico, realizado em agosto, na Finlândia. Em janeiro, a dupla representará Brasília no Campeonato Brasileiro da Classe 470, em Niterói.

Atletismo do DF não oferece estrutura

Mário Cantarino

Mesquita, Magda, Amparo, Francisco — o Mancha —, Luis Carlos, foram os primeiros representantes do atletismo brasileiro a arrumar as malas e efetuar suas transferências para o atletismo paulista. Todos eram ainda da categoria juvenil, e os resultados que alcançaram nos Jogos Escolares Brasileiros, no início dos anos 80, serviram como "passaporte" para suas atuações nas pistas paulistas. Seguindo essas mesmas trilhas saíram daqui tantos e tantos valores, muitos deles atletas de nível internacional, como Valdemar Florêncio, Talvani Ribeiro, Joaquim Cruz, a irmandade Geni, Jucilene e Jamir Garcez, os irmãos Jailto e Joilto, as fundistas Carmen e Solange, os barreiristas Eronildes e Ricardo, e os corredores Déclis, Valdenor, Alexandre, Edgard e outros mais. Relacionar os nomes de todos seria até enfadonho.

A regularização da Federação Brasileira de Atletismo data de 1978, entretanto, as primeiras ati-

vidades atléticas efetuadas em Brasília são bem anteriores a essa época.

Os atletas brasileiros surgem e aperfeiçoam suas condições físicas e técnicas, nas diversas especialidades, através do treinamento sistematizado, da participação em eventos escolares, universitários e comunitários locais, das competições efetuadas pela Federação e dos confrontos nacionais e internacionais, orientados por técnicos competentes e dedicados, com a superação, por parte de todos, de inúmeras dificuldades.

Desde o Projeto Elite Brasileiro, em 1979, nada mais foi feito; nenhum projeto surgiu para sensibilizar as empresas existentes no Distrito Federal, ou então os próprios órgãos governamentais, a fim de proteger o atletismo brasileiro das investidas sobre os seus maiores expoentes atléticos, por parte dos clubes paulistas ou de outros estados, e a fim de manter esses atletas radicados em Brasília, defendendo as suas cores.

Perdurando a situação atual, resta aos técnicos brasileiros preparar seus campeões para participarem de associações de outras plagas e acenar, com lenço branco, o Adeus! aos seus atletas.

■ Mário Cantarino é presidente do Centro de Estudos de Atletismo

Figura 21 - Reportagem de Cantarino Filho

Pára - quedismo: a nova opção na UnB

Os pára-quedistas em potencial da UnB já têm uma nova opção, pois foi criado em dezembro de 83 o "Clube Desportivo Universitário de Pára-quedismo". A iniciativa é do professor Mário Ribeiro Cantarino que pretende difundir a prática deste esporte aqui na universidade. A sede é no próprio Departamento de Educação Física, e o clube já está filiado à Associação Atlética Acadêmica da UnB (AAAUnB).

Inicialmente, o clube contou com uma verba da Diretoria de Assuntos Comunitários (DAC), encaminhada através do Serviço de Apoio Cultural, que foi suficiente para financiar o curso teórico e o primeiro salto para os 30 alunos da turma inaugural. O treinamento teórico abrange o conhecimento de dobragem dos pára-quedas, aterragem, navegação, saída do avião, queda no espaço e procedimentos de emergência. O curso dura quatro fins-de-semana e as aulas são dadas no Centro Olímpico da Universidade.

PRE-REQUISITOS

Para saltar de pára-quedas, as pessoas devem estar filiadas a um clube de pára-quedismo. Em Brasília, há quatro destes clubes: "Planalto", "Planalto", "Condor", "Brasília" e "Gaivotas", este recentemente fundado pelo professor Cantarino. Os interessados devem apresentar exames médicos detalhados, ter no mínimo 15 anos e assinar um termo insentando o clube de qualquer responsabilidade. As zonas de salto mais utilizadas são Formosa e o Parque da Cidade, este último somente para pára-quedistas experientados.

Feito isso, o aluno poderá realizar seu primeiro salto ou "o grande desafio", como define o professor Cantarino. Após cinco saltos, feito em pára-quedas T-10,

semi-automáticos (com ganchos), a uma altura de 750m e velocidade de 120Km por hora, os alunos tiram o brevê. Do oitavo em diante, os saltos são de queda livre, a 1.500m do chão. Ao contrário dos sete primeiros, este é totalmente controlado pelo pára-quedista, que libera seu pára-quedas após cinco segundos de queda. O equipamento completo com macacão, capacete, botas e pára-quedas custa aproximadamente 650 mil cruzeiros. O preço da hora/vôo gira em torno de 200 mil, tempo suficiente para se executar 16 saltos. Os custos dos saltos variam ainda de acordo com a altura de lançamento.

SENSAÇÕES

Motivado pelos filhos que já saltam há algum tempo, o professor Cantarino realizou seu primeiro salto com a turma inaugural do Clube da UnB. Segundo ele, "todo primeiro salto cria um clima de euforia e grande expectativa que é logo superada pela sensação de liberdade que o salto proporciona. Saltar é como fazer um gol!" O palhaço Folia, do programa infantil Carrossel exibido pela TV Brasília, também fazia parte da turma inaugural. Ele conta que reviu passagens de sua vida, como flashes numa velocidade extraordinária, durante o seu primeiro salto. Raimundo, o palhaço, confessa que sempre foi dado a emoções fortes e grandes desafios.

Familiarizado com os mais diversos tipos de esportes, o professor não deixa de manifestar tristeza pelo pouco incentivo que os pára-quedistas recebem para financiar seu aprendizado. É um esporte caro. Seus altos custos e a maneira como é feita a programação dos saltos, fazendo com que estes se realizem muito esporadicamente, prejudicam o aperfeiçoamento técnico dos atletas. (Lilian Mandel e Thais Bastos).



Fonte: Arquivo Familiar

Figura 22 - Reportagem sobre acervo pessoal de Cantarino Filho

LIVROS

Paixão e esporte nas palavras

José Cruz
Da equipe do *Correio*

Nas prateleiras reservadas ao futebol, alguns livros do rubro-negro carioca se destacam: *Flamengo, força e alegria do povo*, de Edgar de Alencar, edição de 1975, por exemplo. Mas o professor Mário Cantarino garante que o seu time de coração é o tricolor das Laranjeiras. E, orgulhoso, mostra a *História do Fluminense*, de Paulo Coelho Netto, que conta tudo sobre o cinquentenário do clube, em 1952.

Futebol à parte, é sobre atletismo que Cantarino entende muito e ensina com paixão, área em que se pós-graduou na Universidade do Espírito Santo e, depois, na Escola Superior de Educação Física de Colônia, na Alemanha. E, enquanto estudava, colecionava livros. "Quando viajo, as livrarias e os sebos estão no meu roteiro", diz ele, orgulhoso de sua biblioteca que começou há mais de 40 anos.

Parece impossível, mas esse ex-professor — hoje com 70 anos e se dedicando ao treinamento de atletas e consultorias de atletismo — conhece a origem da maioria dos quatro mil livros, todos catalogados com a ajuda de sua mulher, Helena, com quem está casado há 44 anos.

Distribuídos por assunto nas três dependências de um apartamento de 40 metros quadrados na Asa Norte, 80% dessas publicações são sobre esportes. Algumas raríssimas, como *Manual Técnico do Atletismo*, editada em espanhol, em 1947, o livro número 1 da coleção de Cantarino.

"Esse livro é a bíblia do atletismo. Serviu de be-a-bá para muita gente, e foi escrito pelo americano F. W. Dickens", contou.

RARIDADES

Há motivos e história para isso. Logo na primeira página do "Manual" estão registradas duas datas. A primeira, de 1947, quando Cantarino ganhou a publicação. A segunda, considerada por ele a mais importante, é de 29 de agosto de 1935. "Foi a data que me devolveram o livro. Eu havia emprestado. Sabia com quem estava, mas nunca conseguia reavê-lo, o que me entristecia", recorda Cantarino. "O tempo passou e, finalmente, ele retornou à minha coleção", diz com um sorriso de quem guarda uma preciosidade.

Outra publicação importante é coleção de jornais que contam o dia-a-dia da Olimpíada de Berlim (1936). O mais raro, contudo, é *Educação Física para a Mocidade Brasileira*, edição portuguesa de 1790, escrita pelo médico Melo Franco, de Paracatu (MG). "Era uma época em que ainda não havia imprensa no Brasil", recorda Cantarino.

Antigos, ou preciosidades; obras modernas, relatórios olímpicos, artigos sobre esportes variados publicados em revistas, ou em jornais. Enfim, tudo está lá, catalogado num fichário que facilita a rápida localização. Se o assunto é esporte, nada escapa à atenção de Mário Cantarino, hoje referência nacional para atletas, alunos, professores e pesquisadores de educação física.

Valor comercial dessa coleção? "Não tem. O principal valor é o afetivo e o histórico. E, esses, não têm preço", diz Cantarino, orgulhoso de ajudar professores e alunos em constantes pesquisas. "Tudo de graça. Faça isso por esporte, com prazer", afirma.

MÁRIO CANTARINO TEM QUATRO MIL LIVROS CATALOGADOS NUMA DAS MAIORES COLEÇÕES DO PAÍS



Edição G&S 19.11.99

C Bn 13,7 2000

Fonte: Arquivo Familiar

Figura 23 - Cantarino Filho em sua Biblioteca particular



Fonte: Arquivo Familiar

Figura 24 - Pista de Atletismo do Centro Olímpico da UnB



Fonte: Arquivo Familiar

Figura 25 - Homenagem recebido do Deputado Distrital Wasny (PT)



Fonte: Arquivo Familiar

Figura 26 - Em Competição de atletismo no CIEF - Centro Interescolar de Educação Física



Fonte: Arquivo José Cruz

Figura 27 - Cantarino Filho e professores da FEF/UNB



Fonte: Retirado de Wiggers (2020)

Figura 28 - Homenagem recebida na UFES em 2014



Fonte: Arquivo Familiar

Figura 29 - Homenagem recebida em congresso do CBCE das mãos do diretor Elenor Kunz



Fonte: Arquivo Familiar

Figura 30 - Homenagem recebida no 1º Congresso internacional sobre Gestão do Esporte



Fonte: Arquivo Familiar

Figura 31 - Cantarino Filho e Márcio Wandré. Parceria que deu certo, na pista de atletismo do CIEF



Fonte: Arquivo Familiar

Figura 32 - Ipê Rosa que floriu com as cinzas de Cantarino Filho que foram depositadas em 2012, no Centro Olímpico da UnB



Fonte: Arquivo Familiar

APÊNDICE II – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1. Como você conheceu Cantarino Filho?
2. Qual a Importância de Cantarino Filho para a Educação Física Brasileira?
3. Qual a Importância de Cantarino Filho para a Educação Física Brasileira?
4. Qual a importância de Cantarino Filho para o Esporte?
5. Qual a importância de Cantarino Filho para o Atletismo Brasileiro e Internacional?
6. Qual a Importância de Cantarino Filho para a Faculdade de Educação Física da UnB?
7. Como você enxerga o posicionamento pessoal de Cantarino Filho através de sua produção intelectual?
8. Como Você enxerga o posicionamento pessoal de Cantarino Filho através de sua atuação como treinador esportivo?
9. Como você enxerga o posicionamento pessoal de Cantarino filho através de sua relação íntima e seus valores?
10. O que mais Cantarino pode ter contribuído para uma perspectiva progressista na EF de modo geral?